

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Bruna Cezario Soares

**VERBOS SERIAIS EM WA'IKHANA (TUKANO ORIENTAL): UMA ABORDAGEM
CONSTRUCIONISTA**

Rio de Janeiro

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Bruna Cezario Soares

**VERBOS SERIAIS EM WA'IKHANA (TUKANO ORIENTAL): UMA ABORDAGEM
CONSTRUCIONISTA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: **Prof. Dr. Diogo Pinheiro**

Coorientadora: **Profa. Dra. Kristine Stenzel**

Linha de Pesquisa: **Gramática de Construções Baseada no Uso**

Rio de Janeiro
2025

CIP - Catalogação na Publicação

C425v CEZARIO SOARES, BRUNA
 VERBOS SERIAIS EM WA' IKHANA (TUKANO ORIENTAL):
 UMA ABORDAGEM CONSTRUÇÃO / BRUNA CEZARIO
 SOARES. -- Rio de Janeiro, 2025.
 142 f.

 Orientador: Diogo Pinheiro.
 Coorientadora: Kristine Stenzel.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
 de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
 Graduação em Linguística, 2025.

 1. línguas tukano oriental. 2. wa'ikhana. 3.
 línguas indígenas. 4. gramática de construções. 5.
 linguística baseada no uso. I. Pinheiro, Diogo,
 orient. II. Stenzel, Kristine, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

VERBOS SERIAIS EM WA'IKHANA (TUKANO ORIENTAL): UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA

Bruna Cezario Soares

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Examinada por:

Presidente, Professor Doutor Diogo Pinheiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora Doutora Lilian Ferrari
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Doutor Diego Leite de Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora Doutora Luisa Andrade Gomes Godoy
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Professora Doutora Rosângela Gomes Ferreira
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Professor Doutor Vitor de Moura Vivas, suplente
Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro

Professor Doutor Roberto de Freitas Jr., suplente
Universidade Federal do Rio de Janeiro

“Your hopes have become my burden. I will find my own liberation...” – Blake Belladonna |
RWBY

Aos povos indígenas e a todos aqueles que resistem e persistem todos os dias

AGRADECIMENTOS

Fazer um doutorado em meio a uma pandemia, mil mudanças de vida e um diagnóstico de autismo requer uma seção de agradecimentos infinita, pois são muitos aqueles que permitiram que eu chegassem até aqui. No entanto, pontuo aqui aqueles que mais estavam próximos nessa longa jornada.

Primeiramente, preciso agradecer aos Orixás e a minha espiritualidade que deram caminho para iniciar e finalizar essa pesquisa e tese, além de tantas outras conquistas em minha vida.

Ao amor da minha vida, minha esposa Raíssa, obrigada por não me deixar desistir e me ajudar a encontrar forças para continuar mesmo quando nada parecia ter mais sentido. Obrigada por me mostrar que a vida é muito mais que academia e o trabalho (e olha que você só sabe trabalhar e estudar). Você traz todos os dias caminho e luz para minha vida e, com a tese, não foi diferente. Se encontrei uma saída, foi graças ao seu apoio incondicional.

A meus pais agradeço não apenas a vida, mas também ao apoio incondicional vindo de diferentes formas. A meu pai, com quem sempre pude conversar, rir e reclamar de modo leve e divertido, obrigada por mesmo longe, estar sempre aqui. A minha mãe, quem me trouxe já antes mesmo de nascer para vida acadêmica e que me fez crescer entre livros, literatura e linguística, obrigada sempre!

A minha melhor amiga Monique, que esteve desde sempre comigo nessa jornada acadêmica, ouvindo choros e desesperos. Obrigada por acreditar em mim e me lembrar de continuar escrevendo.

A meus consultores indígenas Wa’ikhana, sem os quais não haveria nenhuma pesquisa. Vocês foram incansáveis no trabalho e me receberam tão bem em suas casas e cidade, muito obrigada por tudo! Em especial, Marcelino Cordeiro, Edgar Cardoso e Pedro Góes, vocês estão sempre em minhas histórias e lembranças. Se sinto vontade de voltar ao campo, é para rever esses amigos queridos.

A meus orientadores, Diogo Pinheiro e Kristine Stenzel, meus eternos agradecimentos por tudo que me ensinaram, mas principalmente por não desistir de mim, quando eu já tinha quase desistido.

Resumo

Esta tese apresenta uma descrição e análise das construções com verbos seriais na língua Wa'ikhana, pertencente à família Tukano Oriental, a partir do arcabouço teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso. Com base em dados primários do Acervo Linguístico-Cultural do Povo Wa'ikhana e em dados de campo, a pesquisa investiga quantas e quais construções seriais existem na língua, suas distinções em relação a outras construções multi-verbais, os processos fonológicos envolvidos, os tipos de verbos e suas distribuições nos diferentes slots das construções, e as possíveis construções semipreenchidas que formam redes de relações dentro do *constructicon* da língua. O estudo também se apoia em comparações tipológicas com línguas parentes como Kotiria, Tukano e Tatuyo. Para além da análise linguística, a pesquisa contribui para a documentação, preservação e revitalização da língua Wa'ikhana, atualmente em risco de desaparecimento, e para o avanço dos estudos tipológicos sobre verbos seriais em línguas amazônicas. A tese inclui, ainda, uma análise de narrativa produzida por um falante da língua, o professor Marcelino Cordeiro, evidenciando o uso real das construções estudadas.

Palavras-chave: Wa'ikhana, verbos seriais, línguas Tukano Oriental, Gramática de Construções Baseada no Uso, tipologia linguística, *constructicon*, línguas indígenas, Alto Rio Negro, documentação linguística, revitalização.

Abstract

This dissertation presents a description and analysis of serial verb constructions in the Wa'ikhana language, which belongs to the Eastern Tukanoan family, based on the theoretical framework of Usage-Based Construction Grammar. Drawing on primary data from the Linguistic-Cultural Archive of the Wa'ikhana People and fieldwork data, the research investigates how many and which serial constructions exist in the language, their distinctions from other multiverb constructions, the phonological processes involved, the types of verbs and their distributions across the different slots in the constructions, and the possible semi-schematic constructions that form networks of relationships within the language's constructicon. The study also includes typological comparisons with related languages such as Kotiria, Tukano, and Tatuyo. Beyond linguistic analysis, the research contributes to the documentation, preservation, and revitalization of the Wa'ikhana language, which is currently endangered, and to the advancement of typological studies on serial verbs in Amazonian languages. The thesis also includes an analysis of a narrative produced by a speaker of the language, Professor Marcelino Cordeiro, highlighting the actual use of the studied constructions.

Keywords: Wa'ikhana, serial verbs, Eastern Tukanoan languages, Usage-Based Construction Grammar, linguistic typology, constructicon, Indigenous languages, Upper Rio Negro, language documentation, revitalization.

Resumé

Cette thèse présente une description et une analyse des constructions à verbes sériels dans la langue wa'ikhana, appartenant à la famille tukano orientale, à partir du cadre théorique de la **grammaire des constructions basée sur l'usage**. À partir de données primaires issues du Fonds linguistique et culturel du peuple wa'ikhana et de données de terrain, la recherche examine combien et quelles constructions sérielles existent dans la langue, leurs distinctions par rapport à d'autres constructions multiverbales, les processus phonologiques impliqués, les types de verbes et leur distribution dans les différents emplacements des constructions, ainsi que les constructions semi-schématiques possibles formant des réseaux de relations dans le constructicon de la langue. L'étude s'appuie également sur des comparaisons typologiques avec des langues apparentées telles que le kotiria, le tukano et le tatuyo. Au-delà de l'analyse linguistique, la recherche contribue à la documentation, à la préservation et à la revitalisation de la langue wa'ikhana, actuellement en danger de disparition, ainsi qu'à l'avancement des études typologiques sur les verbes sériels dans les langues amazoniennes. La thèse comprend également une analyse d'un récit produit par un locuteur de la langue, le professeur Marcelino Cordeiro, mettant en évidence l'usage réel des constructions étudiées.

Mots-clés : Wa'ikhana, verbes sériels, langues tukano orientales, grammaire des constructions basée sur l'usage, typologie linguistique, constructicon, langues autochtones, Haut Rio Negro, documentation linguistique, revitalisation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da região da bacia do Uaupés, destacando o território Wa'ikhana e as cidades Iauaretê e São Gabriel da Cachoeira. (EPPS & STENZEL, 2013: 10-11) Marcações minhas.

Figura 2.2. Propriedades da construção

Figura 2.3: Rede das orações subordinadas relativas

Figura 2.4: Rede com as construções relativas, incluindo níveis mais baixos, lexicalmente mais específicos.

Figura 2.5: Correlação inversa entre links sequenciais e de construção

Figura 3.1 – Comportamento da melodia tonal em uma serialização em Kotiria

Figura 3.2 – Comportamento da melodia tonal em Barasana em serializações com duas e três raízes

Figura 4.1 – Print de vídeo utilizado como estímulo

Figura 4.2 – Print de vídeo utilizado como estímulo

Figura 4.3 – Imagem da história *Procurando Caraná*

Figura 4.4 – Print do programa ELAN com transcrição e tradução da narrativa *Indo buscar açaí* do professor Marcelino Cordeiro, baseada nas figuras da história *Procurando Caraná*

Figura 4.5 – Print do programa FleX com análise da narrativa *Indo buscar açaí*

Figura 4.6 – Explicação sobre morfemas de singular e plural masculino e feminino

Figura 4.7 – Desenho ilustrado com diálogo

Figura 4.8 – Ilustração e texto em Wa'ikhana com exemplos de singular e plural no masculino e feminino

Figura 5.1. Melodia tonal no Praat de *ohon̩n̩ha' taye*

Figura 5.2. Melodia tonal no Praat da palavra *tikido* “ele/aquele”.

Figura 5.3. Melodia tonal no Praat da palavra *inābohkaya*

Figura 5.4. Melodia tom no praat do verbo *wa'a* ‘ir’.

Figura 5.5. Melodia tonal no Praat da serialização *wa'aduhkuaye*.

Figura 5.6 – Espectograma de *wihp̩ne nena wa'una* (construção de verbo auxiliar)

Figura 5.7 – A rede construção de verbos seriais

Figura 5.8 – Links por semelhança de família das cinco construções de verbo seriais

Figura 5.9 – *Links* à uma construção mais abstrata

Figura 5.10 – *Links* lexicais entre duas construções esquemáticas com o verbo *wa'a* e o próprio item verbal *wa'a*

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1 – O *continuum* léxico-sintaxe

Quadro 4.1 – Palavras reduzidas e completas

Quadro 4.2 – Verbos de ação (*slot 1*) + verbos de movimento (*slot 2*)

Quadro 4.3 – Verbos estativos e de processo (*slot 1*) + verbo *wa'a* “ir”

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Gravação da narrativa baseada na história Procurando Caraná com o professor Marcelino Cordeiro

	Tabela de glosas	LOC	locativo
ANPH	anafórico	NEG	negação
AFFEC	afetado	NMLZ	nominalizador
ATTRIB	atributivo	NVIS	(evidencial) não-visual
AUM	aumentativo	PFV	perfectivo
CLF	classificador	PL	plural
CONTR	contrastivo	POSS	possessivo
COP	cópula	PRES	(evidencial) presumido
DEIC	dêitico	PROG	progressivo
DIST	distal	PROX	próximo
DUR	durativo	REP	(evidencial) reportado
EMPH	ênfase	SG	singular
FEM	feminine	SGF	singular feminino
FRUS	frustrativo	SWRF	<i>switch reference</i>
INDF	indefinido	VBZ	verbalizador
INS	instrumental	VIS	(evidencial) visual
IPFV	imperfectivo		
IRR	irrealis		

Sumário

Sumário

1 INTRODUÇÃO	18
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	23
2.1 A organização do conhecimento linguístico na Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU).....	23
2.2. Conhecimento e uso para a GCBU	27
3 REVISÃO DA LITERATURA – VERBOS SERIAIS EM UMA PERSPECTIVA TIPOLÓGICA	32
3.1. Serialização verbal – o conceito.....	32
3.2. Tipos de verbos seriais	37
3.3. Verbos seriais em línguas Tukano Oriental	40
4 METODOLOGIA	50
4.1. Acervo e dados analisados durante meu mestrado.....	50
4.2. Viagem de campo e coleta de dados	51
4.3. Análise à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso	61
4.4. Apresentação dos dados	63
5 ANÁLISE	64
5.1. Características fonológicas dos verbos seriais em Wa’ikhana	65
5.2. Construções com verbos seriais vs. Construções com verbos auxiliares	69
5.3. As diferentes construções seriais	73
5.4. As serializações verbais e suas relações na rede construcional.....	76
5.4 Links entre as construções	89
Figura 5.9 – <i>Links</i> a uma construção mais abstrata.....	90
Figura 5.10 – <i>Links</i> lexicais entre duas construções esquemáticas com o verbo <i>wa’á</i>	91
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94
Apêndice 1	97

1 INTRODUÇÃO

Esta tese tem como objetivo apresentar uma descrição e análise dos verbos seriais na língua Wa'ikhana – da família Tukano Oriental –, à luz da teoria da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 1984, 2001; CROFT, 2001; BYBEE 2010; DISSSEL, 2019). Uma construção de verbos seriais pode ser definida como uma sequência de vários verbos que atuam juntos como um predicado simples (AIKHENVALD, 2018, p. 1). Os verbos seriais são muito produtivos e bem reconhecidos nas línguas Tukano Oriental (STENZEL, 2007, p. 275); nestas línguas, duas (ou mais) raízes podem formar uma única palavra verbal. Nos dados abaixo, podemos ver que existe uma sequência de raízes que recebe um morfema verbal ao final: em (1), *-aye*, que é um evidencial¹ (um tipo de sufixo verbal da língua) e, em (2), *-gu*, um tipo de nominalizador.

(1) <i>tido yuhkusagã kuñaduhkuaye tima pito</i>	<i>ti-do</i>	<i>yuhku-</i>	<i>kuña-duku-aye</i>	<i>ti-~baa</i>	<i>Pito</i>
		<i>~ga</i>			
	ANPH-	canoa-DIM	estar.no.chão-ficar.em.pé-	ANF-	boca.de.igarapé
	SG		REP:DIST	igarapé	
'A canoinha dele estava na boca daquele igarapé.'					

(2) *sheedo dihia, tu'osuña*
 seedo dihi-u-a ***tu'o-sua-gu***
 devagar descer-VIS.PFV.1-ENF escutar-entrar.no.mato-1/2SGM
 'Desci devagar, escutando e entrando no mato (segundo o som do macaco).'

Na literatura sobre verbos seriais em línguas Tukano Oriental (TO), há estudos sobre a relação semântica entre os verbos participantes e as diferentes interpretações que diversas combinações podem receber (STENZEL, 2007, p. 275). Givón (1991, p. 82-83) afirma que, nas línguas do mundo, as serializações podem ter como função (i) marcação de caso, (ii) co-lexicalização verbal, (iii) marcação deôntica- direcional, (iv) marcação de tempo aspecto e (v) marcação evidencial e epistêmica. Nas línguas Tukano Oriental, a função de cada serialização depende das raízes que aparecem e da posição em que elas estão.

¹ A evidencialidade em Wa'ikhana é o tema da minha dissertação de mestrado (Cezario, 2019).

Segundo a linha teórica adotada, as construções linguísticas são pareamento forma e função (Croft, 2001) e são conectadas a outras construções por diferentes tipos de links formais e funcionais. Tais construções são específicas de cada língua e são criadas a partir do uso de outras construções na comunicação linguística. O conjunto de todas as construções linguísticas formam o *constructicon* da língua, que está sempre sendo modificado pelo uso, à medida em que construções são criadas, modificadas ou deixadas de serem usadas.

No *constructicon* da língua Wa'ikhana, interessa-nos aqui sobretudo as construções com verbos seriais, que, nessa língua, são formados por duas raízes. Stenzel (2007) descreve três papéis diferentes para as construções de verbos seriais: (i) expressar causa e efeito, (ii) funcionar como adverbial e (iii) ter papel modal. Nesta tese, utilizando o modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso, as análises preliminares de Stenzel e a análise dos dados que coletei, argumento que existem diferentes construções com verbos seriais na língua Wa'ikhana, todas conectadas por diferentes tipos de links, como veremos no capítulo da Análise.

Baseando-me em uma comparação tipológica com análises de verbos serializados em línguas parentes, como Kotiria (STENZEL, 2007, 2013), Tukano (RAMIREZ, 1997) e Tatuyo (GOMEZ-IMBERT, 1988), e também nos primeiros estudos realizados sobre o assunto em Wa'ikhana (STENZEL, 2007), apresento os principais objetivos da análise a seguir:

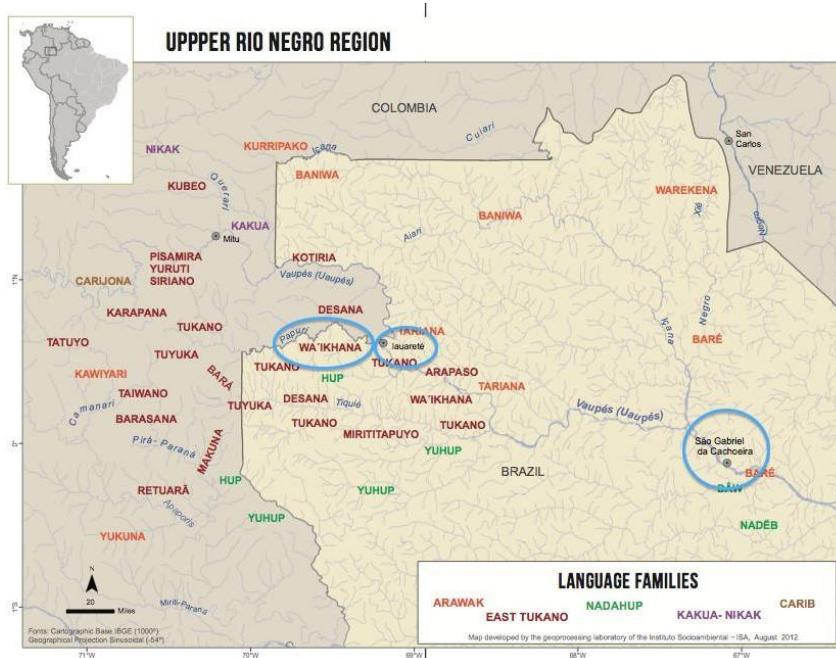
1. verificar quantas construções e que tipos de construções com verbos seriais há na língua Wa'ikhana;
2. diferenciar a construção de verbos seriais de outras construções multi-verbais (construções que envolvem mais de uma raiz verbal);
3. apresentar, com base em descrições de línguas parentes, os processos fonológicos que indicam que um verbo serializado é apenas uma palavra fonológica;
4. verificar quais itens verbais e que tipos semânticos de verbos são possíveis em cada posição – *slot 1* (raiz à esquerda) e *slot 2* (raiz à direita) das construções com verbos seriais, evidenciando assim os links sequenciais das construções (DIESSEL, 2019);
5. verificar quais verbos são mais frequentes em cada *slot* e postular construções semipreenchidas;
6. analisar e descrever a forma e função de cada construção semipreenchida postulada;

7. e interligar em uma rede taxonômica as construções a uma (ou mais) construções abstratas existentes no *constructicon* do falante.

Para dar conta dos objetivos da tese, utilizo dados primários do ACERVO LINGUÍSTICO-CULTURAL DO POVO WA’IKHANA, disponíveis no banco de dados do SOAS, o ELAR – Endangered Languages Archive. Uso também dados coletados em viagens de campo, financiadas pelo projeto Estrutura Gramatical e Práticas Multilíngues Sob a Lente da Interação Cotidiana e pelo CNPq.

Os Wa'ikhana são um povo de dupla nacionalidade (75% da população, totalizando 1325 indivíduos, vive no Brasil e 25% (totalizando 400 indivíduos), na Colômbia²,) e seu território cobre parte do rio Papurí, que faz a fronteira do Brasil e da Colômbia, e do rio Makú Paraná. Porém, grandes levas de migrações fizeram os Wa'ikhana se dispersarem desse território e irem para a cidade de Iauaretê – na confluência do Papurí com o Uaupés –, para comunidades do médio rio Uaupés, para São Gabriel da Cachoeira e para comunidades ao sul de São Gabriel, no Rio Negro (STENZEL, 2005, p. 22).

Figura 1 – Mapa da região da bacia do Uaupés, destacando o território Wa'ikhana e as cidades Iauaretê e São Gabriel da Cachoeira.



² Fonte: Povos Indígenas do Brasil <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/pira-tapuya>>, acessado 10/09/2018.

Fonte: EPPS & STENZEL, 2013, p10-11. Marcações minhas.

Por causa de diversos fatores, dentre eles, essa intensa migração dos Wa'ikhana e a forte presença do Tukano como língua franca na região, a língua Wa'ikhana está sendo cada vez menos falada e tem risco de desaparecer. Assim, além dos objetivos ligados ao fenômeno linguístico escolhido, com meu trabalho objetivos mais abrandentes, mas não menos importantes, podem ser atingidos: ajudar na sua preservação e possível revitalização e contribuir para futuros estudos de comparação linguística.

Durante o doutorado, participei da produção do livro pedagógico da língua Wa'ikhana (STENZEL et. al., 2024). Esse livro feito com a coparticipação de professores e outros falantes Wa'ikhana para ser utilizado como material de ensino em escolas indígenas. O livro se propõe a oferecer uma base de estudos tanto para falante da língua como L1, quanto para aqueles que a têm como L2, uma vez que muitas das crianças não mais aprendem o Wa'ikhana como primeira língua.

A literatura sobre Wa'ikhana é restrita. Além do trabalho comparativo com Kotiria, de Stenzel (2007) já citado acima sobre construções seriais, existem alguns trabalhos representativos, como o estudo sobre a fonologia da língua de Klumpp e Klumpp (1973); um dicionário com uma *sketch-grammar*, de Waltz (2012); e o estudo de Stenzel e Demolin (2013) sobre traços laringais em Kotiria e Wa'ikhana. Além disso, meu projeto de mestrado, no qual tive pela primeira vez contato com a língua, teve como objetivo descrever e analisar a evidencialidade em Wa'ikhana, usando como parte do arcabouço teórico alguns princípios da Gramática de Construções (CEZARIO, 2019). As categorias de evidenciais também são apresentadas em Cezario (2020a). Segundo este modelo teórico, há um artigo publicado durante meu mestrado sobre um tipo de evidencial dessa língua – o INFERENCIAL –, que, ao contrário dos outros existentes na língua, não é um sufixo verbal, mas sim uma construção sintática (CEZARIO; BALYKOVA; STENZEL, 2018). Há ainda um capítulo com estudos iniciais sobre verbos seriais (CEZARIO, 2020b).

Esta pesquisa, portanto, se apresenta como uma contribuição para a descrição e análise da língua Wa'ikhana, uma vez que, pela primeira vez, verbos seriais estão sendo analisados extensivamente nesta língua e à luz da Gramáticas de Construções Baseada no Uso. Também é uma contribuição para os estudos tipológicos sobre verbos seriais, principalmente, de línguas Tukano Oriental e de outras línguas da região do Alto Rio Negro. A tese é estruturada da seguinte forma: o capítulo 2 traz os pressupostos teóricos

utilizados; o capítulo 3 apresenta uma revisão da literatura sobre verbos seriais numa perspectiva tipológica; o capítulo 5 volta-se para a análise dos dados reais coletados por mim em diferentes viagens de campo durante o doutorado, buscando trazer contribuições importantes para o estudo construcional da língua; em seguida, estão os capítulos 6 e 7 com as considerações finais e as referências bibliográficas. A tese também traz um apêndice com a análise de uma narrativa criada pela professor Wa'ikhana Marcelino Cordeiro, que foi base para grande parte da análise desta tese.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A abordagem teórica utilizada nesta análise é a Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG 1995, 2006; CROFT 2001; BYBEE 2010; TRAUGOTT & TROUSDALE 2013), doravante GCBU. Essa visão teórica, por um lado, assume que o conhecimento linguístico do falante é um inventário estruturado de unidades simbólicas (as construções) e, por outro, reconhece que a competência linguística emerge e é continuamente moldada pelo uso. Este capítulo se concentra, precisamente, sobre essas propriedades do modelo, que são apresentadas, respectivamente, nas seções 2.1 e 2.2.

2.1 A organização do conhecimento linguístico na Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU)

O conhecimento linguístico do falante, de acordo com a GCBU, consiste em um complexo inventário de construções, que, por sua vez, são definidas como pareamentos de forma e significado. Este inventário, chamado de *constructicon*³ (HOFFMANN & TROUSDALE 2013, p. 3), contém “milhares de unidades simbólicas (isto é, construções gramaticais) de todos os tipos: de palavras a padrões entoacionais, passando por esquemas morfológicos, estruturas sintáticas semipreenchidas e padrões sintáticos inteiramente abertos” (PINHEIRO, 2016). Esta abordagem refuta, assim, uma divisão rígida entre o léxico e a sintaxe.

As construções lexicais e as construções sintáticas diferem na sua complexidade interna, assim como no grau em que de especificação da sua forma fonológica, mas tanto as construções sintáticas quanto as lexicais constituem, essencialmente, o mesmo tipo de estrutura de dados representada declarativamente: ambas pareiam a forma e o significado⁴. (GOLDBERG 1995, p. 7)

O quadro abaixo mostra exemplos dos diferentes tipos de construções, de acordo com Goldberg (2013: 17). Podemos observar que são consideradas construções tanto palavras preenchidas completamente com material fonético, como *banana*, *outro*, *ler*, *bonito*, quanto estruturas mórficas (palavras) parcialmente preenchidas, como *Verbo-ndo*

³ Uma fusão entre as palavras inglesas *construction* ('construção') e *lexicon* ('léxico').

⁴ No texto original, “Lexical constructions and syntactic constructions differ in internal complexity, and also in the extent to which phonological form is specified, but both lexical and syntactic constructions are essentially the same type of declaratively represented data structure: both pair form with meaning”.

(gerúndio) ou Substantivo-s (plural). Esse conceito de construção será basal para a análise dos verbos seriais em Wa’ikhana desta tese, uma vez que construções seriais nesta língua formam uma única palavra verbal formada por diferentes raízes e morfemas.

Além de palavras, temos no quadro construções idiomáticas completamente preenchidas e parcialmente preenchidas, como, respectivamente, *SUJ. pisar na bola* e *partiu X*. E ainda estruturas sintáticas, como Sujeito-Verbo-Objeto ou a estrutura passiva Sujeito + Aux. + Verbo no Particípio + Agente da passiva.

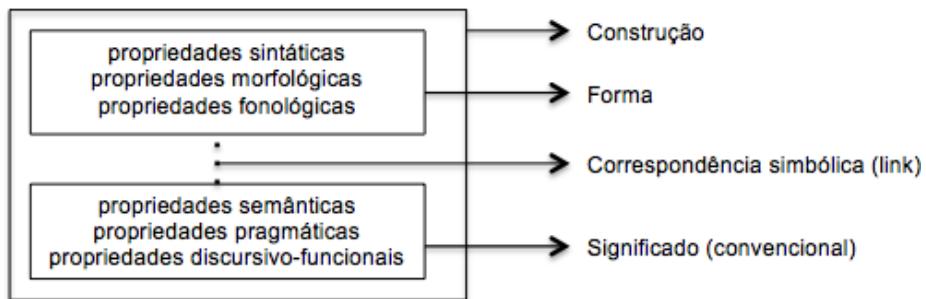
Quadro 2.1 – O *continuum* léxico-sintaxe

Construção	Exemplo
Palavra	<i>Gato, falar, banana</i>
Palavra (parcialmente preenchida)	<i>pré-N, V-ndo</i>
Expressão (preenchida)	<i>Maria vai com as outras; Deus no comando</i>
Expressão (parcialmente preenchida)	<i>SUJ. pisar na bola</i>
Expressão (minimamente preenchida)	
Construção bitransitiva: Subj V Obj1 prep Obj2	<i>Ele deu um presente a namorada</i>
Passiva: Subj aux Vpp (prep Agente) (não preenchida)	<i>O cachorro foi atropelado pelo carro</i>

Fonte: adaptado de GOLDBERG, 2013, p. 17.

A GCBU também propõe que não há distinção (teoricamente relevante) entre semântica e pragmática. Desse modo, tanto os aspectos semânticos quanto os pragmáticos fazem parte do polo do significado. Croft (2001) propõe que as propriedades das construções sejam divididas em seis: três para o polo da forma e três para o polo do significado, como representado na Figura 2.2.

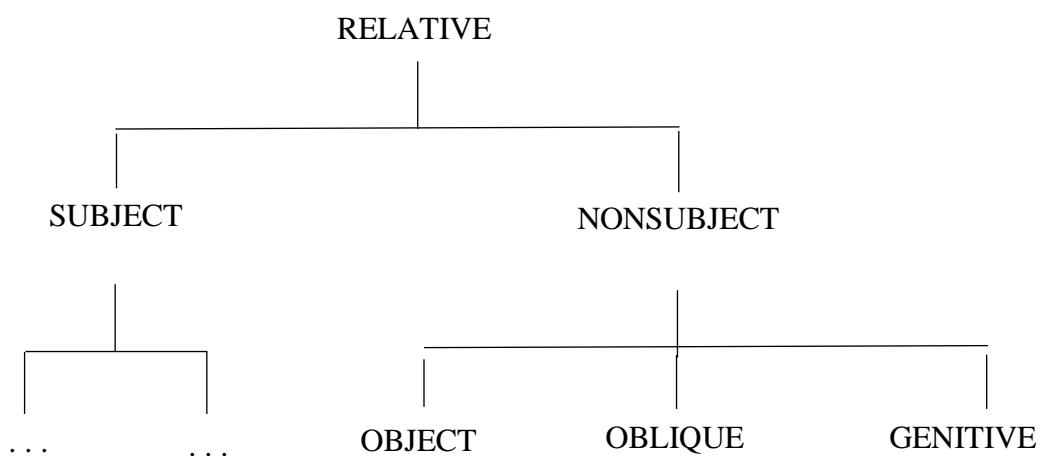
Figura 2.2. Propriedades da construção



Fonte: adaptado de CROFT, 2001, p. 18.

No *constructicon*, todas as construções de uma língua estão conectadas por diferentes tipos de link, formando uma rede construcional. Essa rede tem organização hierárquica. Isso pode ser visto na figura 2.3, em que as construções mais específicas aparecem abaixo das construções menos específicas. O tipo de link que conecta as construções mais e menos específicas são chamados de links taxonômicos. Esse tipo de rede será fundamental para a análise apresentada nesta tese, uma vez que buscaremos mostrar as relações construcionais entre diferentes verbos seriais na língua Wa'ikhana.

Figura 2.3: Rede das orações subordinadas relativas



Fonte: adaptado de Diessel, 2019, p. 45)

Em contraste com os links taxônicos, links construcionais ligam construções que pertencem ao mesmo nível hierárquico. Diessel (2019) afirma que esses links podem conectar um conjunto de palavras ou um conjunto de padrões abstratos, tanto por razões semânticas, quanto por afinidades formais. Por exemplo, palavras como “dar”, “emprestar” e “receber” estariam conectadas por links construcionais, pois se trata de três verbos que compartilham a função de transferir algo. O mesmo ocorre com estruturas esquemáticas (padrões mais abstratos). Por exemplo, a construção bitransitiva em inglês, com dois objetos diretos (“to give someone something”) e a construção dativa com “to” (to “give something to someone”) estão conectadas na medida em que as duas evocam um sentido de transferência de alguma coisa a alguém.⁵

É importante ressaltar que os links construcionais não se restringem a afinidades semânticas, podendo envolver ainda contrastes semânticos. Em outras palavras, antônimos como “dia” e “noite” também podem ser estar conectados por um link construcional. Mais uma vez, o mesmo vale para construções sintáticas (DIESSEL, 2019; GOLDBERG, 2006).

Links construcionais dão origem a famílias construcionais (DIESSEL, 2019). Por exemplo, pode-se argumentar que “dar”, “emprestar”, a construção bitransitiva e a construção dativa formam uma família de “construções de transferência”. Mais relevantes para a pesquisa aqui apresentada, no entanto, são os casos em que os links entre as construções exibem uma estrutura de semelhança de família (*family resemblance*). Categorias de semelhança de família, que estão bem documentadas nos domínios da fonologia (BYBEE; MODER, 1983; BYBEE, 2001), semântica lexical (FILLMORE, 1982; GEERAERTS, 2010) e sintaxe (GOLDBERG, 2006, cap. 9; ACUÑA- FARINA, 2006), são categorias que resistem à definição clássica – ou seja, definições baseadas em condições necessárias e suficientes para criação de uma categoria.

A definição de semelhança de família será fundamental para análise desta tese, pois sustentaremos que as construções seriais em Wa’ikhana estão conectadas por links de semelhança de família. Nesse sentido, argumentaremos que, embora não possam ser agrupadas por meio de um conjunto de características que formem uma definição

⁵ Embora esta tese tenha usado a expressão “link construcional” de Diessel (2019), há uma diferença entre o uso que fazemos e o dele, pois Diessel distingue entre lexemas (palavras monomorfêmicas) e construções (unidades linguísticas com estrutura constituinte interna). Essa oposição fundamental o leva a assumir uma distinção entre links lexicais, que existem entre lexemas, e links construcionais, que capturam a relação entre as construções (de Diessel). Nesta tese, não assumimos as distinções terminológicas entre lexemas e construções.

(condições necessárias e suficientes), elas estão relacionadas com base em afinidades locais (cf. capítulo 5, seção 5.4).

Por fim, links sequenciais são relações que conectam as partes componentes de uma unidade maior (DIESSEL, 2019). Por exemplo, a palavra “reescrever” é composta de dois morfemas, “re-” e “escrever”. Assim, pode-se dizer (metaforicamente) que, no interior da construção “reescrever”, um link sequencial mantém os dois morfemas unidos. Essa ideia, entretanto, aplica-se muito além do nível morfológico; por exemplo, podemos assumir que existem links sequenciais entre as palavras que compõem expressões idiomáticas como “de repente” e “sem eira nem beira”.

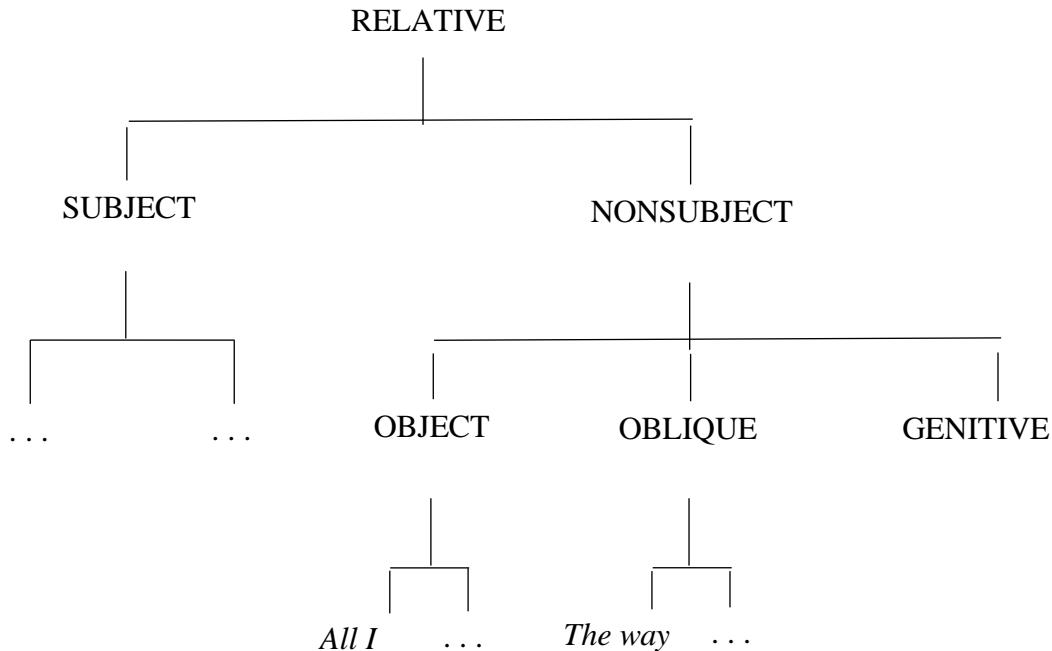
Em suma, a GCBU assume que o conhecimento linguístico do falante é formado um inventário estruturado de pares forma-significado interconectados (isto é, construções). Embora muitos tipos diferentes de links possam existir na rede de construções (DIESSEL, 2019), apenas três deles serão considerados aqui: links taxonômicos, links construcionais e links sequenciais. Destacamos que esse tipo de análise ainda não foi feita nas análises da língua aqui estudada.

2.2. Conhecimento e uso para a GCBU

Uma característica definidora da Gramática de Construções (GC) é a ideia de que a experiência linguística do falante (desempenho) afeta diretamente seu conhecimento subjacente (competência). Embora essa sugestão não seja nova, muito pode ser obtido com a incorporação dessa ideia na arquitetura de um modelo baseado em rede como a GC.

Uma das afirmações mais fundamentais da GCBU é que a exposição repetida a estímulos linguísticos fortalece sua representação na memória, o que acarreta a possibilidade de uma representação redundante. Por exemplo, os linguistas baseados no uso assumem que os falantes armazenam diretamente os verbos regulares flexionados que encontram com frequência, mesmo nos casos em que o verbo em questão pode ser licenciado por construções mais esquemáticas (DIESSEL, 2019; BAAYEN, 2003; BYBEE, 2001). Da mesma forma, construções sintáticas lexicalmente específicas podem ser representadas diretamente na rede, desde que possam mostrar alta frequência de token. Isso pode ser ilustrado com uma expansão da figura 2.4:

Figura 2.4: Rede com as construções relativas, incluindo níveis mais baixos, lexicalmente mais específicos.



Fonte: DIESSEL, 2019, p. 45

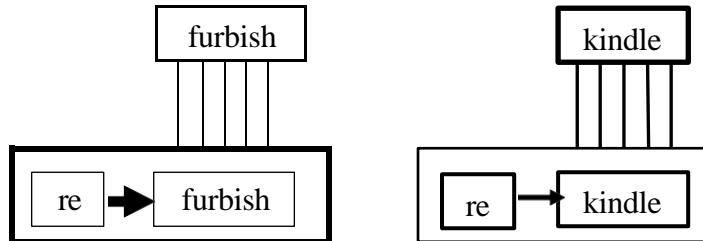
Na figura 2.4, as construções na parte inferior do diagrama são cláusulas relativas parcialmente pré-fabricadas. A razão pela qual tais unidades são incluídas na representação é meramente estatística (e não gramatical): elas refletem o fato de que os falantes podem reter sequências particularmente frequentes na memória, independentemente de serem descritivamente úteis.

Interessantemente, a experiência linguística do falante pode produzir efeitos também nos links entre as construções (e não apenas nas construções em si mesmas). Em relação a esses efeitos, a ideia fundamental é a de que quanto mais frequentemente duas unidades coocorrerem, mais forte será o link sequencial entre elas. Portanto, sequências prontas, como “Muito obrigado” ou “Como vai?”, exibirão uma forte ligação sequencial entre suas partes componentes: Muito → Obrigado; Como → vai.

Curiosamente, porém, existe uma correlação inversa entre links sequenciais e links construcionais (DIESSEL, 2019). Em outras palavras, quanto mais forte for o link (sequencial) entre as partes componentes de uma determinada unidade, mais fraco será o link (construcional) entre esta unidade e outras unidades (formalmente e/ou

semanticamente) semelhantes. Com base em dados experimentais de Hay (2001), Diessel (2019) representa essa correlação da seguinte maneira:

Figura 2.5: Correlação inversa entre links sequenciais e de construção



Fonte: DIESSEL, 2019, p. 76

Esta figura representa visualmente uma série de fatos empíricos: (i) a palavra derivada *refurbish* “reformar” é mais frequente do que a palavra primitiva *furbish* “polir” (daí a linha mais grossa no retângulo com *refurbish*, em comparação com o retângulo *furbish*); (ii) a palavra primitiva *kindle* “acender” é mais frequente do que a palavra derivada *rekindle* “reacender” (daí a linha mais grossa no retângulo *kindle*, em comparação com o retângulo *rekindle*); (iii) a palavra derivada *refurbish* é mais frequente do que a palavra derivada *rekindle* (daí a linha mais grossa no retângulo *refurbish*, em comparação com o retângulo *rekindle*); e (iv) como resultado de (iii), o morfema “re-” ocorre mais frequentemente com a base *furbish* do que com a base *kindle* (daí a linha mais grossa na seta que vai de “re-” para *furbish*, em comparação com a que vai de “re-” para *kindle*).

Como o diagrama mostra, a relação entre links sequenciais e construcionais é de proporcionalidade inversa. Enquanto em *furbish* / *refurbish* vemos um link sequencial forte (entre *re-* e *furbish*) e links construcionais fracos (entre a base *furbish* e a palavra independente *furbish*), em *kindle* / *rekindle* vemos um link sequencial fraco (entre *re-* e *kindle*) e links construcionais fortes (entre a base *kindle* e a palavra independente *kindle*).

Dada a frequência simbólica relativamente alta, bem como a conexão relativamente forte entre seus morfemas, *refurbish* tende a ser reconhecido pelo falante como um todo integrado. Com isso, a ideia de que *refurbish* deriva de *furbish* começa a se desvanecer (ou seja, *refurbish* passa a ser cada vez mais facilmente reconhecido como uma palavra inanalisável). Quando se trata de *kindle* e *rekindle*, no entanto, ocorre o inverso: como a palavra derivada é menos frequente que a primitiva, suas partes

componentes não são tão estreitamente integradas. Como resultado, neste caso, a palavra derivada é mais claramente reconhecida como sendo composta por seus constituintes morfológicos. Como revela uma breve inspeção da figura 2.5, esta é precisamente a situação que pode ser modelar por meio de uma rede na qual tanto os nós e quanto os links são sensíveis a efeitos de frequência.

Essa relação inversa entre links sequenciais e construcionais pode explicar o fenômeno da autonomia construcional (DIESSEL, 2019; BYBEE, 2010; HOPPER & TRAUGOTT, 2003; BYBEE & SCHEIBMAN, 1999). A figura 2.5 retrata uma situação em que, apesar de a palavra derivada (*refurbish*) ser relativamente mais independente de sua base do que outra palavra derivada (*rekindle*), a independência total não foi alcançada – conforme indicado pelas linhas (ainda que finas) entre “furbish” e “refurbish”. No entanto, há casos em que a mudança diacrônica leva à perda completa de um link construcional. Esse é o caso de construções inglesas como “breakfast” (em que a ligação entre “break” e “fast” se perdeu a ponto de a palavra resultante não ser mais reconhecida como um composto, cf. DIESSEL, 2019) e “a lot of” (em que a relação com o substantivo “lot” também se perdeu, resultando no surgimento de um novo quantificador, cf. TRAUGOTT, 2008; LANGACKER, 2009).

Como esses exemplos demonstram, a perda de um link construcional pode ser acompanhada por mudanças fonológicas. Essa diferença pode ser ilustrada pela diferença na representação fonética entre as formas livres “break” ([breɪk]) e “fast” ([fa:st]), de um lado, e suas contrapartes (diacrônicas) em “breakfast” ([ˈbrekfəst]), de outro. O mesmo vale para a redução fonética “alotta”, que Traugott e Trousdale (2013) tratam como uma mudança “pós-construcionalização” na história do quantificador “a lot of”. Em certa medida, essas diferenças na forma fonética parecem refletir o alto grau de independência entre as unidades autonomizadas (“breakfast”, “a lot of”) e suas fontes históricas.

Em suma, a GCBU assume que a rede construcional do falante (o conhecimento subjacente, ou competência) é permanentemente afetada por sua experiência linguística (desempenho). Além disso, o modelo permite ao pesquisador distinguir claramente entre efeitos de uso que afetam os nós da rede (isto é, as construções) e aqueles que afetam seus links. Enquanto o primeiro pode levar a uma representação redundante em uma rede hierárquica, o último está relacionado à autonomia construcional.

A relação entre links sequenciais e construcionais, bem como a sua conexão com a autonomia construcional, serão fundamentais para a análise das construções seriais a

serem apresentadas aqui. No capítulo 5, seção 5.5 apresentaremos o caso da serialização *yau duhku* “conversar”, formada pelos verbos *yau* “falar” *duhku* “ficar em pé”, em que os links sequenciais se tornaram mais fortes do que em outras serializações, de modo que a serialização já é reconhecida como uma única palavra e que, por vezes há, mudanças fonológicas, tanto tanto em relação a aspectos tonais quanto em relação a aspectos fonéticos.

3 REVISÃO DA LITERATURA – VERBOS SERIAIS EM UMA PERSPECTIVA TIPOLÓGICA

Neste capítulo, será discutido o conceito de verbo serial, bem como serão apresentadas diferentes análises tipológicas do fenômeno. Tais discussões serão usadas como base para a análise feita nesta tese sobre verbos seriais na língua Wa’ikhana.

Na seção 3.1, discuto as diferentes definições de verbo serial na literatura, apontando o que será de mais essencial para a análise feita nesta tese. A seção 3.2 traz alguns parâmetros para classificação tipológica de verbos seriais. Na seção 3.3, apresento algumas análises de verbos seriais em línguas da família Tukano Oriental, da qual Wa’ikhana faz parte. E finalmente, na seção 3.4, trago as primeiras análises de serializações verbais em Wa’ikhana, que serviram como ponto de partida para este trabalho.

3.1. Serialização verbal – o conceito

Serializações verbais são encontradas em muitas línguas com diferentes perfis tipológicos. Esse fenômeno ocorre em línguas crioulas com base europeia, línguas isoladas do Oeste da África e do Sudeste da Ásia. Também foi reconhecido em várias línguas da Oceania e da Nova Guiné e nas Américas. Verbos seriais também são descritos em algumas línguas aborígenes australianas, variedades coloquiais do árabe, aramaico, línguas dravidianas da Índia, várias línguas tibeto-burmanas e algumas línguas no nordeste da Europa (AIKHENVALD, 2018: 1).

Assim como outros fenômenos gramaticais, o conceito de verbo serial foi por vezes adaptado e estendido para ser utilizado para descrever fenômenos parecidos em outras línguas (HASPELMATH, 2015, p. 2). Givon (1991, p. 81), em seu capítulo sobre verbos seriais e a realidade mental de ‘evento’, afirma que uma serialização verbal é uma oração complexa com dois ou mais verbos que codifica um evento/estado, o qual pode ser expressado em outras línguas por uma oração simples de um verbo. A definição adotada nesta tese é a apresentada por Durie (1997, p. 289-290), que depois é revistada por Aikhenvald (2006; 2018, p. 1), que tem se tornado a mais generalizada na literatura sobre verbos seriais: *uma sequência de dois ou mais verbos que juntos atuam como um único*

predicado. Abaixo podemos ver alguns exemplos de serializações verbais em línguas de diferentes famílias linguísticas.

(1) Cantonese (Matthews 2006, p.75 Apud Haspelmath, 2015,p. 2)

keoi haam-sap-zo go zam tau
she cry-wet-PFV CLF pillow
'She made her pillow wet by crying.'

(2) Nélémwa (Oceanic; Bril 2004, p.176 Apud Haspelmath, 2015,p. 2)

I fuk Ulep daxi ni fwaa-mwa
3SG fly cross.threshold up.away In hole-house
'It flies into the house.'

(3) Tariana (Arawakan; Aikhenvald 2006, p. 5 Apud Haspelmath, 2015, p. 2)

nhuta nu-thaketa-ka di-ka-pidana
1SG.take 1SG-cross.CAUS-SUBORD 3SG-see-REM.PST
'He saw that I took it across.'

Givón (1991, p. 82-83) classifica as principais funções semânticas das serializações verbais nas seguintes categorias: (i) marcação de caso, no qual verbos seriais são usados para indicar que um substantivo é o objeto; (ii) co-lexicalização, ou seja, dois ou mais verbos são justapostos para formar uma palavra verbal composta que indica um único evento; (iii) marcação dêitica-direcional, em geral, verbos de movimento como 'ir' e 'vir' ou de transferência são usados com função dêitica ou de direção ; (iv) marcação das categorias TAM⁶ e (v) marcação epistêmica ou evidencial. Essas funções serão revistadas no capítulo 5, que classifica os diferentes tipos de serializações encontradas em Wa'ikhana.

Durie (1997) apresenta uma série de características de uma serialização verbal, que mais tarde são citadas por Aikhenvald (2006; 2018). A primeira característica

⁶ TAM significa Tempo, Aspecto e Modo.

apresentada corrobora bastante a definição apresentada por Givón (1991): uma construção de verbo serial deve conceptualizar um único evento. Durie (1997, p. 291) afirma a noção de evento único vem da intuição do falante e muitas vezes, quando traduzido para uma língua que não tem serialização, usa-se um único verbo. Por exemplo, em (4), do Yorubá, a serialização dos verbos *mú* ‘pegar’ e *wá* ‘vir’ deriva a noção de ‘trazer’.

(4) Yorubá (Bamgbose, 1974)

ó *mú* *Íwé* *Wá*

he took Book Come

‘He brought a book’ (He takes a book; he comes.)

Outra característica apontada por Durie (1997: 291) é a de que os verbos de uma serialização compartilham tempo, aspecto, modalidade e polaridade. Frequentemente, isso resulta numa única realização morfêmica desses marcadores, que é o caso de línguas como Wa’ikhana e outras línguas Tukano Oriental.

Os verbos numa serialização devem dividir pelo menos um argumento (sujeito/agente) e possivelmente o paciente. Além disso, não podem ter relações de subordinação ou complementação entre si e a entonação de uma serialização deve ser a mesma de uma frase monoverbal.

Durie (1997, p. 291) também argumenta que há uma grande tendência para gramaticalização e lexicalização em serializações. Um complexo serial inteiro pode se lexicalizar em um único item, assim como um item verbal da serialização pode se gramaticalizar em um modificador ou marcador de caso.

Na análise aqui apresentada, esses critérios são utilizados para argumentar que o fenômeno estudado em Wa’ikhana pode e deve ser classificado como serialização verbal. Veremos na seção 3.3 que, nas análises de línguas Tukano Oriental, esse tipo de estrutura nem sempre foi considerada como serialização.

As definições de Givón (1991), Durie (1997) e Aikhenvald, (2006) de certa forma se complementam e abrangem diferentes tipos de estruturas verbais como serializações. Haspelmath (2015), por outro lado, restringe a definição e, por mais que

perpassa alguns dos pontos apresentados pelos autores citados anteriormente, exclui muitos casos descritos por eles como serializações.

Haspelmath (2015, p. 6) argumenta que uma *construção de verbo serial consiste em uma única oração com múltiplos verbos independentes sem nenhum elemento conectando-os e sem a relação predicado-argumento entre os verbos*. Para explicar melhor a sua posição, o autor apresenta várias restrições do que se enquadraria em sua definição ou não. Por exemplo, argumenta-se que uma serialização deve ser uma construção esquemática produtiva, cujo significado pode ser determinado a partir de suas partes, excluindo-se assim casos não compostionais, também chamados de “idiomáticos”, que por vezes são analisados como serializações.

Em sua análise, Haspelmath (2015, p.12) também explica que uma serialização deve ter verbos independentes, enfatizando que nenhum desses verbos pode ter função parecida com a de um auxiliar ou uma adposição. Afirma-se que outros autores descrevem esses casos como verbos seriais, um dos exemplos citados por Haspelmath inclusive é um caso em Yorubá, similar ao citado por Durie (1997, p.290), mencionado anteriormente.

(5) Cantonese (Francis & Matthews 2004, p. 753)

Ngo tung-gwo Keoidei kinggai.

I accompany/with-ASP Them Chat

‘I’ve chatted with them.’

(6) Yoruba (Stahlke 1970, p. 61)

Mo Bá ḥ Mú ìwé wá.

I benefit/for you Take book come

‘I bought a book for you.’

Argumenta-se que verbos como ‘beneficiar’ e ‘acompanhar’, entre outros, têm uma semântica gramatical muito próxima de um auxiliar ou adposição; portanto, as sequências de verbos em (5) e (6) acima não poderiam ser consideradas serialização. Se fossem, nada nos impediria de considerar construções com verbos auxiliares, como o futuro com *will* do inglês ‘I will go’, também como serializações.

Desse modo, Haspelmath conclui que a melhor estratégia para uma definição coerente de serialização é que os verbos dentro da construção precisam ser independentes, ou seja, devem poder ocorrer isoladamente. No entanto, o autor não comenta sobre línguas em que existem verbos que em certas construções podem ter um “complemento” semântico, mas também podem aparecer isoladamente em outros contextos, como ocorre em Wa’ikhana, conforme veremos no capítulo de análise.

O autor também exclui de sua definição construções nas quais os verbos têm uma relação de predicado-argumento, como (7) e (8) abaixo, com significados do tipo ‘saber X’ ou ‘prometer X’. Haspelmath afirma que esses casos por vezes são considerados serializações – Aikhenvald (2006), por exemplo, considera esse um subtipo de verbo serial. No entanto, ele decide deixá-los de fora de sua definição para evitar que considerassem casos como “*She helped me solve the problem*” e “*He made her cry*” como serializações.

(7) Samoan (Mosel 2004, p. 272)

'ou Te Lee iloa 'a'au

I TAM Not know swim

‘I don’t know how to swim.’

(8) Eastern Kayah Li (Tibeto-Burman; Solnit 2006, p. 153)

v̥ Kha ɿre du á

1SG promise Work own.accord NEW.SITUATION

‘I promise to work myself.’

Em *Serial Verbs*, Aikhenvald (2018, p. 1) mantém uma definição coerente com sua publicação anterior (AIKHENVALD, 2006), que abarca diferentes tipos de estruturas como serializações verbais. A autora volta às características apresentadas por Durie (1997), enfatizando o fato de que uma serialização verbal funciona como um único predicado e que deve ter sua própria transitividade, que vai depender dos componentes da construção e do tipo de serialização em si (AIKHENVALD, 2018, p. 4). Argumenta-se ainda que as categorias gramaticais que se aplicam a um predicado monoverbal terão a serialização verbal completa em seu escopo. Essas categorias gramaticais podem ser

tempo, aspecto, evidencialidade, modalidade, modo, marcadores de subordinação etc. Também se afirma que tipicamente uma serialização inteira pode ser negada ou interrogada.

3.2. Tipos de verbos seriais

Aikhenvald (2006, p. 3-4) apresenta quatro parâmetros para classificar os diferentes tipos de construções com verbos seriais. Estes parâmetros serão importantes para a análise desta tese, pois situam a estrutura analisada em uma tipologia já proposta.

- a) Composição: serializações verbais podem ser classificadas como simétricas ou assimétricas. Serializações simétricas consistem naquelas com dois ou mais verbos de uma classe semântica e gramatical não restrita. Serializações assimétricas são aquelas que incluem um verbo de uma classe restrita. Esses verbos em geral são de posição ou de movimento, indicando direção ou um significado de tempo/aspecto toda construção.
- b) Contiguidade: uma construção de verbo serial pode exigir ou não que os verbos estejam um ao lado do outro sem nenhum constituinte intervindo entre eles.
- c) Formação de uma única palavra: os componentes de uma serialização verbal podem ou não formar uma única palavra gramatical e fonológica.
- d) Marcação de categorias gramaticais: categorias verbais, como pessoa, tempo, aspecto, modalidade, negação ou mudança de valência, podem ser marcadas apenas uma vez por serialização ou podem ser marcadas em cada elemento da construção.

Sobre a composição, Aikhenvald (2006, p. 21-22) argumenta que no caso das serializações assimétricas, o verbo da construção que pertence a uma classe restrita (de movimento ou de posição) em geral expressa um significado de tempo/aspecto ou de direção. A serialização em Cantonês em (9) ilustra o tipo assimétrico, o verbo de movimento *lai* ‘vir’ traz à construção um valor de direção; desse modo, juntamente com *lo* ‘levar’, se deriva a ideia de ‘trazer’.

(9) Cantonese (AIKHENVALD, 2006: 21)

lei lo Di saam lai
you take PL clothes come

‘Bring some clothes.’

Afirma-se que a transitividade de uma construção serial assimétrica é normalmente a mesma que a do verbo de classe não restrita da serialização. Aikhenvald (2006: 22) argumenta que o verbo de classe não restrita pode ser considerado o “núcleo” da construção assimétrica, tanto no nível semântico quanto sintático. O verbo nuclear também é comumente chamado de verbo ‘maior’ (*major*) e o verbo da classe restrita seria o ‘menor’ (*minor*), que apresenta tendência maior a se gramaticalizar.

Haspelmath (2015, p. 12) não considera as serializações assimétricas um tipo de verbo serial, pois o verbo de classe mais restrita, segundo o autor, se aproxima demais de um verbo auxiliar ou de uma adposição. A análise apresentada nesta tese, no entanto, considera esse tipo de construção uma serialização verbal, uma vez que a forma das serializações assimétricas segue a mesma estrutura de serializações simétricas, além de outras similaridades mostradas no capítulo 5, seção 5.1.

No que diz respeito às serializações simétricas, Aikhenvald (2006, p. 28-9) discute construções em que os eventos predicativos estão em sequência, construções cujos eventos ocorrem simultaneamente e construções em que há uma interpretação de ação consecutiva. No caso, serializações que representam eventos sequenciais, a ordem dos componentes é icônica, ou seja, segue a ordem temporal da sequência dos subeventos. Em (10), da língua Ewe, a serialização indica um evento com duas ações “cozinhar e comer”; os verbos, portanto, ocorrem na ordem que ações ocorreriam: primeiro cozinhar e depois comer.

- (10) Ewe (AIKHENVALD, 2006, p. 28)

Áma	â-da	nú	du
name	pot-cook	thing	eat

‘Ama will cook and eat’

Postula-se que algumas línguas, dependendo da natureza do verbo (por exemplo, ser estativo ou não estativo) que está numa construção simétrica, a interpretação pode ser de eventos simultâneos ou sequenciais. Além disso, construções de verbo serial

sequenciais podem descrever ações alternantes que formam um evento complexo, por exemplo:

- (11) Madarin Chinese (CHAN, 2002 Apud AIKHENVALD, 2006, p.29)

ta xie Xin hui Ke
he write letter see caller

‘He writes letters and receives callers’ (alternating between the two actions).

Serializações simétricas com função de causa e efeito também tendem a ter uma ordem icônica, ou seja, o verbo de causa precede o verbo que se refere ao efeito. Os verbos desse tipo de serialização podem ter o mesmo sujeito, como podemos ver no exemplo da língua Tariana em (12), ou podem ser do tipo *switch-function*, onde o objeto do primeiro verbo é idêntico ao sujeito do segundo verbo, como podemos ver em (13), de Cantonês.

- (12) Tariana (AIKHENVALD, 2006, p. 193)

~pia kesani-wani du-thaku-se [di-wha de:Qu-pidana]
pigs smell-CL:coll 3SGF-nose-LOC 3SGNF-fall 3SGNF+get.stuck-REM.PAST.REP

‘She felt the smell of wild pigs’ (lit. the smell of wild pigs fell-got stuck in her nose)

- (13) Cantonês (AIKHENVALD, 2006, p. 193)

jau jan co-laan-zo zoeng dang
have person sit-broken-PERV CL chair

‘Someone has broken the chair by sitting on it’

Aikhenvvald (2006, p. 37) afirma que construções de verbo serial contíguas são aquelas que não permitem que nenhum outro constituinte ocorra entre seus componentes. Esse tipo de estrutura muitas vezes é denominada como “verbos compostos” (*compounding*) e trabalhos mais antigos, como Baker (1989), não a consideravam verbos seriais. Entretanto, Durie (1997, p. 303-4) postula que sequências verbais contíguas devem ser consideradas verbo seriais, pois assim como sequências não contíguas podem ser processos completamente produtivos que formam construções que são ricas e transparentes em seu significado. Além disso, características da ordem dos

verbos em sequências não contíguas parecem ser as mesmas que em serializações contíguas, por exemplo, os verbos tendem a ocorrer na ordem temporal dos acontecimentos.

As serializações também podem se dividir naquelas que são uma construção de uma única palavra e nas com mais de uma palavra (AIKHENVALD, 2006, p. 37). Podem existir serializações que consistem em palavras gramaticais independentes, mas que funcionam como um único predicado, como de Ewe e Cantonese apresentados em (9) e (10), e também existem aquelas que formam uma única palavra gramatical, como podemos ver em (14).

- (14) Alamblak (Bruce 1988, p.29)

<i>mØyt</i>	<i>ritm</i>	<i>muh-hambray-an-m</i>
tree	insects	climb-search:for-1SG-3PL

tree insects climb-search:for-1SG-3PL

'I climbed the tree searching for insects'

As categorias gramaticais tipicamente expressadas em verbos (como pessoa, modo, tempo, modalidade, negação etc.) podem ser marcadas uma vez na construção serial ou em cada elemento da serialização. Quando a serialização verbal forma uma única palavra verbal, as categorias gramaticais verbais só poderão ser marcadas uma vez, como na palavra verbal em (14). Já no caso de serializações com mais de uma palavra, a marcação poderá ocorrer em cada elemento (recebendo o rótulo de marcação “truncada”) ou podem receber a marcação uma vez só (AIKHENVALD, 2006: 39-40).

Certas construções seriais podem descrever uma função adverbial modal (AIKHENVALD 2006, p. 29-30), portanto, são chamadas de serializações de maneira. Esse tipo de verbo serial pode ocorrer tanto com construções seriais simétricas como com assimétricas.

3.3. Verbos seriais em línguas Tukano Oriental

3.3.1. Principais trabalhos sobre verbos serias nas línguas TO

Na literatura de línguas Tukano Oriental não é consenso que as estruturas analisadas nesta tese na língua Wa’ikhana seriam verbos seriais. Ramirez (1997, p. 181-

2), por exemplo, em sua análise da língua Tukano, descreve esse tipo de estrutura como combinações/ sequencias de verbos dependentes e independentes. Vejamos alguns exemplos:

(15) Tukano (RAMIREZ, 1997, p.183)

wa'ire ba'â pe'oami

wa'i-de ba'a+pe'o-a-bî

peixe-REF comer+fazer.completamente-P.REC.VIST.3.NFSG

'(Ele) comeu todo o peixe'.

(16) Tukano (*op.cit.*, p. 183)

peêru sî'rî wiawî

Peêru sî'dî+wia-wî

Caixiri beber+costuma-p.cad.vist

'(Ele) costuma tomar caxiri.'

Em Tukano, as raízes independentes seriam aquelas que ficariam mais à esquerda do verbo, funcionariam como complemento e especificariam a maneira pela qual a situação expressada pelo verbo dependente (aquele mais à direita) seria realizada (RAMIREZ, 1997, p. 181). Apesar da nomenclatura, Ramirez (1997, p. 175) afirma que os verbos dependentes podem ocorrer isoladamente. A denominação “dependente” se dá por uma questão fonológica, uma vez que esses verbos, quando ocorrem com outro a sua esquerda, perdem suas características tonais e seguem o padrão tonal da raiz anterior (ver seção 3.3.2).

Em Kubeo, Chacon (2012, p. 191-2) descreve esse tipo de estrutura como composições verbais, relacionando-as a outros tipos de composições lexicais existentes na língua. Ao contrário de outras línguas Tukano Oriental, como Tukano, Tatuyo e Barasana, esse tipo de estrutura em Kubeo não forma uma única palavra gramatical.

Barnes (2000,p. 213) afirma que serializações verbais são comuns em línguas Tukano, porém apenas apresenta exemplos dos seus significados em inglês. *Em Serial Verb Constructions*, Aikhenvald (2006, p. 199) descreve brevemente algumas das estruturas apresentadas por Ramirez (1997) como verbo seriais. No entanto, a primeira análise detalhada desse tipo de estrutura em uma língua Tukano Oriental como

serializações verbais é feita por Gomez-Imbert (2004) em *Y at-t-il des séries verbales em tatuyo et barasana?*

Em *Construcciones seriales em Tatuyo y Barasana (família tukano): hacia una tipología de la serialización verbal*, Gomez-Imbert (2007) descreve os diferentes tipos de serializações verbais em Tatuyo e Barasana utilizando os critérios de Durie (1997) e algumas categorias apresentadas por Aikhenvald (2006). Gomez-Imbert (2007, p. 224) afirma que os verbos seriais podem ter função de aspecto, movimento, distância ou localização temporal e espacial, expressar relações lógicas como causa-efeito ou codificar diferentes papéis semânticos que incluem instrumental, dativo, locativo etc. Os verbos serializados mais frequentes seriam os verbos de deslocamento que significam “ir” e “vir” e em seguida verbos intransitivos com o valor de “passar”, “desaparecer”, “arrastar-se” e verbos de postura como “estar parado”. Os verbos transitivos seriam os que menos ocorrem em serializações. Os verbos seriais em Tatuyo e Barasana podem conter de dois a quatro raízes verbais. Gomez-Imbert (2007, p. 226-8) descreve as serializações dessas línguas como do tipo contíguo e afirma que, independentemente do número de raízes verbais na construção, forma-se uma única palavra fonológica e morfológica.

3.3.2. Aspecto fonológicos dos verbos seriais em línguas Tukano Oriental

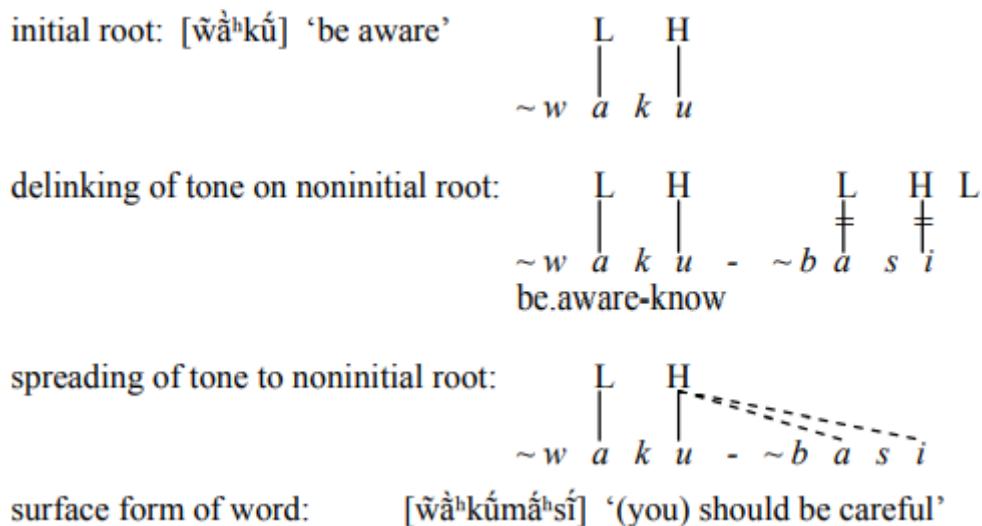
Nas línguas Tukano Oriental, tom é um traço suprassegmental. E em línguas como Tukano, Tatuyo, Barasana, Kotiria e Wa’ikhana, em que uma construção serial forma uma única palavra fonológica, o comportamento dos traços tonais é extremamente relevante para diferenciar verbos seriais de outras estruturas multi-verbais (RAMIREZ, 1997; STENZEL, 2013; GOMEZ-IMBERT, 2013).

Em sua análise da língua Kotiria, Stenzel (2013: 49) descreve a distinção de tons na língua como alto (*high – H*) e baixo (*low – L*). Cada palavra fonológica permite apenas uma subida ao tom alto e há um espalhamento do tom final da melodia padrão da raiz mais à esquerda para os morfemas à direita, até o final da palavra. Portanto, se a raiz tem um padrão tonal LH o morfema que se afixar a ela manterá o tom alto. Algumas raízes têm o padrão tonal LHL, mas como cada raiz tem apenas duas moras (uma por sílaba), o último tom só é revelado quando um sufixo é afixado a essa raiz, do contrário é impossível diferenciar raízes LH e LHL (*op.cit.*, p. 50-53).

No que diz respeito a verbos serializados, Stenzel (2013, p.54) afirma que a

melodia tonal da raiz mais à esquerda (o núcleo fonológico) prevalece sobre as outras raízes à direita. De modo que a melodia tonal subjacente das raízes que não iniciam a serialização é cancelada para dar lugar ao espalhamento do último tom da melodia da raiz inicial. Stenzel apresenta um exemplo de serialização com um verbo LH ~*waku* ‘estar.alerta’ como núcleo fonológico e um verbo ~*basi* ‘saber’, cujo padrão tonal subjacente seria LHL. Como podemos ver na figura abaixo, o padrão tonal do verbo ~*basi* se perde e é substituído pelo tom final da raiz mais à esquerda (nesse caso H).

Figura 3.1 – Comportamento da melodia tonal em uma serialização em Kotiria



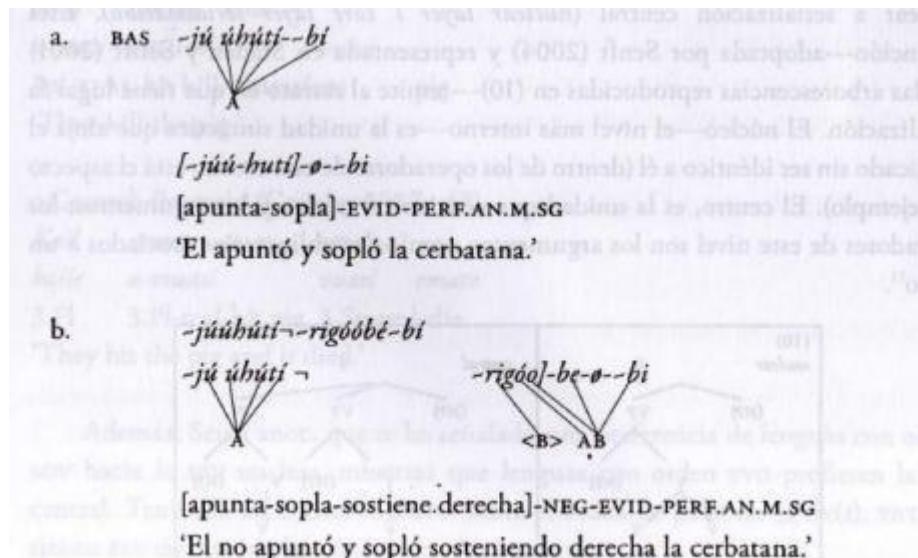
Fonte: STENZEL, 2013, p.54.

Os verbos que Ramirez (1997, p. 77) descreve em Tukano como “dependentes” são aqueles mais à direita que seguem o tom do verbo independente, que é aquele que inicia a serialização. Ao contrário da descrição de Kotiria, apresentada por Stenzel (2013), Ramirez (1997, p. 173) afirma que os verbos dependentes seriam em si átonos e não “perderiam” seu padrão tonal, quando ocorressem na posição mais à direita numa serialização.

Gomez-Imbert (2007, p. 229) descreve o comportamento dos padrões tonais em serializações verbais de duas raízes de Barasana de modo parecido com a análise de Kotiria, de Stenzel e a de Tukano, de Ramirez, mencionadas anteriormente. Portanto, a melodia tonal da raiz inicial é a que determina o tom de uma serialização de duas raízes. No entanto, a autora afirma que quando se agrega a construção uma terceira raiz, ocorre uma ruptura tonal, de modo que as operações tonais se dão como em início de palavra.

Na figura 2 abaixo, temos dois exemplos de Barasana apresentados por Gomez-Imbert, em (a) a serialização tem duas raízes e em (b), três raízes, a ruptura tonal é representada por \neg .

Figura 3.2 – Comportamento da melodia tonal em Barasana em serializações com duas e três raízes



Fonte: GOMEZ-IMBERT, 2007, p. 229.

Gomez-Imbert (op.cit., p. 229) argumenta que essa criação de âmbitos tonais dentro da palavra só ocorre em verbos seriais. Isso poderia indicar que as serializações nesta língua estão passando de incorporantes (ou seja, que formam uma única palavra fonológica) para não incorporantes.

Em Tatuyo, o comportamento das melodias tonais dentro de uma serialização é diferente das vistas anteriormente. Gomez-Imbert (2007, p. 228) observa que nessa língua cada raiz conserva seu tom lexical, no entanto, quando uma raiz tem um tom final alto e seguinte inicia com um tom alto, há uma inserção de um tom baixo entre os tons altos. A autora relaciona esse fenômeno ao princípio de contorno obrigatório, que impede sequências de duas unidades idênticas adjacentes. Em (17), temos um exemplo em Tatuyo apresentado pela autora no qual entre as raízes *~jaá* ‘cair’ e *róka* ‘chocar’ se insere um tom baixo, marcado por “!”.

(17) Tatuyo

Ká~jáá!róka~kúbúehájúpoo

Ká-[~jájá!-róka-~kúbú-ehá]-jú-pá-o

ESTAB-[cae-choca-queda.inmóvil-llega]-IND-CIT-AN.F.SG

‘Dizque ella cae, choca y se queda inanimada al llegar a tierra’

Em sua análise sobre os aspectos fonológicos da língua Wa’ikhana, Picanço (2019: 126) descreve brevemente o comportamento tonal nas construções serializadas. Afirma-se que o padrão tonal da raiz principal (ou seja, aquela que inicia a serialização) vai determinar o tom da segunda raiz, da mesma forma que ocorre em Kotiria, conforme descrito por Stenzel (2013, p. 54).

3.3.2 Verbos seriais em Wa’ikhana – o que sabemos até aqui

O primeiro trabalho sobre construções verbais serializadas é a análise de Stenzel (2007), que descreve serialização verbal em Wa’ikhana e em Kotiria (Wanano) como um componente altamente produtivo da semântica e morfologia verbal dessas línguas. Neste artigo, apresentam-se as principais funções dos verbos seriais encontradas nas duas línguas.

A primeira função dos verbos seriais apresentada por Stenzel (2007, p. 277-8) é a de indicar relações de causa-efeito. Afirma-se que a maioria das serializações verbais em Kotira e Wa’ikhana são compostas de um verbo nuclear (a raiz mais à esquerda da sequência) e uma raiz de uma subclasse semântica como verbos de movimento. Stenzel argumenta que, quando a segunda raiz também é um verbo de atividade, normalmente a serialização indica causa-efeito, como podemos ver no caso em Wa’ikhana abaixo (*op.cit*, p. 278):

- (18) *thuu-re dute-sure-ku-ta*
tree.trunk-OBJ chop-divide-1/2MASC-INTENT

‘I’m going to divide (the log).’

Outra função apresentada é a função adverbial com verbos de movimentos, como ‘ir’ e ‘vir’ (STENZEL, 2007, p. 278-9). Serializações desse tipo indicam a maneira pela

qual uma ação ou evento sequência ocorre. Esses casos são compostos por um verbo na posição nuclear (inicial) e um verbo de movimento na segunda posição, que vai indicar o movimento que ocorre em conjunto com a ação do primeiro verbo. Abaixo um exemplo em Kotira e outro em Wa’ikhana, apresentados pela autora:

- (19) *pita-~ba-pu* *bu'a-wa'a-ga*
 port-CLS:river-LOC MOV.downhill-go-ASSERT.PERF

‘They went off down to the river port (from their house).’

- (21) Wai’khana
 ~baha-a’ta-ya *~bu’u-~gu’u*
 MOV.up.hill-come-IMPER 2SG-ADD

‘You come on up (to my house) too.’

Stenzel (2007, p. 279) também afirma que nas duas línguas é comum que esse tipo de serialização com ‘ir’ e ‘vir’ ocorra com o verbo *~da* (em Kotiria) / *~de* (em Wa’ikhana) que significa ‘pegar’ ou ‘carregar’. Essas serializações geram significados tais como ‘trazer’ e ‘levar’, como podemos ver nos exemplos em Kotiria e Wa’ikhana, respectivamente, abaixo:

- (22) *~bu’u* *chuu-dua-re* *~da-ta-i*
 2SG(POSS) eat-DESID-OBJ get-come-VIS.PERF.1

‘(We) brought what you wanted to eat.’

- (23) *~dee-~baha-wa'a-aye* *tee* *wu'u-pu*
 get-MOV.uphill-go-ASSERT.PERF all.the.way house-LOC

‘(The evil being) took (the man) all the way up to his house.’

Stenzel (*op. cit.*, p. 279) descreve outros tipos de verbos de movimento que ocorrem na posição mais à direita nas serializações. No entanto, argumenta-se que ao contrário de ‘ir’ e ‘vir’, esses outros verbos não ocorrem independentemente, mas apenas nessa posição nesse tipo de construção. Apesar de não se afirmar explicitamente, nessa seção a autora apresenta apenas exemplos de Kotiria, desse modo, não podemos saber se esta é uma característica específica de Kotiria ou também ocorre em Wa’ikhana.

Cezario (2020) apresenta uma análise de serializações com verbos de movimento em Wa’ikhana, argumentando que, na posição mais à direita, não apenas *wa’ a* ‘ir’ e *a’ ta* ‘vir’ poderiam ocorrer, mas também outros verbos de movimento, como podemos ver em (24) e (25). Esses verbos de movimento também podem aparecer em outros contextos que não sejam esse tipo de serialização.

(24) Wa’ikhana (STENZEL & CEZARIO, 2019, p. 412)

seedo dihia, tu'osuugu

<i>saá-yéé-dó</i>	<i>dihí-í-á</i>	<i>tu'ó-súá-gít</i>
devagar	descer-VIS.PFV.1-ENPH	escutar-entrar.no.mato-1/2SGM

‘Assim (de modo ‘devagar’ segundo o consultor), desci, entrando no mato (atrás do som do guariba).’

(25) *yut'ut* “*buu pi'awiedagüle, saata tohoasakäboa ihiedale*” (op.cit.) (STENZEL & CEZARIO, 2019, p. 412)

<i>yut'ut</i>	<i>Buú</i>	<i>pi'á-wí'i-éda-~gu-de</i>	<i>saá-tá</i>
1SG	Cotia	sair-chegar-NEG-SWRF-OBJ	então-EMPH
<i>tohó-esá~ka-bo-agá</i>		<i>ihí-éda-de</i>	
voltar-chegar-DUB-PRES.IPFV		COP-NEG-OBJ	

‘Eu (pensamento):⁷ “Se a cutia não aparecer, eu posso voltar sem nada”.’

A segunda maior função dos verbos seriais em Wa’ikhana e Kotiria, segundo Stenzel (2007, p. 281), é a de indicar funções aspectuais, como completude, duração, repetição etc. Os verbos que codificariam as distinções aspectuais nas serializações normalmente viriam de subclasses de movimento e posição ou postura.

Stenzel (2007, p. 283) demonstra que algumas das funções aspectuais podem vir de raízes independentes, como nos exemplos acima, mas também poderiam ser raízes dependentes, ou seja, que não podem ocorrer fora de uma serialização. Por exemplo, tanto em Kotiria como em Wa’ikhana, haveria uma raiz dependente que indicaria completude de um movimento ou estado - *--doka* (Kotiria) / *-~ka’ a* (Wa’ikhana), como podemos ver em (26) e (27).

⁷ É comum, em narrativas, o uso do pronome antes do discurso direto para introduzir um pensamento.

- (26) *buti-~doka-a* *ti-~da*
 disappear-COMPL-ASSERT.PERF ANPH-PL

‘They had completely disappeared.’

- (27) ~kee-~wee-pe'o-~ka'a
chop-open-finish-COMPL
'(We) completely finished carving (the inside of the canoe).'

Também são apresentados mais dois casos de verbos exclusivamente dependentes em Kotiria, *-~daka* ‘fazer junto’ e *-~sidi*, que relaciona a ação do verbo independente a um tempo referencial específico, este último é traduzido como ‘fazer então’ ou ‘fazer ainda’ (*op. cit.*, p. 283). Pelos casos apresentados no trabalho de Stenzel, parece que raízes exclusivamente dependentes são mais comuns em Kotiria do que em Wa’ikhana, apesar de isso não ser discutido pela autora.

Stenzel (2007, p. 284) descreve certos tipos de modalidade deôntica existente em Kotira em Wa’ikhana que são codificadas por serializações verbais. Noções como ‘obrigação’, ‘necessidade’, ‘desejo’ e ‘habilidade’ são nessas línguas indicadas em construções seriais com verbos dependentes que denotam processos mentais. Alguns exemplos são *~basi* ‘saber’ e o desiderativo *-dua* (Kotiria) /*-dúa* (Wa’ikhana), que indica o desejo do sujeito de fazer o que é expresso pela raiz mais à esquerda da construção. O desiderativo *-dua* /*-dúa* nas duas línguas não ocorre mais como raiz independente, no entanto, a autora argumenta que ainda contém propriedades fonológicas de uma raiz, como por exemplo ter uma estrutura bimoraica.

Os últimos tipos de construções seriais apresentadas por Stenzel (2007, p. 285) são as que envolvem verbos estativos na primeira posição da serialização. Essas construções indicariam intensificação e mudança de estado. Tanto em Kotiria como em Wa’ikhana, afirma-se que a raiz *yħ’ħdħ* ‘passar’ quando ocorre na segunda posição em uma serialização indica “fazer/ser muito”.

- (28) Wa'ikhana (*op.cit.*, p. 285)

<i>cho!</i>	<i>y^u'u</i>	<i>ke'a-y^u'd^u</i>	<i>yee-eda</i>
EXCLAM	1SG	be.drunk-INTENS	do/make-NEG
'Hey! I didn't get that drunk!'			

A construção serial que indica mudança de estado ocorre com verbos estativos seguidos do verbo *wa'a* ‘ir’. Essa serialização significaria ‘se tornar X’, sendo X o verbo estativo da construção.

(29) Kotiria

<i>ti-~da-re</i>	<i>~waha</i>	<i>ti-ro</i>	<i>wache-a-wa'a-a</i>
ANPH-PL-OBJ	Kill	ANPH-SG	be.happy-AFFEC-go-ASSERT.PERF

‘He killed them (some monkeys), and he became happy.’

(30) Wa’ikhana

<i>wu'ut</i>	<i>a'ba-wa'a-di'i-tha</i>	<i>yut'u-de</i>
House	be.rotten-become-VIS.PERF.2/3-EMPH	1SG-OBJ

‘The (roof of my) house had rotted on me.’

O verbo *wa'a* também pode indicar aspecto perfectivo em construções seriais com certos verbos não estativos (STENZEL 2007, p. 286). Entretanto, afirma-se que tanto nos casos de mudanças de estado quanto nos eventos perfectivos, o sujeito gramatical é um experienciador e não um agente.

Cezario (2020) argumenta que, em Wa’ikhana, na construção serial com *wa'a* ‘ir’ que indica mudança de estado, podem ocorrer não apenas verbos estativos na primeira posição, mas também certos verbos que indicam processos, como *yalia* ‘morrer’, como podemos ver em (31). No entanto, afirma-se que esses casos são bem mais incomuns do que aqueles com verbos estativos.

(31) Wa’ikhana (CEZARIO, 2020: ?)

Diedo yaliaware

<i>die-do</i>	<i>yalia-wa'a-de</i>
cachorro-SG	morrer-ir-VIS.IPFV.2/3

“O cachorro morreu.”

Os trabalhos discutidos neste capítulo serão retomados na seção de análise como base tanto para uma comparação tipológica, quanto para definir a estrutura estudada como verbo serial. A análise de Stenzel (2007) apresentada anteriormente foi o ponto de partida

para este projeto e o trabalho de Cezario (2020) apresenta uma análise inicial da pesquisa feita durante este doutorado.

4 METODOLOGIA

Este capítulo tem como objetivo apresentar a metodologia utilizada nesta pesquisa. Na seção 4.1, disserto sobre os dados do acervo linguístico da língua Wa'ikhana, trabalhados, em parte, durante meu mestrado e reutilizados durante esta pesquisa. Na seção 4.2, trago uma descrição da viagem de campo que fiz à cidade de São Gabriel da Cachoeira em janeiro e fevereiro de 2020, o processo de coleta de dados e a produção da gramática pedagógica da língua Wa'ikhana. Na seção 4.3., explico o processo de análise dos dados coletados. Por fim, na seção 4.4., mostro como os dados serão apresentados nesta tese.

4.1. Acervo e dados analisados durante meu mestrado

Meu trabalho com a língua Wa'ikhana se iniciou em 2017 durante meu mestrado, no qual trabalhei majoritariamente com dados do ACERVO LÍNGUISTICO-CULTURAL DO POVO WA'IKHANA (CEZARIO, 2019: 46-55). Este acervo contém um arquivo digital com listas de palavras, materiais escritos e mais de 40 áudios e vídeos. Além disso, também trabalhei com um dicionário digital, com mais de 1500 entradas, ilustrações e áudios, que é parte do trabalho de documentação da língua Wa'ikhana.

Durante minha pesquisa de mestrado, analisei quatro narrativas orais, uma narrativa tradicional, uma narrativa inventada e duas sobre experiências pessoais. As duas narrativas pessoais, *Caranã* e *O grito do macaco* têm 3m45s e 3m9s de duração, respectivamente, a narrativa tradicional, *O pajé e o curupira*, tem 14m40 e a *História da Canoa*, a narrativa inventada, tem 6m7s. Estas narrativas, que já estavam com transcrição e tradução, foram transferidas para o programa ELAN e o FleX Fieldworks, onde foram analisadas e glosadas. O trabalho de análise e glosa foi feito durante viagens de campo para cidade de São Gabriel da Cachoeira em 2018.

Essas quatro narrativas, portanto, foram reutilizadas para o trabalho desenvolvido nesta tese, uma vez que são dados de linguagem oral não elicitada com várias ocorrências do elemento aqui estudado: verbos seriais. Os dados dessas narrativas serão, por vezes, mencionados na seção de análise desta tese. A narrativa *O grito do macaco* teve sua

análise interlinear publicada em STENZEL & CEZARIO (2019), desse modo, os dados dessa narrativa serão os únicos com tal referência.

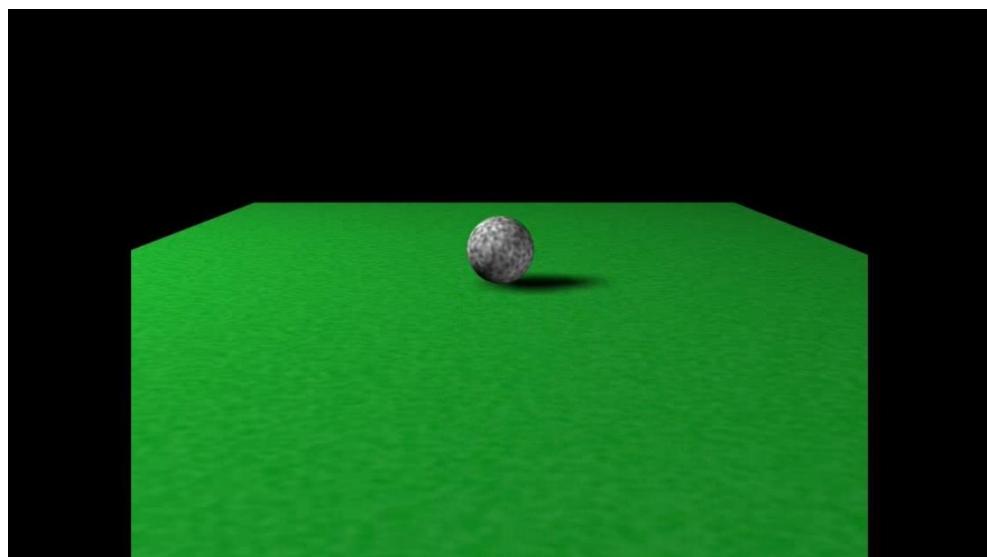
4.2. Viagem de campo e coleta de dados

Durante este doutorado, realizei duas viagens de campo, em 2020 (pouco antes da pandemia de covid) e em 2022. Os projetos de pesquisa dos quais fiz parte receberam financiamento do CNPq, do Museu do Índio, em parceria com a Funai e Unesco, e da National Science Foundation⁸.

Durante esse período, coletei uma série de dados que pudessem prover ocorrências de verbos seriais, principalmente aqueles com verbos de movimento, que são bastante produtivos na língua. Para isto, além de pedir para os falantes contarem histórias pessoais e alguns contos tradicionais, utilizei alguns estímulos visuais para elicitação.

Um dos estímulos utilizados foram pequenos vídeos de uma bola percorrendo diferentes caminhos e trajetórias (LEVINSON, 2001), que estão disponíveis no site do Max Planck Institute. Os vídeos eram passados a um falante e eu pedia para ele descrever o movimento da bola. Abaixo podemos ver duas imagens retiradas dos vídeos utilizados.

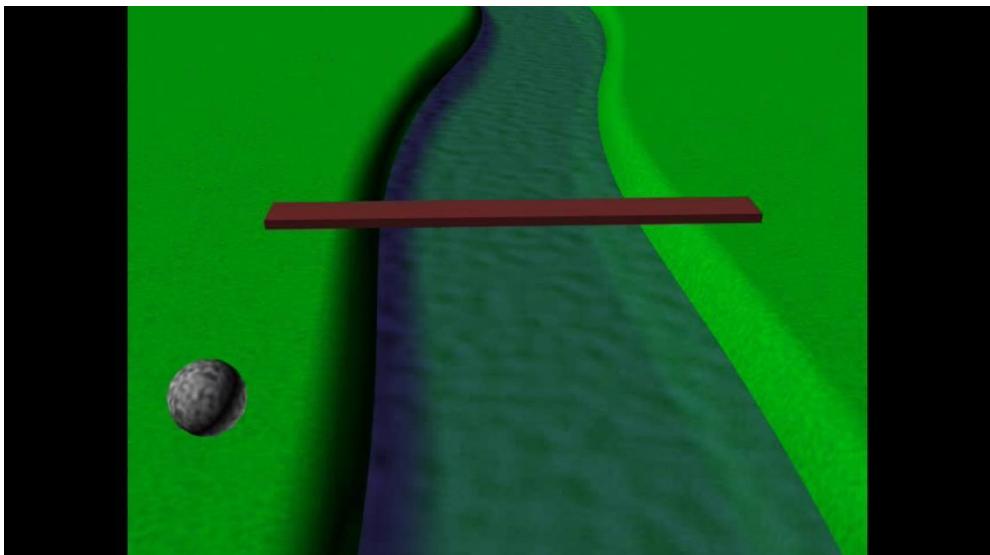
Figura 4.1 – Print de vídeo utilizado como estímulo



Fonte: LEVINSON, 2001.

⁸ A professora Kristine Stenzel, minha coorientadora, *Estrutura Gramatical e Práticas Multilíngues Sob a Lente da Interação Cotidiana*, financiado pela NSF, Grant no. BCS-1664348, da qual eu fazia parte.

Figura 4.2 – Print de vídeo utilizado como estímulo



Fonte: LEVINSON, 2001.

Esses estímulos foram apresentados para dois falantes diferentes, o professor Marcelino Cordeiro, e o senhor Pedro Góes, ambos Wa'ikhana que vivem na cidade de São Gabriel da Cachoeira. As frases elicitadas foram gravadas em vídeo e em áudio. As gravações com esses estímulos com o professor Marcelino totalizaram 44 minutos e 16 segundos e com o sr. Pedro, 1 hora 11 minutos e 24 segundos. Essas gravações estão sendo passadas para o programa ELAN e sendo transcritas e traduzidas.

Outro estímulo utilizado foi uma história em imagens, chamada *Procurando Caraná*, desenvolvida por Obert (2019). As imagens contam uma história de duas pessoas indígenas que saem para buscar açaí na floresta. Em sua tese, Obert (2019) utiliza estes estímulos para obter dados com diferentes descrições de espaço na língua Dâw, foco de sua pesquisa. As imagens, portanto, mostram dois personagens em diferentes trajetos e diversos ângulos, como mergulhando, andando de canoa, passando por cima de um tronco de árvore. Desse modo, a escolha desse estímulo para minha tese foi feita porque essas imagens poderiam proporcionar o uso de expressões de movimento com verbos seriais.

Figura 4.3 – Imagem da história *Procurando Caraná*



Fonte: OBERT, 2019: p.316.

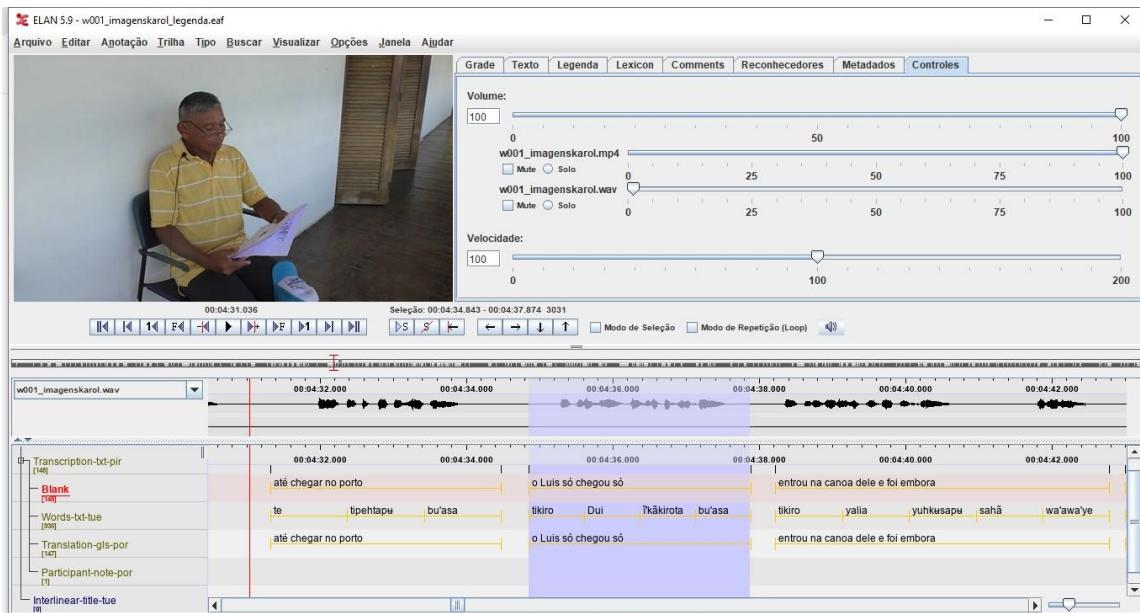
Os estímulos da tese de Obert (2019) foram apresentados para três falantes diferentes, o professor Marcelino, o Sr. Pedro Góes e Wilson Rueda. Nessas seções, os falantes ficavam um tempo observando as imagens e em seguida eram gravados em vídeo, descrevendo/contando uma história com base nas ilustrações.

Foto 4.1 – Gravação da narrativa baseada na história Procurando Caraná com o professor Marcelino Cordeiro



A narrativa baseada nessas imagens feita pelo professor Marcelino tem duração de 15m48s. Dentre as narrativas coletadas na viagem à São Gabriel da Cachoeira em 2020, essa é a em estágio mais avançado de análise. A transcrição e a tradução no programa ELAN foi feita por Edgar Cardoso, falante Wa'ikhana que faz parte da equipe do projeto de documentação da língua Wa'ikhana, durante minha estadia na cidade de São Gabriel. A transcrição e a tradução foram checadas e analisadas por mim com o auxílio do professor Marcelino. A análise interlinear foi feita no programa FieldWorks Language Explorer (Flex).

Figura 4.4 – Print do programa ELAN com transcrição e tradução da narrativa *Indo buscar açaí* do professor Marcelino Cordeiro, baseada nas figuras da história *Procurando Caraná*



As narrativas de mesma natureza do Sr. Pedro Góes e do Wilson Rueda tem duração de 7m40s e 6m19s, respectivamente. Essas narrativas também foram transcritas e traduzidas pelo Edgar Cardoso e conferidas por mim e pelo professor Marcelino, durante a mesma viagem à São Gabriel. Estas duas narrativas ainda estão em processo de análise interlinear no programa FleX.

Figura 4.5 – Print do programa FleX com análise da narrativa *Indo buscar açaí*

4.2.1. *Wa'ikhana yauduhkuye ohorire: bu'erituhu*

O título desta seção se traduz por “Escrever e estudar a língua Wa’ikhana: um livro pedagógico” e é nome da gramática pedagógica Wa’ikhana (STENZEL et. al, 2024). Durante meu projeto de mestrado e doutorado, trabalhei nas oficinas de produção dessa gramática junto da Kristine Stenzel, do professor Wa’ikhana Marcelino Cordeiro e do colega de doutorado Heitor Picanço, todos organizadores do livro.

A produção deste material iniciou-se com minha orientadora anos antes de eu iniciar minha vida acadêmica. Entretanto, o processo de ir a campo, de coletar dados analisar, de reunir professores indígenas e falantes e de produzir esse material leva tempo e requer um grande custo. O objetivo da produção desse material era entregar aos professores indígenas um livro didático para o ensino da língua Wa’ikhana, como parte do trabalho de revitalização dessa língua.

A gramática é uma produção de protagonismo indígena. Todos os textos estão em Wa’ikhana e em Português e as ilustrações também foram feitas por membros da comunidade Wa’ikhana. A gramática tem um caráter pedagógico e não descritivo-linguístico, desse modo sua linguagem é mais acessível e explicativa. Além disso, há exercícios em cada unidade sobre o tema gramatical abordado. Na tabela abaixo, por

exemplo, há uma comparação entre formas reduzidas da linguagem falada e as palavras completas direcionadas a língua escrita.

Quadro 4.1 – Palavras reduzidas e completas

forma reduzida ‘falada’	forma completa ‘escrita’
hide	ihide
uhku	yuhku
yale	i'yale
yaga	ihiaga
she	sehe

Fonte: STENZEL et al., 2024, p. 34.

Figura 4.6 – Explicação sobre morfemas de singular e plural masculino e feminino

YAUDUHKU KE'NONO

A. Mari mahsäre yauduhkuna'a -koro/-kodo ninoaga numiare (a'käkororeta) -kiro/-kido ninoaga umunore (a'käkiroreta). -ro/-do ahpetale -no ninoaga umunore, numinore. Mahsä peyekinare ö'o me'na nii wio noaga -yekina umuare du'se ihiyekina mahsäre, sahigä peyekina numiare numia nii wio sotoritinoaga.

A. Quando falamos sobre pessoas, usamos -koro/-kodo para nos referir a uma mulher (singular) e -kiro/-kido para nos referir a um homem (singular). -ro/-do tem forma -no na palavra nasal.
Para indicar mais de uma pessoa, usamos -yekina para grupos de homens ou grupos misturados, e para grupos só de mulheres acrescentamos numia.

Fonte: STENZEL et al., 2024, p. 81.

Para além do intuito de revitalização linguística e educação nas escolas, a gramática também é uma fonte de dados, com frases e pequenos textos produzidos por falantes nativos, durante discussões sobre a língua com professores indígenas e pesquisadores.

Figura 4.7 – Desenho ilustrado com diálogo



Fonte: *op.cit.*, p. 46



Fonte: *op.cit.*, p. 46.

Figura 4.8 – Ilustração e texto em Wa’ikhana com exemplos de singular e plural no masculino e feminino



Ke'noañe uhpiditi duaga. Yu'u uhpidi du'arikioka wa'utaha. Tikiro ke'noano yee uhpidire i'ña, ñaañe ihigü ko'sewe bia saa ihigü saa dua yerota, tikiro da'raye mi'niñe me'na. A'karó ahkoyerikoro ihire tikina me'na, saa ihigüta pharo d'u'se dohoyere ke'noañekina ihire. Tikina saaye da'ratiñati pano ke'noano bu'eyere bu'etiya, bu'eyekina numia, bu'eyekina umua me'na. O'osaye mari mahsã ke'noañene da'rayeti yenoaga.

Fonte: *op.cit.*, p. 81.

Participar dos projetos de pesquisas que corroboraram a produção desse livro pedagógico não apenas possibilitou as viagens de campo, nas quais dados da minha pesquisa foram coletados e analisados, mas também trouxe a oportunidade de estar na produção de um material que transcende o mundo acadêmico. As ameaças à cultura, à língua e à vida indígenas no nosso país são inúmeras e remar, nem que seja um pouco, contra essa maré é motivo de orgulho.

4.3. Análise à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso

O tipo de análise adotado neste trabalho é a análise qualitativa de um *corpus*, que, como mencionado anteriormente, consiste em dados retirados de um acervo e dados coletados por mim em viagens de campo. No que diz respeito à análise de verbos seriais, focamos por ora nos casos com duas raízes, pois são os mais frequentes. Classificamos a raiz à esquerda como *slot 1* da construção e a raiz à direita como *slot 2*. Baseando-me na análise de Stenzel (2007) e em trabalhos tipológicos sobre verbos seriais mencionados na seção 3, busquei primeiramente mostrar a diferença dos verbos seriais em Wa’ikhana para outras construções multiverbais, como aquelas com verbos auxiliares. Em seguida, classifiquei os tipos de verbos seriais encontrados em diferentes categoriais semânticas.

A maior parte dos verbos seriais em Wa’ikhana analisados até este estágio da pesquisa foram aqueles com verbos de movimento. Stenzel (2007) postula dois tipos de construções de verbos seriais com verbos de movimento no *slot 2*, aqueles que indicam que uma ação foi feita acoplada a um movimento, como no exemplo (1), e aqueles com o verbo *wa’á* ‘ir’ segunda posição, que indicam mudança de estado, como em (2).

No exemplo (1), temos a serialização *saawa’ali*, na qual há a raiz verbal *saa* “fazer” no *slot 1*, e *wa’á* “ir” no *slot 2*. O significado dessa combinação de raízes é algo similar a “acontecer”. Já no exemplo (2), temos uma serialização com um verbo estativo *do’áti* “estar.doente” (*slot 1*) e o verbo *wa’á* “ir” (*slot 2*), que indica que há uma mudança de estado – a pessoa ficou doente.

(1)	<i>o'ó Aracapá saawa'ali ti</i>	
	<i>~o'ó Aracapá saá-wá'á-dí</i>	<i>ti</i>
	DEIC.PROX Aracapá fazer-ir-VIS.PFV.2/3	ANPH
“Isso aconteceu aqui em Aracapá.”		

(2)	<i>yú'ú do'atiawa'adú</i>	
	<i>yú'ú do'átia-wa'á-dú</i>	
1SG estar.doente-ir-AFFEC		
“Eu fiquei doente.”		

Considerando a existência de dois subtipos de construções de verbos seriais com verbos de movimento em Wa’ikhana, procurei as possíveis combinações de verbos seriais de duas raízes com verbos de movimento nos dados analisados, tentando buscar padrões. Nos quadros 1 e 2 a seguir apresento as combinações com verbos de movimento no *slot*

2 encontradas nos dados. No quadro 1, estão todos os casos com verbos de ação no *slot 1*, como *tu’o* “escutar” e *saa* “fazer”. No quadro 2 estão os casos com verbos estativos e de processo, como *do’áti* “estar.doente” e *yalia* “estar.cheio”.

Quadro 4.2 – Verbos de ação (*slot 1*) + verbos de movimento (*slot 2*)

<i>SLOT 1</i>	<i>SLOT 2</i>
<i>saa</i> “fazer”	<i>wa’á</i> ‘ir’
<i>pihi</i> “convidar”	<i>wa’á</i> ‘ir’
<i>a’ta</i> “vir”	<i>a’ta</i> ‘vir’
<i>mini</i> “alagar”	<i>dihí</i> ‘descer’
<i>dihí</i> “descer”	<i>wa’á</i> ‘ir’
<i>koã</i> “abandonar”	<i>ku’ñá</i> ‘deixar.o.lugar’
<i>wa’á</i> “ir”	<i>wa’á</i> ‘ir’
<i>pi’á</i> “sair.do.mato”	<i>wie</i> ‘chegar’
<i>toho</i> “chegar”	<i>ehsa</i> ‘chegar’
<i>tu’o</i> “ouvir”	<i>sua</i> ‘entrar.no.mato’
<i>sini</i> “comprimentar”	<i>tú’u</i> ‘voltar’
<i>i’ña</i> “ver/olhar”	<i>dihí</i> ‘descer’

Fonte: Elaboração própria

Quadro 4.3 – Verbos estativos e de processo (*slot 1*) + verbo *wa’á* “ir”

<i>SLOT 1</i>	<i>SLOT 2</i>
<i>ñaiá</i> “estar.seco”	<i>wa’á</i> “ir”
<i>pú’á</i> “estar.magro”	<i>wa’á</i> “ir”
<i>yalia</i> “morrer”	<i>wa’á</i> “ir”
<i>a’ba</i> “ser.podre”	<i>wa’á</i> “ir”
<i>yú’dúa</i> “ser.enorme”	<i>wa’á</i> “ir”

Fonte: Elaboração própria

A partir dessa seleção feita nos quadros apresentados, busquei verificar os diferentes significados que cada combinação de verbos teria e quais as possíveis

generalizações. Como mencionado anteriormente, parti do trabalho de Stenzel (2007), que afirma que há dois tipos de construções com verbos de movimento: i) uma construção que envolveria verbos ativos no *slot* 1, cujo significado seria uma ação feita juntamente com um movimento, como no exemplo (1); e ii) uma construção que envolveria verbos estativos com o verbo *wa'a*, como no exemplo (4), que indicaria mudança de estado.

4.4. Apresentação dos dados

Os dados desta dissertação são apresentados em formato interlinear com quatro linhas, representando: 1. forma ortográfica; 2. forma morfológica subjacente com segmentação e algumas informações fonológicas, como tom e nasalidade; 3. glossas correspondentes a cada morfema da linha 2; 4. tradução livre em português. Vejamos no exemplo abaixo:

(1) *nikāta dihoboli ihi tidole* [Narrativa: *O grito do macaco*]

<i>~uká-ta</i>	<i>dihó-bo-di</i>	<i>ihi-i</i>	<i>tí-do-de</i>
uma-CLF:tempo	derrubar-DUB-NMLZ	COP-VIS.PFV.1	ANPH-SG-OBJ
'Eu o derrubaria (o macaco) de uma vez.'			

5 ANÁLISE

Neste capítulo, apresento as categorias de verbos seriais em Wa’ikhana e sua análise sob a ótica da GCBU. Como mencionado anteriormente, os verbos seriais nesta língua foram primeiramente analisados por Stenzel (2007), trago nesta tese uma proposta que não apenas atualiza a análise de *op.cit.*, mas também traz novas contribuições tanto no âmbito tipológico-descritivo, como em uma perspectiva teórica.

Como mencionado no capítulo de revisão teórica, Stenzel (2007, p. 277) observa que, em Wa’ikhana e em Kotiria, a maioria das serializações é formada por duas raízes (apesar de haver serializações com três ou mais raízes) e que aquela mais à esquerda seria o núcleo fonológico, ou seja, como essas são línguas tonais, a melodia tonal da raiz nuclear vai prevalecer sobre as melodias das outras raízes. As raízes não nucleares podem ser consideradas dependentes semanticamente, pois vão contribuir para a construção de um novo significado. Os tipos de serializações encontrados nessas línguas podem ter função de causa-efeito, função adverbial, função aspectual, função modal e a função de indicar uma mudança de estado (*op.cit.*, p. 278-285).

A análise de Stenzel (2007) tem caráter tipológico-descritivo, desse modo, os tipos de verbos seriais são apresentados e suas funções descritas. Nesta tese, utilizando o aparato teórico da GCBU, analiso os tipos de serializações como diferentes construções, que estão conectadas no *constructicon* do falante, por meio de links de herança e semelhança de família (ver seção 5.4). Esta análise que fiz, portanto, traz pela primeira vez para a língua em estudo uma explicação para motivação da forma desses diferentes tipos de serializações, além de mostrar sua relação com outras construções no *constructicon*, como por exemplo construções com morfemas aspectuais. Ademais, o modelo de GCBU permite que expliquemos fenômenos de gramaticalização e lexicalização de modo mais sistemático e gradual, como veremos com as construções com *duhku* e *wa’ā* (ver seção 5.4) e com o caso de *yauduhku* (ver seção 5.5).

Este capítulo está organizado em cinco seções. Na seção 5.1, apresento as características fonológicas dos verbos seriais em Wa’ikhana, que são comuns a todos os tipos de serializações analisadas. Na seção 5.2., diferencio serializações de outras construções multiverbais, como aquelas com verbos auxiliares ou com cípula. Na seção, 5.3. apresentamos as cinco construções seriais identificadas e suas características formais e semânticas. A relação entre essas construções no *constructicon* será explicada na seção 5.4. Por fim, na seção 5.5, explico o caso de *yauduhku*, uma serialização com o verbo *yau*.

‘falar/contar’ e *duku* ‘ficar.em.pé’, que se tornou um novo nó na rede de links, uma vez que está se tornando uma nova palavra.

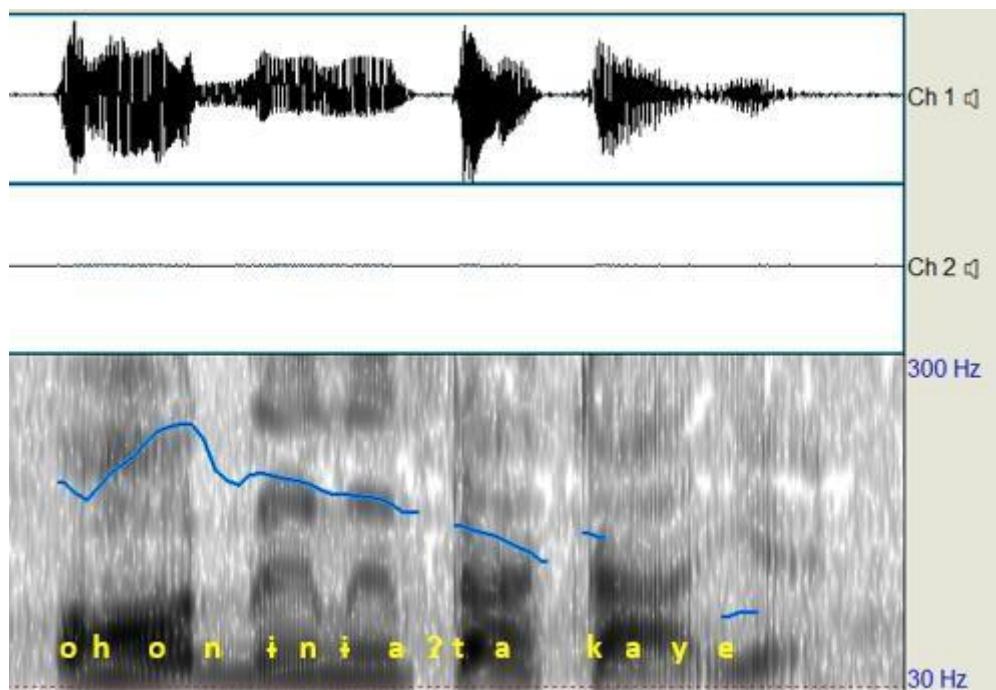
5.1. Características fonológicas dos verbos seriais em Wa’ikhana

Como visto anteriormente, para GCBU, toda construção é um pareamento de forma e significado. No polo da forma, estariam as informações fonológicas, morfológicas e sintáticas de cada construção. Desse modo, nesta seção descrevemos as características fonológicas dos verbos seriais em Wa’ikhana, após análise dos dados que coletei durante as viagens de campo, relatadas no capítulo anterior. Todos os tipos de verbos seriais encontrados se comportam fonologicamente da mesma forma⁹.

As serializações em Wa’ikhana, assim como em outras línguas Tukano Oriental, formam uma única palavra fonológica. Podemos observar esse fenômeno, não apenas porque não há intervalo entre uma raiz e outra, como é possível ver na figura abaixo, mas também por causa do comportamento das melodias tonais nessa estrutura, que obtive através da submissão dos dados ao Programa Praat (conforme descrito no capítulo 4). Na figura 5.1, temos uma serialização com três raízes *oho* ‘mergulhar’, *nini* ‘ir atrás’ e *a’ta* ‘chegar’.

⁹ Com exceção de *yauduku*, serialização do verbo *yau* ‘falar’ e *duhku* ‘ficar em pé’, que está se tornando uma nova palavra (ver seção 5.5).

Figura 5.1. Melodia tonal no Praat da serialização *ohoninia 'takaye*



Fonte: Elaboração própria

Picanço (2019, p. 122-123) define a língua Wa'ikhana como uma língua tonal, baseando-se em Hyman (2001), que afirma que “uma língua tonal é aquela em que uma indicação de *pitch* entra na realização lexical de pelo menos alguns morfemas”. Portanto, observa-se que em Wa'ikhana o tom alinha-se à mora, se associa a morfemas e tem função distintiva. Além disso, as melodias tonais não são afetadas pelas características fonéticas dos segmentos.

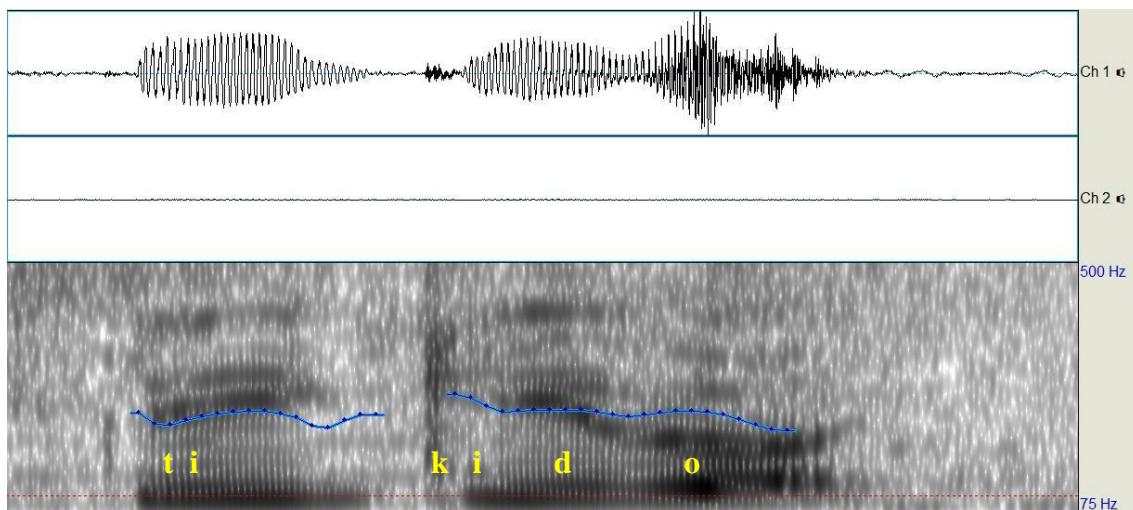
As raízes verbais em Wa'ikhana, em sua grande maioria são bimoraicas e, assim como em outras línguas da mesma família linguística, têm uma melodia tonal própria, na qual cada tom se associa a cada mora. Picanço (2019) apresenta quatro melodias tonais existentes da língua Wa'ikhana: A, AB, BA e BAB¹⁰.

O tom da última mora de uma raiz pode se espalhar caso haja um morfema sufixal, que em geral é destituído de melodia tonal. Abaixo podemos ver exemplos de raízes com melodia tonal A e BA, respectivamente, em que há espalhamento.

Na figura 5.2, há a palavra *tikido*, composta pelos seguintes morfemas *ti-ki-do* ANPH-MASC-SG, que significa “ele ou aquele”. O anafórico *ti* tem tom alto, logo seu tom se espalha pelo restante dos morfemas, mantendo o tom de toda a palavra alto.

¹⁰ A está para “tom alto” e B para “tom baixo.”

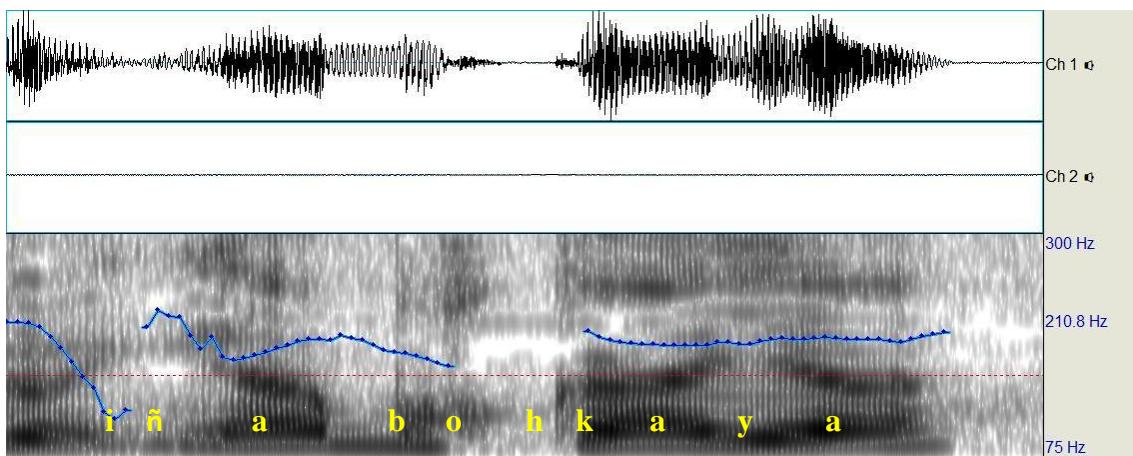
Figura 5.2. Melodia tonal no Praat da palavra *tikido* “ele/aquele”.



Fonte: Elaboração própria

Na figura 5.3, temos a serialização *inābohkaya*, composta pela raiz *~iya* ‘ver/olhar’, a raiz *boka* ‘achar’ e o morfema *-aya*. Como vimos no capítulo 3, seção 3.3.2, nas construções serializadas de línguas Tukano Oriental, a raiz nuclear (a mais à esquerda), também chamada de independente por Ramirez (1997), comanda a melodia tonal de toda serialização. Desse modo, as raízes secundárias (dependentes) perdem sua melodia tonal própria e recebem o tom da última mora da raiz principal que se espalha sobre toda palavra fonológica. Portanto, no exemplo, a primeira raiz à esquerda *~iya* tem o tom BA, logo, seu último tom (A) se espalha para o restante da palavra, como podemos observar na imagem abaixo.

Figura 5.3. Melodia tonal no Praat da palavra *inābohkaya*

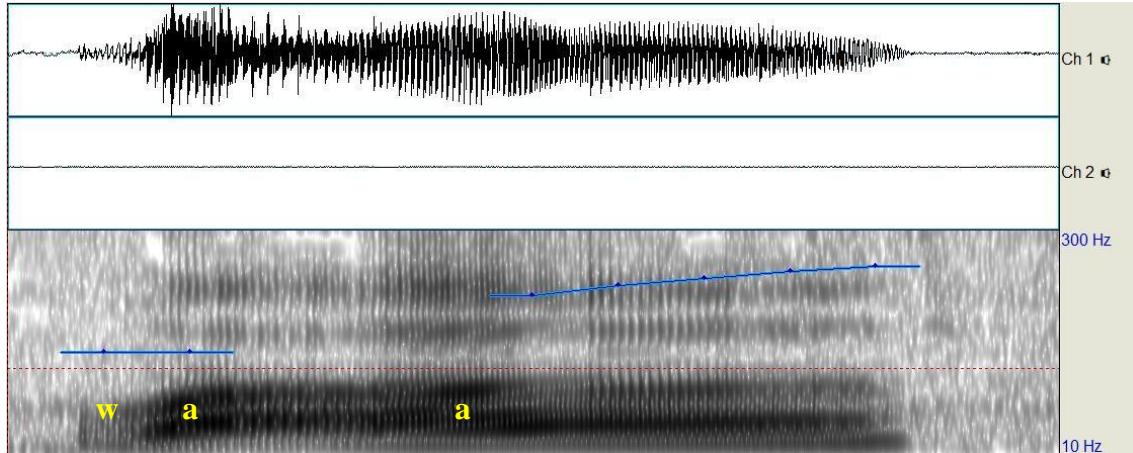


Fonte: Elaboração própria

Como a maioria das raízes são bimoraicas e cada mora é associada a apenas um tom, padrões tonais BA e BAB são aparentemente idênticos quando a raiz não é seguida de algum tipo de morfema. O último tom baixo em BAB apenas se torna evidente quando há um elemento à direita. Por exemplo, a raiz *wa'a* ‘ir’ tem o padrão tonal BAB, no entanto, se não houver qualquer morfema ou raiz após sua realização não é possível distingui-la de uma raiz BA. Podemos observar esse fenômeno nos casos abaixo.

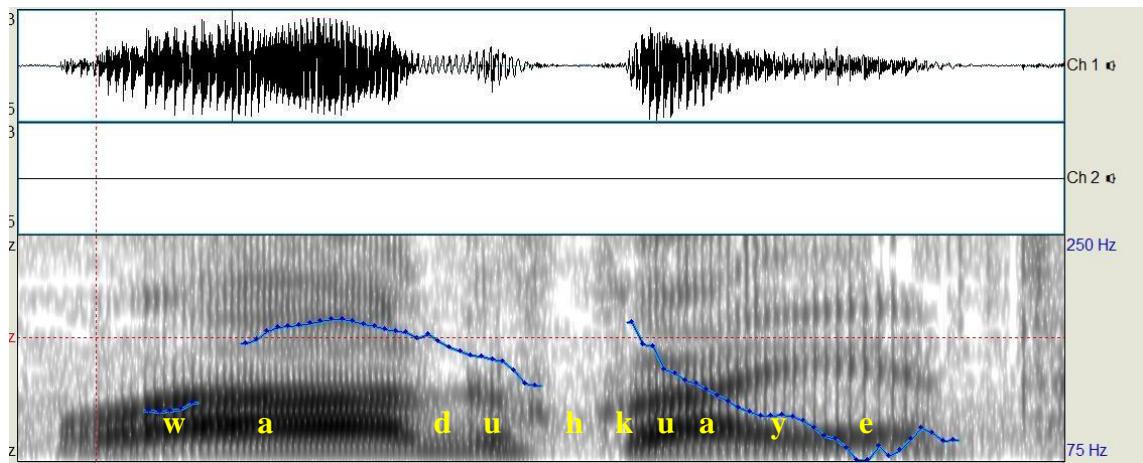
Na figura 5.4., temos apenas a palavra *wa'a* sem outro morfema ou raiz acoplada, podemos observar os tons B e A respectivamente. Já na figura 5.5, há uma serialização *wa'aduhkuaye*, composta por *wa'a*, *duku* ‘ficar.em.pé’ e o morfema verbal *-aye*. Como o padrão de *wa'a* é BAB, é o tom baixo é o que se espalha pela serialização, podemos observar na imagem que a primeira mora de *duku* nessa serialização já recebe o tom B e todo o restante da palavra segue em tom baixo.

Figura 5.4. Melodia tom no Praat do verbo *wa'a* ‘ir’.



Fonte: Elaboração própria

Figura 5.5. Melodia tonal no Praat da serialização *wa'aduhkuaye*.



Fonte: Elaboração própria

Em minha análise, percebi que, em Wa’ikhana, a maioria das serializações seguem o padrão descrito por Ramirez (1997) e retomado por Stenzel (2007) e também por Picanço (2019) em sua análise das serializações em Wa’ikhana. Como apresentado anteriormente no capítulo 2, para a GCBU, cada construção tem um polo da forma e um polo do significado. No polo da forma, estariam representadas todas as características formais de uma construção. Considerando, portanto, os aspectos fonológicos aqui apresentados das serializações em Wa’ikhana, concluo que, no polo da forma dos diferentes tipos de construções seriais, há as seguintes informações em relação a fonologia das serializações verbais: (i) formar uma única palavra fonológica; (ii) ter como núcleo fonológico a primeira raiz à esquerda, da qual se espalha o tom da última mora para o restante da palavra.

5.2. Construções com verbos seriais vs. Construções com verbos auxiliares

As raízes verbais que são partes das serializações aqui analisadas podem ocorrer não apenas em verbos seriais, mas também isoladamente e em outras construções multiverbais, como as com verbos auxiliares. Vejamos abaixo alguns casos do verbo *wa'a* ‘ir’ que é bastante frequente em diferentes contextos, inclusive em serializações.

Em (1), abaixo, temos um caso isolado do verbo (*wa'a*), que tem um significado básico de locomoção de um dado sujeito, *ti~kuða* ‘Eles’. Já o exemplo (2) traz um caso em que esse verbo funciona como um auxiliar, o verbo principal (forma?) é nominalizado por *-i*, redução de *-għu* – nominalizador singular masculino –, e *wa'a* ‘ir’ recebe a morfologia de um verbo finito. Essa construção indica que o sujeito se movimentou com

algum propósito, neste caso, para caçar. O exemplo apresentado em (3) traz uma serialização com *wa'a* ‘ir’, cujo significado é indicar que uma ação (do primeiro verbo, no caso o verbo *toho* ‘chegar em casa’) é feita ao mesmo tempo que um movimento. Veremos na seção 5.3 mais sobre esta construção.

(1) *tikina naha wa'aye naha*

<i>ti-~kuða</i>	<i>~daha</i>	<i>wa'a-aye</i>	<i>~daha</i>
ANPH-PL	EMPH	ir-REP:DIST	EMPH

‘Eles foram.’

(2) *wa'awa'ut topu ko'tei wa'ut, au*

<i>wa'a-wa'a-ut</i>	<i>to-pu</i>	<i>ko'te-gu</i>	<i>wa'a-ut</i>	<i>au</i>
ir-ir-VIS.PFV.1	ANPH-LOC	esperar-1/2SGM	ir-VIS.PFV.1	sim

‘Fui embora, fui lá para esperar(caçar), sim.’

(3) *tohoawa'ya naha tikina naha*

<i>toho-wa'a-aya</i>	<i>~daha</i>	<i>ti-~kuða</i>	<i>~daha</i>
chegar.em.casa-ir-PRES:INTER	EMPH	ANPH-PL	EMPH

‘Eles voltaram (pra casa).’

Podemos observar, então, que verbos seriais se diferem das construções com verbos auxiliares não apenas por seu significado, mas também por sua forma. Como mostrado anteriormente, os verbos auxiliares precisam de um verbo nominalizado como complemento (como em 2), que é outra palavra fonológica e morfológica, ao passo que as serializações consistem em raízes verbais que se unem diretamente e formam uma única palavra gramatical (como em 3). A seguir veremos com detalhes, a diferença entre as construções com verbos auxiliares e as com verbos seriais.

Apesar de muitos verbos ocorrerem tanto em serializações quanto em construções auxiliares, é importante destacar que são estruturas diferentes. Duas características distinguem as duas construções particularmente: (i) primeiramente, as construções de verbo auxiliar contêm um verbo principal nominalizado e uma forma verbal finita, como no exemplo (2) acima, já em uma serialização verbal as raízes estão conectadas, formando uma única palavra verbal que recebe um conjunto de morfemas único; (ii) como vimos na seção anterior, serializações formam uma única palavra fonológica, enquanto as construções de verbos auxiliares têm duas palavras fonológicas.

No que diz respeito à função, uma construção com verbo auxiliar de movimento, por exemplo, apresenta um evento em que o sujeito se move com um propósito. Por exemplo, em (4), o verbo *wa'a* ‘ir’ indica a intenção do sujeito de se locomover (ir à algum lugar) para pegar açaí. O verbo *~dee* está nominalizado por *~da*, um sufixo nominal de plural e é seguido do verbo *wa'a* ‘ir’ com um marcador verbal de *irrealis*.

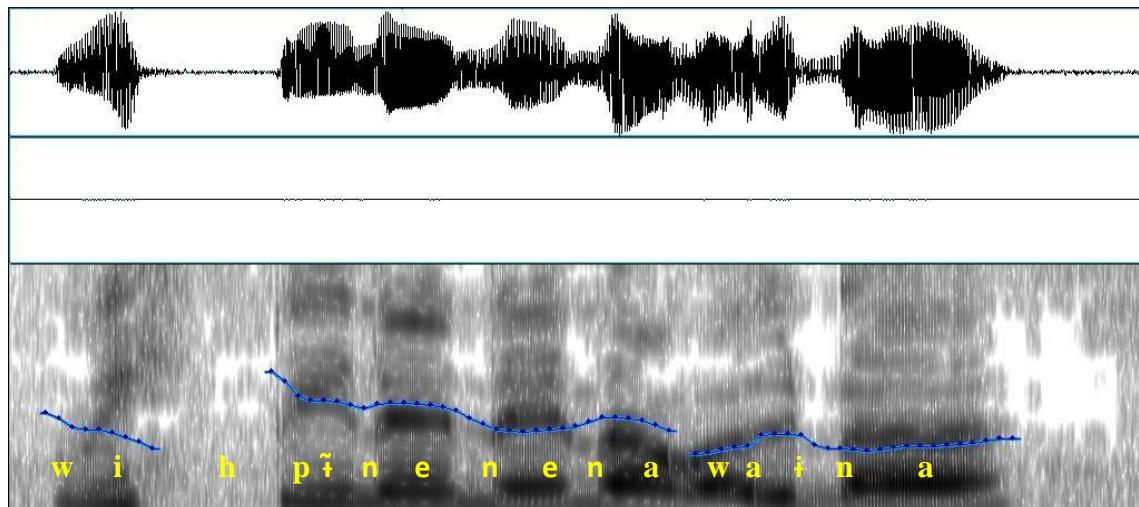
(4) *mali wihpīne nena wa'una*

<i>~balí</i>	<i>~wipí-de</i>	<i>~deé-~da</i>	<i>wa'á-✉-~da</i>
1PL.INC	açaí-OBJ	pegar-PL	ir-1/2-IRR

‘Nós vamos pegar açaí.’

Observamos abaixo no espectrograma que ambos *nena* e *wa'una* têm melodias tonais BAB. Portanto, percebemos que o tom de uma palavra não se espalha para a outra palavra, pois são duas palavras fonológicas completamente independentes.

Figure 5.6 – Espectrograma de *wihpīne nena wa'una* (construção de verbo auxiliar)



Fonte: Elaboração própria

O exemplo (5) também apresenta um caso de construções com verbo auxiliar, no entanto, o verbo auxiliar é *esa* ‘chegar’. Essa sentença descreve outra ação em que há um movimento com um propósito. Neste caso, o sujeito chega a um certo lugar para pescar. O verbo *yo'ye* ‘pescar’ é nominalizado por *-g✉*, morfema nominal singular masculino, e o verbo *esa* ‘chegar’ recebe o morfema verbal frustrativo *-me* (porque a pesca não foi bem sucedida) e o evidencial visual *-✉*.

(5) *mia bo'lekiado kantu, yut'u yo'yei ehsami*

~biá bo'lékedo ~kadút yut'u yo'yé-gu esá-~be-u
hoje de manhã ontem 1SG pescar-1/2SGM chegar-FRUS-VIS.PFV.1

‘Hoje, de manhã, ontem [correção do falante], eu cheguei (lá) para pescar (sem sucesso).

Nos exemplos abaixo temos, em contraste, dois casos de serializações com os mesmos verbos que ocorrem nas construções de verbo auxiliar acima (*wa'a* ‘ir’ e *esa* ‘chegar’). No entanto, podemos observar que as construções se diferem tanto em forma, quanto em significado.

Em (6), temos a serialização *buawa'ye*, que consiste nas raízes *bua* ‘descer’ e *wa'a* ‘ir’. Ao contrário dos casos de construções com auxiliares anteriormente, não há uma raiz nominalizada seguida de um verbo de movimento. Neste exemplo, as raízes estão unidas formando uma única palavra fonológica. O verbo *wa'a* ‘ir’ também não apresenta uma função de “ir com um objetivo”. As ações ocorrem simultaneamente, o sujeito está descendo (desce e vai).

(6) *ma'apu buawa'ye*

~ba'a-pu bu'a-wa'a-aye
caminho-LOC descer.na.terra-ir-REP:DIST
‘Desceram o caminho (de terra).’

O exemplo (7) consiste em uma serialização com o verbo de movimento *esa* ‘chegar’, que também ocorre, como visto anteriormente, em construções auxiliares. Na construção *~bahadukuesa*, temos três raízes verbais serializadas *~baha* ‘subir’, *duku* ‘ficar em pé’ e *esa* ‘chegar’. Nesse caso, temos ações consecutivas, os sujeitos sobem (ficando de pé) e chegam (onde desejam). Assim como no caso anterior, não há nominalização e os verbos formam uma única palavra fonológica. Tanto a função quanto a forma indica que é uma serialização e não uma construção de verbo auxiliar.

(7) *saye tu'asa tikina topule mahaduhkasa*

saye tu'asa ti-~kida to-pu-de ~baha-duku-esa
então terminar.de ANPH-PL-3SG.POSS LOC-OBJ subir-em.pé/ficar-chegar

‘Depois ter feito isso subiu e chegou (na terra).’

5.3. As diferentes construções seriais

Stenzel (2007) em sua análise dos verbos seriais em Wa’ikhana apresentou diferentes possíveis funções para as construções de verbos seriais: (i) expressar causa e efeito, (ii) função adverbial e (iii) função modal. Nesta tese, utilizando o modelo da gramática de construções e a análise dos dados que coletei, argumento que existem cinco tipos de construções com verbos seriais na língua Wa’ikhana:

- (i) **a construção de eventos consecutivos**, na qual dois ou mais eventos seguidos são interpretados como um único;
- (ii) **a construção de movimento**, em que um movimento é feito simultaneamente a outro evento;
- (iii) **a construção de mudança de estado**, que apresenta uma mudança de estado por um determinado sujeito;
- (iv) **a construção de estado durativo**, em que há um aspecto durativo relacionado a um estado;
- (v) **a construção de evento durativo**, em que há um aspecto durativo relacionado a um evento.

O modelo da GCBU não apenas nos possibilitou descrever as construções seriais com maior detalhamento, mas também explicar a relação entre todos os tipos de serialização, bem como sua relação com outras construções na língua. Na seção 5.4, apresentaremos essa relação através de links taxonômicos e de herança, seguindo o modelo de Diesel (2019). Entretanto, vamos entender primeiramente a forma e função de cada uma das construções seriais, a partir dos dados a seguir:

(8) *tikiro Dui iñabohkaye*

<i>tí-kí-dó</i>	<i>Dui</i>	<i>~iyá-boka-aye</i>
ANPH-MASC-SG	Luís	ver/olhar-achar-REP:DIST

‘Ele, Luís, avistou (um animal).’

(9) *Bolado tidole neesano niaya*

<i>bolado</i>	<i>tí-dó-dé</i>	<i>~deé-esa-do</i>	<i>~dúi-aya</i>
Curupira	ANPH-SG-OBJ	pegar-chegar-SG	PROG-ASSUM

‘O Curupira estava levando-o (o velho) embora.’

As sentenças (8) e (9) são exemplos de construções de **eventos consecutivos**, uma vez que designam uma situação composta por eventos que ocorrem de forma sucessiva (ou seja, olhar em uma determinada direção precede encontrar o animal, e levar o velho precede chegar a um determinado lugar). Observemos que, enquanto (10) denota uma relação causal (Luís conseguiu encontrar/avistar o animal como resultado de olhar em uma certa direção), o mesmo não ocorre em (11) (chegar a um determinado lugar não é o resultado de levar o velho). Portanto, argumento que a construção de eventos consecutivos não codifica uma semântica de causa e efeito: são apenas dois eventos que ocorrem sequencialmente. Além disso, observemos que a posição relativa dos verbos reflete de forma icônica a ordem dos eventos no mundo, de modo que o primeiro verbo denota o primeiro evento, enquanto o segundo verbo denota o evento seguinte. A forma deste modelo de construção pode ser representada da seguinte maneira: [VERBO- VERBO- MORFEMAS].

- (10) *seedo dihia, tu'osuhgū* (STENZEL & CEZARIO, 2019, p. 412)

<i>saá-yéé-dó</i>	<i>dihí-í-á</i>	<i>tu'ó-súá-gú</i>
ser.assim-	descer-VIS.PFV.1-ENPH	ouvir-ir.para.floresta-1/2SGM
fazer-SG		

‘Assim (de modo ‘devagar’ segundo o consultor), desci, entrando no mato (atrás do som do guariba),’

- (11) *tikido pñ'awa 'ari ihidi*

<i>tí-kí-dó</i>	<i>~pñ'á-wa'á-di</i>	<i>ihi-di</i>
ANPH-MASC-	ser.magro-ir-NMLZ	COP-VIS.PFV.2/3
SG		

‘He lost weight. (Lit: He became thin).’

- (12) *tido yuhkusagã kuñaduhkuaye tima pito*

<i>ti-do</i>	<i>yukusa~-ga</i>	<i>-kuda-duku-aye</i>
ANPH-SG	canoa-DIM	estar.no.chão-ficar.em.pé-REP:DIST
<i>ti~-baa</i>	<i>Pito</i>	

ANPH-CLF:rio.pequeno boca.de.igarapé

‘A sua pequena canoa estava na beira do igarapé.’

- (13) *ti tukunogã pa'sadukhaye bukuudo*

<i>Tí</i>	<i>tukú-do~-ga</i>	<i>pa'sá-duku-aye</i>	<i>bukú-dó</i>
ANPH-SG	enseada-SG-DIM	boiar-ficar.em.pé-REP	ser.velho-SG(NMLZ)

‘Na enseada, o velho boiava.’

O exemplo (10) ilustra a construção de movimento. Esta construção difere da anterior em dois aspectos importantes: primeiramente, ela envolve eventos simultâneos (em oposição a consecutivos); segundamente, um dos verbos designados é necessariamente um evento de movimento. O evento de movimento de entrar na floresta é interpretado como simultâneo a um evento de escuta. Podemos notar que, no modelo de construção de movimento, a posição do verbo de movimento é sempre a segunda. Assim, a forma da construção pode ser resumida da seguinte maneira: [EVENTO.VERBO-MOVIMENTO.VERBO-MORFEMAS].

O exemplo (11) ilustra a construção de mudança de estado, que designa uma situação na qual o referente sujeito passa a estar em um estado diferente. Neste exemplo, o referente sujeito se torna magro. Diferentemente das duas construções anteriores, a construção de mudança de estado só admite verbos estativos (em oposição a verbos de evento) em sua primeira posição (o verbo em questão é *pH'á* ‘ser magro’). Outra diferença importante é que a construção de mudança de estado é parcialmente preenchida: sua segunda posição é obrigatoriamente ocupada pelo item *wa'a* ‘ir’, que aqui está completamente desprovido de seu significado “lexical”. Assim, a forma geral da construção pode ser representada da seguinte maneira: [VERBO.ESTATIVO-wa'a-MORFEMAS].

Por fim, os exemplos (12) e (13) ilustram as construções durativas. Semelhante à construção de mudança de estado, as construções durativas são parcialmente preenchidas, já que sua segunda posição deve ser ocupada pelo item *duku* ‘ficar de pé’. Outra semelhança importante é que, ao ocupar a segunda posição das construções durativas, *duku* não transmite seu significado posicional “lexical”; em vez disso, ele funciona como um marcador aspectual. No entanto, deve-se apontar que a construção durativa estativa e a construção durativa eventiva diferem em relação ao conjunto de itens que podem ser inseridos em sua segunda posição: enquanto a primeira requer especificamente verbos estativos (como *~kuda* ‘estar no chão’ em (12)), a segunda só admite verbos dinâmicos (como *pa'sá* ‘flutuar’ em (13)).

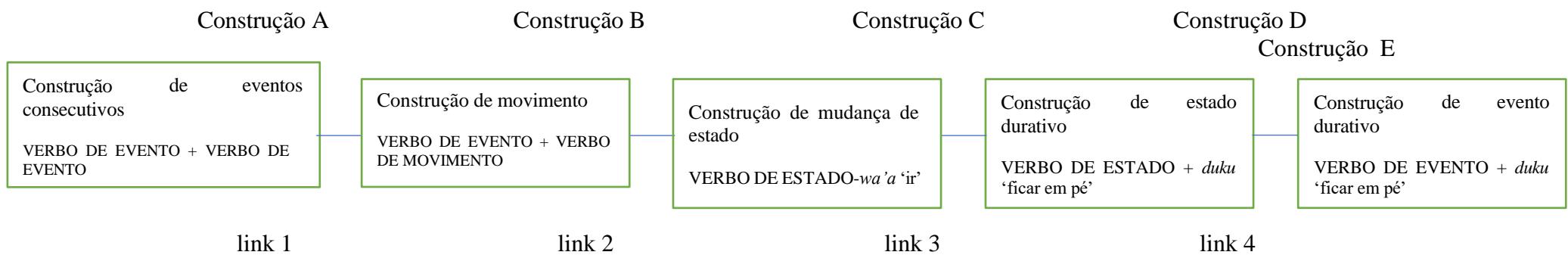
5.4. As serializações verbais e suas relações na rede construcional

Seguindo o aparato da GCBU, buscou-se organizar as cinco construções em dois grupos maiores: um para construções de verbo seriais que envolvem **eventos complexos**, abrangendo os tipos (i) e (ii), e outro para construções de **verbo seriais aspectuais**, abrangendo os tipos (iii), (iv) e (v). No entanto, essa análise a princípio nos obrigaría a adotar ou uma abordagem de homonímia (para a qual a forma VERBO 1 + VERBO 2 corresponderia a duas construções completamente não relacionadas) ou uma abordagem formalista (em que as cinco construções de verbo serial estariam ligadas taxonomicamente a uma construção mais geral e defeituosa, ou seja, uma construção sem significado). Como pode ser visto, ambas as soluções vão contra o espírito de uma gramática de construção baseada no uso e orientada funcionalmente, pois se baseiam em generalizações puramente formais e contradizem a intuição funcional de que formas semelhantes tendem a ter significados semelhantes (veja, por exemplo, o Princípio da Motivação Maximizada de Goldberg (1995)).

Diante disso, esta tese propõe uma abordagem diferente, que é fundamentalmente construída sobre a noção de **estrutura de semelhança familiar**. Nesta abordagem, argumenta-se que, embora nenhuma característica semântica única possa ser atribuída a todas as construções de verbo serial, pode-se demonstrar que as construções em questão exibem afinidades locais, uma a uma. Mais especificamente, argumentamos que (i) a **construção de eventos sequenciais** e a **construção de movimento** estão relacionadas por um vínculo construcional que representa o fato de que ambas designam um evento complexo (ou seja, um evento de ordem superior composto por eventos individuais); (ii) as **construções de movimento e mudança de estado** estão relacionadas por um vínculo construcional que representa o fato de que ambas designam algum tipo de mudança (em relação à localização ou ao estado); (iii) a **construção de mudança de estado** e a **construção de estado durativo** estão relacionadas por um vínculo construcional que representa o fato de que elas contribuem com nuances aspectuais opostas para um determinado estado designado; e (iv) a **construção de estado durativo** e a **construção de evento durativo** estão relacionadas por um vínculo construcional que representa o fato de que ambas transmitem aspecto durativo. Como resultado, teríamos uma família de cinco construções de verbo serial interconectadas, apesar do fato de que nenhuma característica única se aplica a todas elas.

Essa análise implica que o "elo perdido" da nossa primeira tentativa de categorização é a relação de oposição entre a construção de mudança de estado e a construção de estado durativo. Desse modo, é este link que conecta as duas categorias maiores (ou seja, a “categoria de eventos complexos” e a “categoria aspectual”), unindo assim as duas metades da família construcional. A visão geral pode ser representada da seguinte forma.

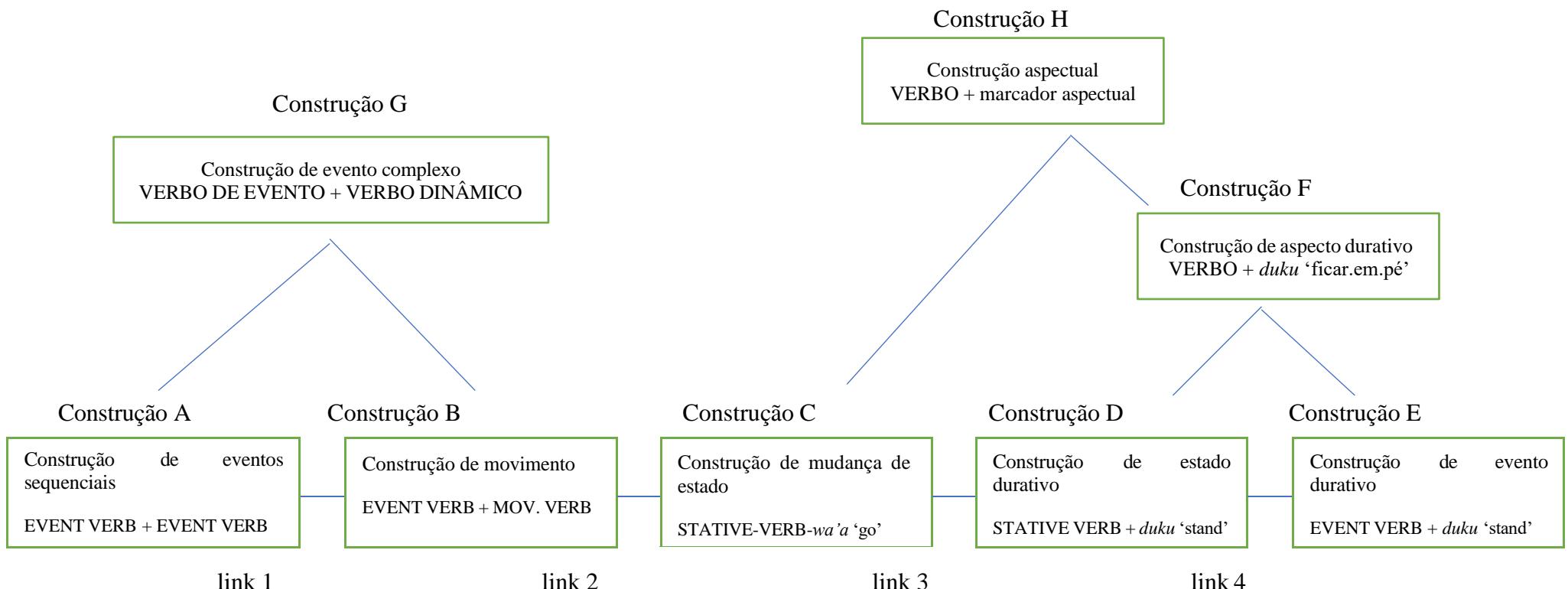
Figura 5.7 – Links por semelhança de família das cinco construções de verbo seriais



Fonte: Elaboração própria

Observemos que, entre os quatro vínculos construcionais representados na figura 12, dois dão origem imediatamente a construções mais gerais e abstratas: o link 1 implica a existência de uma construção de evento complexo mais geral, enquanto o link 4 aponta a existência de uma construção de estado durativo mais geral. Além disso, o fato de que as construções de verbo serial C, D e E compartilham uma característica aspectual pode ser capturado ao se assumir que elas estão relacionadas taxonomicamente a uma construção aspectual superordenada. Essa sugestão é ainda apoiada pelo fato de que outros marcadores aspectuais, que não existem como verbos independentes, são encontrados em Wa’ikhana. Por exemplo, o morfema *-eti* transmite aspecto imperfeito, enquanto o morfema *~ka'a* transmite aspecto completivo. A rede resultante, mais completa, é mostrada na figura 5.8.

Figura 5.8 – A rede construção de verbos seriais



Fonte: Elaboração própria

Como mostra esta figura, as construções C, D e E estão (direta ou indiretamente) ligadas tanto às construções de verbo serial (construções A e B) quanto às construções aspectuais (construções F e H), constituindo assim uma família construcional que se projeta para uma construção aspectual mais geral. Isso explica a aparente natureza ambivalente de unidades como *wa'a* e *duku*: o fato de construções C, D e E estarem conectadas a construções de verbo serial não aspectuais (e possivelmente a outras construções de estrutura argumental) inclui esses itens em um "paradigma de verbo principal", enquanto suas conexões com outras construções aspectuais justificam sua inclusão em um "paradigma de marcador aspectual". Em outras palavras, as construções parcialmente preenchidas de *wa'a* e *duku* são simultaneamente construções de verbo serial e construções aspectuais.

Em Wa'ikhana, o verbo *duku* é um verbo de posição cujo significado é ficar em pé ou estar em pé parado. Abaixo podemos ver um exemplo deste verbo com seu significado básico sem estar numa construção serial.

(14) *tido yu'u phaku'ba'udo uhsuati'alido duhkuka'li ihidi phehtamaapu'na*

<i>ti-do</i>	<i>yu'u</i>	<i>paku-ba'u-do</i>	<i>usua-ti-di-do</i>
ANPH-SG	1SG	pai-irmão.menor-SG	estar.bravo-ATTR-NMLZ-SG

<i>duku-ka'a-di</i>	<i>ihi-di</i>	<i>peta-~baa-pu-~daha</i>
ficar.em.pé-dur-NMLZ	COP-VIS.PFV.2/3	porto-igarapé-LOC-EMPH

'Meu tio estava em pé bravo no porto.'

Em serializações, no entanto, quando *duku* ocupa o *slot* mais à direita (aqui chamado de *slot 2*), adquire uma função aspectual durativa e perde sua semântica lexical. No exemplo (15), há uma serialização com ~*sayu* 'gritar' no *slot 1* e *duku* no *slot 2* e o significado é de que a ação de gritar se prolongou. Isso evidencia a perda semântica de *duku* nessa posição construcional e sua função aspectual.

(15) *kaa ñe'eduagñ sañuduhkumaamuhuli ihidi hñ, cho!*

<i>Kaá</i>	<i>~ye'é-díúá-~gu</i>	<i>~sayú-duku-~baá-~bu'hu-di</i>
gavião	pegar-DES-SWRF	gritar-ficar.em.pé-sair-AFFECT-NMLZ

<i>ihí-di</i>	<i>~hñ</i>	<i>cho</i>
---------------	------------	------------

COP-VIS.PFV.2/3 INTJ:afirm INTJ:puxa!
 '(Como) o gavião queria pegá-lo, (parece que) estava gritando, né? Puxa!'
 (STENZEL & CEZARIO, 2019: 414)

Considerando o princípio da Gramática de Construções segundo o qual uma construção é um pareamento de forma e significado, podemos postular a seguinte construção: [VERBO-*duku*-MORF.VERBAL], cujo significado seria indicar aspecto durativo a um evento, ação ou estado. Vejamos abaixo alguns casos:

(16) <i>seedo, tido</i>	<i>yohadukuaye, te topu ewupa mali nino bu'igã</i>
<i>saa-yee-do</i>	<i>ti-do</i>
então-fazer-SG	ANPH-SG

<i>Tee</i>	<i>to-pu</i>	<i>ewupa</i>	<i>~badi</i>	<i>~dii-do</i>	<i>bu'i-~ga</i>
Até	ANPH/DEF-LOC	Tauá.comunidade	1.INC	COP-SG	fazer.na.frente-DIM

'Então, ele foi subindo na frente, até lá em cima onde chamamos Tauá.'

(17) <i>ti tukunogã pa'sadukuaye bukuudo</i>
--

<i>Ti</i>	<i>tuku-do-~ga</i>	<i>pa'sa-duku-aye</i>	<i>buku-do</i>
ANPH-SG	enseada-SG-DIM	boiar-ficar.em.pé-REP:DIST	ser.velho-SG(NMLZ)

'Nessa enseada um velho boiava.'

(18) <i>tido yuhkusagã kuñaduhkuaye tima pito</i>

<i>ti-do</i>	<i>yukusa-~ga</i>	<i>~kuda-duku-aye</i>	
ANPH-SG	canoa-DIM	estar.no.chão-ficar.em.pé.REP:DIST	

<i>ti-~baa</i>	<i>Pito</i>
ANPH-CLF:igarapé	boca.de.igarapé

'A caninha dele estava na boca do igarapé arara.'

É importante destacar que os exemplos (17) e (18) claramente apontam como neste contexto o verbo *duku* perdeu a sua semântica original. Em ambos os casos o sujeito da serialização verbal não está em pé – em (17) o homem está “boiando, o que significa

que está sentado na canoa¹¹, e em (18) o sujeito não é animado e o verbo no *slot* 1 é um verbo de posição.

Os verbos seriais em Wa’ikhana como regra formam uma única palavra fonológica, no entanto, num geral, as raízes da construção serial são reconhecidas como diferentes partes unidas em um contexto específico. No caso das serializações mais frequentes, as raízes verbais que fazem parte da construção têm a tendência a se aglutinar ainda mais, formando de fato uma única unidade.

Este é o caso da serialização *yauduku*, em que *yau* significa ‘falar’ se serializa com *duku*, que, como vimos neste contexto, indica duratividade. Essa serialização normalmente é traduzida como ‘conversar’. Considerando os processos de domínio geral apresentados por Bybee (2010), podemos considerar o caso de *yauduku* uma construção formada pelo processo denominado *chunking*. Esse processo ocorre quando duas ou mais palavras são frequentemente usadas juntas e desenvolvem uma relação sequencial. A autora afirma que a força dessa relação é determinada pela frequência com que as duas palavras aparecem juntas (2010, p. 33-34).

A serialização *yauduku*, além de muito frequente, muitas vezes sofre uma redução fonética de *yauduku* [jaudu^hkú] para *yaku* [ja^hkú], como nos exemplos abaixo. De acordo com Bybee (2010, p. 36), em casos de alta frequência, *chunks*, assim como casos de sintagmas ou marcadores discursivos gramaticalizados, podem perder sua estrutura interna e partes constituintes identificáveis. Abaixo podemos ver alguns exemplos, a redução *yaku* [ja^hkú] está representada na primeira linha, que contém a representação ortográfica, embaixo na camada subjacente está a serialização original.

- (19) “*mali sani yahku mali*”, *nii*

~ <i>badi</i>	~ <i>sadi</i>	<i>yau-dukú</i>	~ <i>badi</i>	~ <i>dii</i>
1PL.INC	assim	falar-ficar.em.pé	1PL.INC	dizer

“Assim nós combinamos”, disse.’

- (20) “*mali wihpñe nena wa'hná*”, *nii yahku wākā yeaye*

~ <i>badi</i>	~ <i>wipi-de</i>	~ <i>dee-~da</i>	<i>wa'a-gu-~da</i>	~ <i>dii</i>
1PL.INC	açaí-OBJ	pegar-PL	ir-1/2SGM-PL	dizer

¹¹ Informação explicada pelo narrador da história e consultor de tradução.

<i>yau-dukú</i>	<i>~wa'ka</i>	<i>yee-aye</i>
falar-ficar.em.pé	acordar	fazer-REP:DIST
“Nós vamos pegar (açaí)” disse, conversando ao acordar.’		

Anteriormente, na seção 5.1, vimos que *yauduku* também apresenta uma melodia tonal diferente das outras instâncias de serializações com *duku* (e outras serializações em geral), comportando-se como se fosse uma única raiz verbal. Considerando a mudança na melodia tonal e a redução fonética para *yaku*, levantamos a seguinte questão: seria esse um caso de construção serial ou já poderíamos considerá-lo uma única palavra?

Além disso, as raízes em Wa’ikhana em sua maior parte são bimoraicas (PICANÇO, 2019, p. 91). É interessante notar, portanto, que, na redução apresentada acima, a serialização *yauduku* [jaudu^hkú] (com duas raízes e, desse modo, quatro moras) se reduz para uma forma com apenas duas moras *yaku* [ja^hkú], seguindo o padrão da língua. Isso indica que a relação desse *chunking* é tão forte que pode levar a formação de uma nova raiz que segue o sistema fonológico da língua.

5.3.1 Verbos seriais com verbos de movimento

Outro sub tipo de construções seriais encontradas em Wai’khana são aquelas formadas por verbos de movimento como *wa’ a* ‘ir’, *a’ta* ‘vir’ e *esa* ‘chegar’. Nesta análise, dividimos as serializações com verbos de movimento em dois grandes grupos: (i) **serializações com verbos de ação + verbo de movimento** e (ii) **serializações com verbos estativos + *wa’ a* ‘ir’**.

5.3.1.1 A construção serial com verbos de ação + verbo de movimento

Stenzel (2007), em sua análise de verbos seriais em Wa’ikhana e em Kotiria, apresenta um tipo de serialização em que no *slot* 2 ocorrerem os verbos *wa’ a* “ir” e *a’ta* “vir”, acompanhados de um verbo de ação no *slot* 1. Nesses casos, a serialização indica que a ação foi feita por meio de um movimento físico para longe ou em direção do falante (ou outro ponto de referência). Por exemplo, em (21), a construção com a raiz ~*baha*, que

significa “ir para cima da colina”, seguida do verbo *a’ta* ‘vir’ pode ser lida como “venha até em cima (para minha casa)”. Ou seja, a ação de *~baha* ‘subir’ é feita com um movimento acoplado, em direção ao falante.

- (21) *~baha-a'ta-ya* *~bu'u-~gu'u*
 subir.morro-vir-IMPER 2SG-ADIC
 “Venha até em cima (para minha casa) também.” (STENZEL, 2007, p. 279)

Nesta análise notamos que outros verbos além de *wa'a* “ir” e *a'ta* “vir” podem ocorrer no *slot 2* na construção de movimento acoplado. O tipo de movimento que ocorre no *slot 2* vai determinar a semântica do movimento simultâneo.

Por exemplo, em (22) o verbo de movimento que está no *slot 2* é o verbo *sua* “entrar.no.mato”, que indica que a ação do verbo do *slot 1*, *tú’ó* “escutar”, foi feita ao mesmo tempo que o sujeito entrava no mato. Nesse exemplo, o falante estava contando sobre um dia de caça – portanto, ele entrou no mato escutando o som do macaco que estava caçando. No exemplo (23), temos no *slot 2* o verbo de movimento *dihí* ‘descer’, que indica que a ação de *~i’ya* ‘ver’, o olhar do sujeito, foi feita de cima para baixo.

- (22) *seedo dihia, tu'osuugú*
 saá-yéé-dó dihí-í-á ***tu'ó-súa-gú***
 Devagar descer-VIS.PFV.1-ENPH escutar-entrar.no.mato-1/2SGM
 ‘Assim (de modo ‘devagar’ segundo o consultor), desci, entrando no mato (atrás do som
 do guariba). (STENZEL & CEZARIO, 2019, p. 412)

- (23) Vinte cinco andar *ihidopu* princesa *i'ñadihioaye*

Vinte cinco andar ihi-do-pu princesa ~i'ya-dih-i-aye
 COP-NMLZ-LOC ver/olhar-descer-REP:DIST
 ‘No vigésimo quinto andar, a princesa observava (de cima pra baixo).’

Desse modo, postulamos a existência de uma construção mais abstrata [VAÇÃO-VMOV-MORF.VERBAL], na qual diferentes tipos de verbos de movimento podem ocorrer no segundo slot. Seu significado seria indicar que a ação do verbo do *slot 1* é feita com o movimento do verbo do *slot 2*.

Percebemos na análise que o verbo mais frequente no *slot 2* é o verbo *wa'a* “ir”. De acordo com a GCBU, isso poderia indicar que no *constructicon* do falante já existiria

uma construção menos abstrata [VAÇÃO-wa 'a-MORF.VERBAL], que indicaria que o sujeito executou a ação do primeiro verbo indo a algum lugar.

Na seção anterior, vimos o caso do *chunk yauduku*, formado por *yau* ‘falar’ e *duku* ‘ficar em pé’, cujo significado é ‘conversar’. Foi mostrado também que essa serialização ocorre certas vezes de modo reduzido se tornando uma palavra de apenas duas moras *yaku*. Outra ocorrência encontrada nesta análise que possivelmente é o resultado de um processo de *chunking* é a palavra *bu'asa*.

O verbo *bu'a* em Wa'ikhana significa descer em direção ao porto ou à beirada do rio. Já *bu'asa*, de acordo com os informantes e os contextos de ocorrência dessa forma, significa chegar ao porto ou à beirada do rio. Considerado que serializações verbos de ação + verbos de movimento são construções muitas produtivas nessa língua, nossa hipótese é de que *bu'asa* venha de uma serialização de *bu'a* ‘descer para o porto’ + *esa* ‘chegar’, verbo de movimento comum nessa posição. Vejamos alguns exemplos:

(24) *tikiro dehkoph tikiro maădehkoph tikiro ihirohtoa tikiro namonope bu'asa yeaye*

<i>ti-ki-do</i>	<i>deko-pu</i>	<i>ti-ki-do</i>
ANPH-MASC-SG	meio-LOC	ANPH-MASC-SG

<i>~maa-deko-pu</i>	<i>ti-ki-do</i>
igarapé-meio-LOC	ANPH-MASC-SG

<i>ti-ki-do</i>	<i>~dabo-do-pe</i>	<i>bu'a-esa</i>	<i>yee-aye</i>
ANPH-MASC-SG	mulher-SG-CONTR	descer.na.terra-chegar	fazer-REP:DIST

‘Quando ele estava bem no meio rio a esposa dela chegou na beira do rio.’

(25) *bua'sa uhtiduhku*

<i>bu'a-esa</i>	<i>uti-duku</i>
descer.na.terra-chegar	chorar-ficar.em.pé

‘Chegou (na beira do rio) e ficou chorando.’

(26) *uhtiduhku tu'asa, wahkū tuhtua u'puñohāwa'aye namono pe'ata*

<i>uti-duku</i>	<i>tu'asa</i>	<i>~waku</i>	<i>Tutua</i>
-----------------	---------------	--------------	--------------

chorar-ficar.em.pé terminar refletir criar.coragem

u'pu-~doha-wa'a-aye ~dabo-do pe'a-ta
pular-?-ir-REP:DIST esposo-SG atravessar-EMPH

‘Depois que chorou, refletiu, criou coragem e se jogou no rio a esposa.’

O verbo *esa* ‘chegar’, assim como *wa'a* ‘ir’, aparece com frequência no *slot* 2 da construção com verbos seriais de movimento e em outras construções multiverbais de movimento. A semântica do verbo *esa* complementaria a de *bu'a*, formando o sentido que temos em *bu'asa*. A redução fonética de *esa* para apenas *sa* seria por conta do processo de *chunking*, que como vimos pode resultar nesse tipo de mudança fonética. No entanto, ao contrário de *yaku*, que é reconhecido pelos falantes como uma redução de *yauduku*, não é possível recuperar uma forma sem redução de *bu'asa*. Isso pode ocorrer porque esse *chunking* já seria mais estabilizado na língua, de modo que uma nova palavra já teria se formado. Assim como no caso de *yaku*, a forma *bu'asa* segue o padrão fonológico das palavras em Wa'ikhana, que podem ter duas ou três moras.

A maior parte das serializações com verbos de ação + verbo de movimento se encaixa na descrição que fizemos anteriormente de “uma ação feita com algum movimento simultâneo ou acoplado”. Entretanto, encontramos alguns casos com esta forma que indicavam situações de causa e efeito, como podemos ver abaixo.

(27) *bo'dake'sa mihū yenūnūtaye namonope*
boda-ke'sa ~buhū yee-~dudu-a'ta-aye namo-do-pe
cair-estar.parado subir fazer-ir.atrás-vir-REP:DIST esposo-SG-CONTR
‘A esposa, caindo e subindo, veio atrás (do marido).’

(28) *tunomahkā dohkewa'asale*
~tudo-~baka doke-wa'a-esa-de
rolar-? bater-ir-chegar-VIS.IPFV.2/3
‘Bola rolando foi e bateu.’

Outro tipo de serialização com verbos de movimento muito frequente em

Wa'ikhana são os casos como em (29), (30) e (31), em que o mesmo verbo ocorre no *slot* 1 e no *slot* 2. Os únicos verbos que encontramos nesse tipo de construção foram *wa'a* ‘ir’ e *a'ta* ‘vir’. Esses casos, diferentemente da construção de verbo de ação + verbo de movimento com significado de movimento acoplado, parecem enfatizar o movimento do verbo repetido, trazendo a ideia de “ir/vir embora” de algum lugar.

(29) *sayédo Dui néno wá'wáye*

<i>Saye-do</i>	<i>Dui</i>	<i>~dee-do</i>	<i>wa'a-wa'a-aye</i>
ser.assim-SG	Luis	pegar-SG	ir-ir-REP:DIST

‘Por isso, Luis foi embora pegar (açaí).’

(30) *wa'awa'adi ihidinaha*

<i>wa'á-wá'á-dí</i>	<i>ihí-di-~daha</i>
ir-ir-NMLZ	COP-VIS.PFV.2/3-EMPH

‘(Parece que) ele foi embora (ver o igarapé).’ (Lit. “Parece que há/houve a ida longe”).

(31) *tide si'ni ti pitigñi, i'ña, a'tatañnaha*

<i>ti-de</i>	<i>~si'di</i>	<i>ti-piti-~gut</i>	<i>~i'ya</i>	<i>a'ta-a'ta-u-~daha</i>
ANPH-OBJ	beber-ANPH	acabar-SWRF	ver/olhar	vir-vir-VIS.PFV.1-EMPH

‘Quando vi que a bebida acabou, voltei (para casa).’

5.3.1.2 A construção com verbos estativos + *wa'a* “ir”

Outra construção com verbo de movimento apresentada por Stenzel (2007) é a construção cujo significado é mudança de estado. Nesses casos, de acordo com a autora, a raiz à esquerda é um verbo estativo e a raiz à direita é o verbo *wa'a* “ir”. Ao contrário da construção de movimento acoplado, essa construção tem apenas um *slot* em aberto que é o da raiz à esquerda. O verbo *wa'a* “ir” é parte da forma da construção. Portanto, teríamos a forma [VESTATIVO-*wa'a-* MORF.VERBAL] cujo significado seria mudança de estado, como podemos ver nos exemplos (23) e (24).

(23) *ñaiawa'ari narañagut*

<i>~yaia-wa'á-di</i>	<i>~daráya-gut</i>
----------------------	--------------------

estar.seco-ir-VIS.PFV.2/3 laranja-CLF:árv.npl
‘O pé de laranja secou.’

(24) *tikido pñ’awa’ari ihidi*
tí-kí-dó ~*pñ’á-wa’á-di* ihi-di
ANPH-M-3SG estar.magro-ir-NMLZ COP-VIS.PFV.2/3
‘Ele emagreceu.’

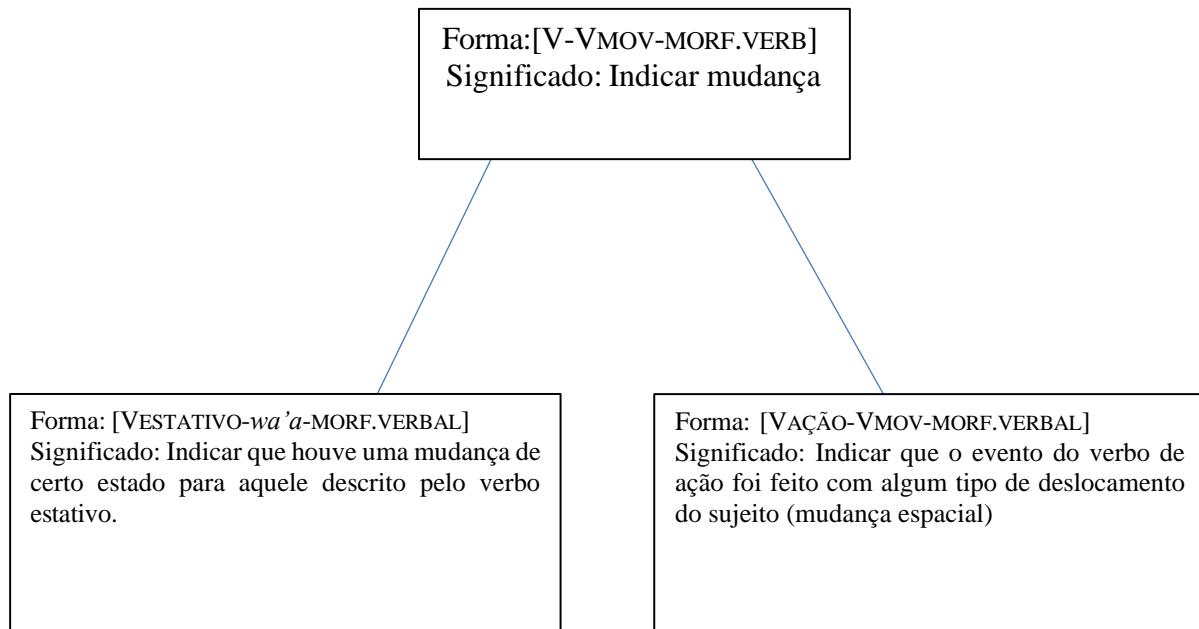
5.4 Links entre as construções

A GCBU, como visto anteriormente, propõe a existência de um inventário de construções, no qual os itens estariam interligados por diferentes *links*. Nesta análise, buscamos a relação entre as duas construções com verbos de movimento apresentadas anteriormente, a construção de movimento acoplado [VAÇÃO-VMOV-MORF.VERB] e a construção que indica mudança de estado [VESTADO/PROCESSO-wa’á-MORF.VERB], apontando os possíveis links que poderiam existir entre elas.

Primeiramente, partimos do princípio de que estas construções estão interligadas, porque não apenas a sua forma é similar, mas também seu significado em um nível metafórico. Se consideramos a metáfora estado é espaço, podemos estabelecer uma relação entre os dois significados, que de alguma forma indicam alguma mudança. No caso da construção de movimento acoplado [VAÇÃO-VMOV-MORF.VERB], temos uma mudança espacial, ou seja, o deslocamento que ocorre em conjunto com a ação do verbo do primeiro slot. Já a construção [VESTADO/PROCESSO-wa’á-MORF.VERB] indica uma mudança relacionada a um estado ou processo.

Desse modo, a hipótese é a de que as duas construções estejam conectadas a uma construção mais abstrata que englobaria os dois significados. A forma dessa construção seria bem abrangente [V-VMOV-MORF.VERB], sendo que em V poderia ser tanto verbos de ação, quanto estativos ou de processo. Essa construção teria um significado geral de mudança. Os links entre essa construção mais abstrata e as duas construções apresentadas anteriormente pode ser representada como na figura a seguir:

Figura 5.9 – Links a uma construção mais abstrata



Fonte: Elaboração própria

Vimos anteriormente que o verbo *wa'a* “ir” pode ocorrer tanto na construção de movimento acoplado como na construção de mudança de estado. No entanto, na construção de movimento acoplado, *wa'a* “ir” concorre com outros verbos de movimento, como *a'ta* “vir”, *esa* “voltar” etc. no *slot 2*. Já na construção de mudança de estado, ele faz parte da forma da construção.

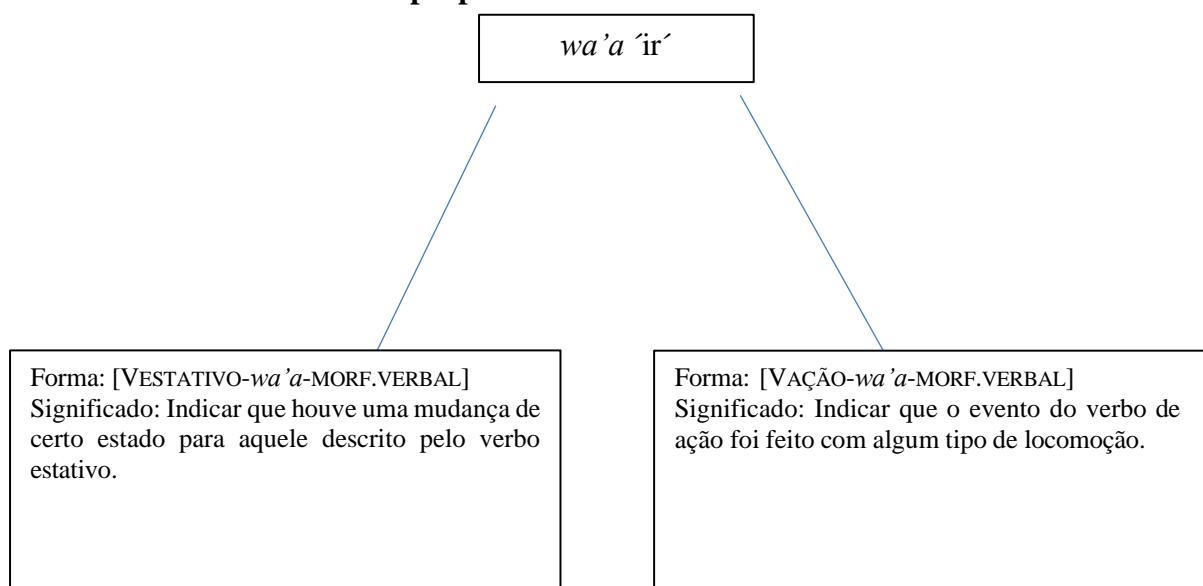
Ainda assim, foi observado que, mesmo na construção de movimento acoplado, o verbo *wa'a* “ir” é o mais frequente. Desse modo, seguindo os princípios dos modelos baseados no uso, podemos afirmar que no *constructicon* do falante existe uma construção de movimento acoplado, na qual *wa'a* é parte da construção [VAÇÃO-*wa'a*-MORF.VERB]. O significado seria de que algum tipo de locomoção por parte do sujeito foi feito, ao mesmo tempo que se desenvolvia a ação do verbo no *slot 1*, como podemos ver no exemplo (27):

(27) <i>di'iga sopekapu saawa'ale</i>
<i>di'i-ga</i> <i>sopeka-pu</i> <i>~saa-wa'a-de</i>
cerâmica-CLF:rodondo buraco-LOC colocar/estar.dentro-ir-VIS.IPFV.2/3
‘A bola entrou no buraco.’

Assim, outro link que postulamos nesta análise é aquele entre as duas construções com o verbo *wa'a* “ir” [VAÇÃO-wa'a-MORF.VERBAL] e [VESTATIVO-wa'a-MORF.VERBAL], que estariam ligadas no *constructicon* por um link horizontal, uma vez que elas têm o mesmo grau de abstração. A ligação ocorreria por similaridade da forma – as duas construções têm um *slot* em aberto no qual pode ocorrer algum tipo de verbo e o verbo *wa'a* “ir” – e de significado as duas indicam algum tipo de mudança, como argumentamos anteriormente.

É possível também postular que essas duas construções estejam conectadas ao verbo *wa'a* “ir”, que, como visto, pode ocorrer isoladamente ou dentro de uma construção serial. O verbo *wa'a* “ir”, portanto, estaria ligado a cada uma das construções seriais supracitadas por meio de um *link* lexical, pois existe uma relação entre cada construção esquemática e o item lexical. A figura 3 representa esses *links*.

Figura 5.10 – Links lexicais entre duas construções esquemáticas com o verbo *wa'a* e o próprio item verbal *wa'a*



Fonte: Elaboração própria

Nesta tese, vimos dois principais tipos de serializações: aquelas com o verbo *duku*, que indicam aspecto durativo, e aquelas com verbos de movimento. No entanto, ainda há outros tipos de construções seriais que podem ser objeto de pesquisas futuras, como aquelas que indicam causa-efeito, que apresentei apenas brevemente nesta tese, além de construções com verbos de posição no *slot 2*, que podem estar relacionadas de alguma forma à construção com *duku*, e as serializações que unem raízes verbais distintas para descrever um evento complexo.

O modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso possibilitou-nos descrever as construções seriais com maior refinamento que as análises anteriores, assim também nos permitiu explicar a conexão entre todos os tipos de serialização encontrados nos dados, bem como sua relação com outras construções na língua.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como objetivo analisar as construções de verbos seriais na língua Wa’ikhana sob a ótica da Gramática de Construções Baseada no Uso. Parti de uma análise descritiva dos verbos seriais nesta língua (STENZEL, 2007), utilizando dados coletados em viagens de campo, bem como do ACERVO DE LÍNGUA E CULTURA WA’IKHANA. Na análise, não apenas reclassifiquei as serializações, que, de acordo com o estudo aqui realizado, são representadas por cinco tipos de construções e as descrevi de modo mais detalhado e sistemático, mas também expliquei, pela primeira vez, a relação entre elas no *construction* dos falantes dessa língua.

A análise de línguas indígenas amazônicas sob o viés da GCBU ainda é um tipo de estudo raro, uma vez que muitas dessas línguas foram pouco documentadas e é mais comum encontrarmos análises funcionalistas de outras linhas e análises gerativistas para línguas indígenas. O uso de uma abordagem como a GCBU para descrição e análise de uma língua ainda pouco estudada traz novos insights para estudos tipológicos de diferentes línguas da família linguística e da região, assim como contribui com os estudos da teoria gramatical em si, mostrando sua aplicação em variados contextos.

Alguns dos principais resultados da análise de dados podem ser resumidos nos itens seguintes:

- a) A análise do polo da forma e da função das construções de verbos seriais levou à verificação da existência de cinco tipos de serializações na língua Wa’ikhana: **a construção de eventos consecutivos; a construção de movimento; a construção de mudança de estado; a construção de estado durativo, e a construção de evento durativo.**
- b) Apesar de que nenhuma característica semântica geral possa ser atribuída a todas as construções de verbo serial, pode-se demonstrar que as construções em questão exibem vínculos semântico-pragmáticos entre elas, numa estrutura de semelhança familiar. Por exemplo, as **construções de movimento e mudança de estado** estão relacionadas por um vínculo construcional que representa o fato de que ambas designam algum tipo de mudança (em relação à localização ou ao estado). Como

resultado, há uma família de cinco construções de verbo serial interconectadas, apesar do fato de que nenhuma característica única se aplica a todas elas.

- c) Há algumas serializações estão se tornando construções lexicais, a partir do processo cognitivo de *chunking*, o principal exemplo apontado nesta tese foi *yauduhku*, originalmente a serialização de *yau* ‘falar’ e *duhku* ‘ficar em pé’. No entanto, esse caso tem características fonológicas diferentes de outras serializações, apontando que está se tornando uma raiz única, por vezes até encontramos a forma reduzida *yahku*.

Durante essa pesquisa, analisei diferentes narrativas. No entanto, como apontei no capítulo de metodologia, para analisar verbos de movimentos, utilizei imagens da história Procurando Caraná, desenvolvida por Obert (2019). O professor Marcelino Cordeiro observou as imagens e me contou uma história. Analisei e glosei a narrativa inteira (cf. apêndice desta tese) e a partir daí retirei os dados para análise da serialização. Desse modo, além da pesquisa aqui apresentada, todas as informações contidas no apêndice, podem servir como contribuição para novos estudos em Wa'ikhana sob diferentes abordagens teóricas.

A língua Wa'ikhana assim como muitas línguas indígenas brasileiras está sob risco de desaparecimento devido a diversos fatores geopolíticos da região. Esta tese, assim como os projetos de pesquisa que participei durante a pesquisa, buscaram contribuir para documentação, descrição e revitalização da língua. Como apontado no capítulo de metodologia, durante minha pesquisa, participei da produção e organização da gramática pedagógica Wa'ikhana (STENZEL et al., 2024). Esta gramática foi desenvolvida em oficinas na cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM) com falantes da língua Wa'ikhana e tem como objetivo ser um material didático para o ensino da língua nas escolas indígenas. Portanto, além da parte acadêmica, esta pesquisa foi uma contribuição para educação e revitalização da língua estudada.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKHENVALD, Y. A. & DIXON, R. M. W. *Serial Verb Constructions*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

AIKHENVALD, Y. A. *Serial verbs*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CEZARIO, B. A evidencialidade em Wa'ikhana (Tukano Oriental): uma proposta funcional tipológica. Dissertação – Mestrado em Linguística (UFRJ), 2019.

CEZARIO, B.. As categorias de evidencialidade em Wa'ikhana (Tukano Oriental). *Linguagem & Ensino* (UCPel), v. 23, p. 1054, 2020a.

CEZARIO, B.. Serializações com verbos de movimento em wa'ikhana (tukano oriental): Uma análise construcionista. In: CEZARIO, M.; ALONSO, K.; CASTANHEIRA, D. (Org.) *Linguística Baseada no Uso: Explorando Métodos, Construindo Caminhos*. 1ed.Rio de Janeiro: Rio Books, 2020b, v. , p. 81-93.

CEZARIO, B.; BALYKOVA, K.; STENZEL, K. (2018). “Parece que” é uma construção: a categoria de inferência em Wa'ikhana (Tukano Oriental). In: *Revista Linguística*, v. 14, n. 1, p. 207-231.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. (eds.). *Handbook of cognitive linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 295-321.

DURIE, M. “Grammatical structures in verb serialization”. In: ALSINA, A.; BRESNAN, J.; SELLS, P. (eds). *Complex Predicates*. CSLI Publications, 1997, pp. 289-354;

EPPS, P. & STENZEL, K. *Upper Rio Negro – cultural and linguistic interaction in Northwestern Amazonia*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Museu do Índio – Funai, 2013.

GIVÓN, T. Some Substantive Issues Concerning Verb Serialization: Grammatical vs. Cognitive Packing. In: C. LEFEBVRE (ed.). *Serial Verbs: Grammatical, Comparative and Cognitive Approaches*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991, 137-211.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOMEZ-IMBERT, E. "Construcción verbal en barasana y tatuyo". *Amerindia*, 1998, 13:97-108.

GOMEZ-IMBERT, E. Predicados complejos en el Noroeste Amazónico: El caso del Yuhup, el Tatuyo y el Barasana. In: EPPS, P. & STENZEL, K. *Upper Rio Negro – cultural and linguistic interaction in Northwestern Amazonia*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Museu do Índio – Funai, 2013.

HASPELMATH, M. *The serial verb construction: Comparative concept and cross-linguistic generalizations*. Draft, 2015

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

KLUMPP, J. & KLUMPP, D. *Sistemas fonológicos de idiomas colombianos: Tomo II*. Lomalinda: Editorial Townsend, 1973.

MARTINS, S. A. *Fonologia e Gramática Dâw*. Amsterdam: vrije University, 2004.

MILLER, M. *Desano Grammar: Studies in Languages of Colombia 6*. Arlington: The Summer Institute of Linguistics & The University of Texas, 1997.

PAYNE, T. E. *Describing Morphosyntax: A Guide for Field Linguists*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1997.

PINHEIRO, D. *Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da gramática de construções para a gramática de construções baseada no uso.* Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016.

RAMIREZ, H. *A Fala Tukano dos Ye'pâ-Masa, Tomo I Gramática.* vol. 1. Manaus: CEDEM, 1997.

STENZEL, K. & CEZARIO, B. Wa'ikhana. In: *Revista LinguiStica.* Vol 2019-1, 2019.

STENZEL, K. *A Reference Grammar of Kotiria (Wanano).* Lincoln: University of Nebraska Press, 2013.

STENZEL, K. *Multilingualism in the Northwest Amazon, Revisited.* Annals of the II Congress on Indigenous Languages of Latin America (CILLA), 2005.

STENZEL, K. The Semantics of Serial Verb Constructions in two Eastern Tukanoan languages: Kotiria (Wanano) and Waikhana (Piratapuyo). In: DEAL, A. R. (ed.). *Proceedings of SULA 4: Semantics of Under-Represented Languages in the Americas.* University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics. Amherst, v. 35, p. 275-290, 2007.

STENZEL, K. S. & DEMOLIN, D. 2013. Traços Laringais em Kotiria e Wa'ikhana (Tukano Oriental). In **Fonologia: teorias e perspectivas**, edited by Besol, L. and Collischonn, G., pp. 77-100. Porto Alegre: EdiPUCRS

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. G. *Constructionalization and constructional change.* Oxford: Oxford University Press, 2013.

WALTZ, N. E. (2012). *Diccionario Bilingüe – Piratapuyo-Español Español-Piratapuyo.* Bogotá: Editorial Fundación para el Desarrollo de los Pueblos Marginados.

Apêndice 1

Indo buscar açaí

(1) [Bruna] Vamos lá, Sr. Marcelino! Hoje é dia 27 de janeiro de 202 e o sr. Marcelino Cordeiro vai contar para a gente uma história baseada em umas “imagenszinhas”. Então, Sr. Marcelino, a hora que o senhor quiser.

(2) *me'nogã yee me'na yʉ̤ kihti yau'taha*

be'doga yee ~be'da yʉ̤'ʉ̤ kiti yau-i-taha
 agora POSS COM/INS 1SG história/conto falar/contar-1/2SGM-IRR

Agora, vou contar uma pequena história com minha (língua).

(3) *a'likoro Bruna mahsiduañoti i'kano kihti ihide*

a'li-ko-ro Bruna masi-dua-ñoti
 DEM.PROX-FEM-SG Bruna saber-DES-REP:PRÓX

~i'ka-no Kiti ihi-de
 um-SG história/ conto COP-VIS.IPFV.2/3

Essa Bruna deseja ouvir uma história.

(4) *ʉ̤hsã o'õ bo'dopʉle o'o ke'noañe di'tali pʉle ʉ̤hsa ihiaha, ke'noañe di'tale yuhkʉli wahtoapʉ*

<i>~u'sa</i>	<i>~o'o</i>	<i>bo'do-pu-le</i>	<i>o'o</i>
1PL.EXC	DEIC.PROX	coisa/modo(desse.modo)-LOC-OBJ	?
<i>ke'noa-ye</i>	<i>di'ta-li</i>	<i>pu-le</i>	<i>uhsā</i>
ser.bom-NMLZ.INDF	chão/terra-PL	LOC-VIS.IPFV.2/3	1PL.EXC
<i>ihi-aha</i>	<i>ke'noa-ye</i>	<i>di'ta-le</i>	<i>yuhkut-li</i>
COP-VIS.IPFV.1	ser.bom-NMLZ.INDF	chão/terra-OBJ	árvore-PL
<i>wahtoa-pu</i>			
capoeira-LOC			

Nós dessa região moramos nas terras boas, terras boas do meio da mata.

(5) *dia buiripu uhsa ihiri mahsa ihiaha*

<i>dia</i>	<i>bui-ri-pu</i>	<i>uhsā</i>	<i>ihi-ri</i>
rio	beirada(?)-NMLZ(INFER)-LOC	1PL.EXC	COP-NMLZ

mahsa *ihi-aha*

gente/seres COP-VIS.IPFV.1

Somos pessoas moradores das beiradas do rio.

(6) *sayegu, yut'u, i'kano yut'u ahkayedo tikido do'se tikido wa'alide yut'u kihti yautaha*

<i>saye-gu</i>	<i>yut'u</i>	<i>~i'ka-no</i>	<i>yut'u</i>	<i>ahka-ye-do</i>
então-1/2SGM	1SG	um-SG	1SG	parente-NMLZ.INDF-SG

tikido *do'se* *tikido* *wa'a-li-de* *yut'u*

aquele/ele como aquele/ele ir-NMLZ-OBJ 1SG

kiti *yau-i-taha*

história/conto falar/contar-1/2SGM-IRR

Por isso, eu vou contar um acontecimento que ocorreu com meu parente.

(7) *tikido i'kā dehko yu ahkayeido Dui wametirikido ihiaye*

tikido ~*i'ka* *deko* *yu'u* *ahka-ye-do*

aquele/ele um no.meio 1SG parente-NMLZ.INDF-SG

wame-ti-ri-ki-do *ihiaye*

nome-VBZ-NMLZ(INFER)-MASC-SG COP-REP:DIST

Ele, um dia, meu parente era chamado Luis,

(8) *tikiro Dui i'kā dehko*

tikiro *Dui* ~*i'ka* *deko*

aquele/ele Luís um no meio

um dia o Luis

(9) *tikiro me'na ko'no me'na*

tikiro ~*be'da* *ko'no* ~*be'da*

aquele/ele COM/INS urina COM/INS

com a esposa dele

(10) *kalino ta'do niaye tikido yawu'upu*

kali-no *ta-do* *~dii-aye* *tikido* *ya-wu'u-pu*
 dormir-SG ?-SG PROG-REP:DIST aquele/ele POSS-casa-LOC
 estava prestes a pernoitar na casa dele

(11) *tikiro kaliāti pano tikido yauduhku yeaye*

tikiro *kali-eti* *pano* *Tikido*
 aquele/ele dormir-IPV estar/fazer.antes aquele/ele
yau-duhku *yee-aye*
 falar/contar-em.pé/ficar fazer-REP:DIST
 antes de ele dormir ele ficou conversando

(12) *namono me'na*

~dabo-no *~be'da*
 esposa-SG COM/INS
 com a esposa

(13) *yu'a*

yu'a
 1SG-EMPH
 eu

(14) *o'ðsa nii yu wahkūati*

<i>~o'o-saa</i>	<i>~dii</i>	<i>yu'u</i>	<i>wakūa-ti-i</i>
então-fazer/ser.assim; mais.ainda;por.isso;então	CONTR;	dizer	1SG lembrar/refletir- AFFECT.PERF-VIS.PFV.1
assim disse eu fiquei pensando			

(15) *niaye namonolẽ*

<i>~dii-aye</i>	<i>namo-no-le</i>
dizer-REP:DIST	esposa-SG-OBJ
disse para a esposa	

(16) *"mali ñamiale"*

<i>Mali</i>	***
1PL.INC	***
"nós para amanhã" (um plano)	

(17) *"whipñe mali nena wa'una", nii, wahkuëtiye me'na tikido Dui namono me'na kaliaye tikido yawüpule*

<i>whipñ-ne</i>	<i>~bali</i>	<i>nee-na</i>	<i>wa'-u-na</i>	<i>~dii</i>	***
açaí-OBJ	1PL.INC	pegar-PL	ir-1/2SGM-***	dizer	***
<i>~be'da</i> <i>Tikido</i> *** <i>~dabo-no</i> <i>~be'da</i> <i>kali-aye</i>					
COM/INS	aquele/ele	***	esposa-SG	COM/INS	dormir-REP:DIST

Tikido *ya-wu'w-pu-le*
 aquele/ele POSS-casa-LOC-OBJ
 "vamos pegar açaí", disse, com esse pensamento o Luis pernoitou com a esposa na casa dele

(18) *sayedo tikido Dui*

saye-do *Tikido* ***
 então-SG aquele/ele ***
 por isso o Luis

(19) *ke'noano tu'otuye me'na, ke'noano so'ye me'na, namono me'na kaliā wa'aye*

~ke'doa-no *tu'otu* *~be'da* *~ke'doa-no* ***
 ser.bom-SG sentir/pensar/raciocinar COM/INS ser.bom-SG ***

~be'da *~dabo-no* *~be'da* *Kaliā* *wa'a-ye*
 COM/INS esposa-SG COM/INS Dormir ir-REP:DIST
 com pensamento bem positivo, com bom denscanso, ele foi pernoitar com a esposa

(20) *saye Due ahpe dehko wakāye*

saye *Due* *ahpe* *deko* *wakā-aye*
 então *** outro dia/tempo acordar-REP:DIST
 então o Luis acordou no dia seguinte

- (21) *tikiro Dui wā'kā, ke'noano buhkuedo me'na wā'kā, ku'sado wa'a, namono me'nata ku'sa yewā'kāye*

<i>tikiro</i>	***	<i>wa'kā</i>	<i>~ke'doa-no</i>	<i>buku-edo</i>	<i>~be'da</i>
aquele/ele	***	acordar	ser.bom-SG	ser.alegre-***	COM/INS

<i>wa'kā</i>	<i>ku'sa-do</i>	<i>wa'a</i>	<i>~dabo-no</i>	<i>me'na-ta</i>	<i>ku'sa</i>
acordar	estirão-SG	ir	esposa-SG	COM/INS-EMPH	banhar-se

yee-wa'kā-aye

fazer-acordar-REP:DIST

o Luis acordou, acordou bem humorado, foi tomar banho, com a esposa, acordaram e foram tomar banho

- (22) *sayedo tikido Dui, [mali,] yauduhkuwakāye, "mali miale ñumuku sinitua'sa, do'se ihiye i'yatua'sa, mali wihpīne nena wa'una", ni yahku wākā yeaye*

<i>saye-do</i>	<i>tikido</i>	***	<i>~bali</i>
então-SG	aquele/ele	***	1PL.INC

<i>yau-duhku-wakā-aye</i>	<i>mali</i>	<i>~bia-le</i>
---------------------------	-------------	----------------

falar/contar-em.pé/ficar-acordar-REP: DIST 1PL.INC hoje-OBJ

<i>ñumuku</i>	<i>sini-tu'asa</i>	<i>do'se</i>	<i>ihi-aye</i>	<i>i'ya-tu'asa</i>
mingau	beber-terminar.de	como	COP-REP:DIST	comer-terminar.de

<i>~bali</i>	<i>wihpī-ne</i>	<i>nee-na</i>	<i>wa'-u-na</i>	<i>~dii</i>
1PL.INC	açaí-OBJ	pegar-PL	ir-1/2SGM-PL	dizer

<i>yau-duku</i>	<i>Waka</i>	<i>yee-aye</i>
falar/contar-em.pé/ficar	Acordar	fazer-REP:DIST

por isso o Luis, acordou falando "nós hoje depois que tomarmos migau, comermos alguma coisa, nós vamos pegar (açaí)" disse, conversando ao acordar

- (23) *sayedo tikido Dui, 'mali sani yauhku mali', nii, ñumuku sinitu'asa tikina wa'awa'aye, whipiñ neñe wa'ye tikina*

saye-do *tikido* *** *mali* *** *yau-duku*
 então-SG aquele/ele *** 1PL.INC *** falar/contar-em.pé/ficar

mali ~*dii* ñ*umuku* *sini-tu'asa* *ti-kina*

1PL.INC dizer mingau beber-terminar.de ANPH-PL

wa'a-wa'a-aye *whipiñ* *nee-yee* *wa'a-aye* *ti-kina*
 ir-ir-REP:DIST açáí pegar-PL.INDF ir-REP:DIST ANPH-PL

por isso o Luis, "assim nós combinamos", disse, depois que tomou mingau, eles foram, foram pegar açáí

- (24) *ti wihpí uhsã bo'doe, uhsã o'õphle ihina ke'noano uhsã tigñlẽ wihpíne uhsã si'niahã uhsã ihipi'tinapñta (ihipitiyekinapñta, com todos)*

ti ~*wipi* ~*usa* *bo'do-e*
 ANPH açáí 1PL.EXC coisa/modo(desse.modo)-NMLZ.INDF

~*usa* *o'õ-pñ-le* *ihi-na* ~*ke'doa-no* ~*usa*

1PL.EXC DEIC.PROX-LOC-OBJ COP-PL ser.bom-SG 1PL.EXC

ti-gñ-le *wihpí-ne* ~*usa* *sini-aha*
 ANPH-SWRF-OBJ açáí-OBJ 1PL.EXC beber-VIS.IPFV.1

~*usa* *ihi-pi'tinapñta*
 1PL.EXC COP-***

o açai nós, quando nós estamos aqui todos nós tomamos o açáí, todos

(25) *sayedo Dui neno wa'waye*

saye-do *** *nee-no* *wa'a-wa'a-aye*
 então-SG *** pegar-SG ir-ir-REP:DIST
 por isso Luis foi pegar

(26) *tikido wa'ye ma'apu, ma'apu bua wa'ye*

tikido *wa'a-aye* *ma'a-pu* *ma'a-pu* *bu'a*
 aquele/ele ir-REP:DIST caminho-LOC caminho-LOC descer.na.terra
wa'a-aye
 ir-REP:DIST
 ele foi pela trilha, foi descendo pela trilha

(27) *topu bu'adopule tikido Dui*

to-pu *bu'a-do-pu-le* *Tikido* ***
 ANPH/DEF-LOC descer.na.terra-SG-LOC-OBJ aquele/ele ***
 na descida pela trilha o Luis

(28) *Dui umuñahtiaye*

*** *umu-ñahti-aye*
 *** fazer.rápido/rapidez/velocidade-***-REP:DIST
 o Luis era muito rápido

(29) *umñatiaye tikiro Dui*

umñati-aye *Tikiro* ***
 fazer.rápido/rapidez/velocidade-***-REP:DIST aquele/ele ***
 o Luis era muito rápido

(30) *namonope nee umñeda'ye*

namo-no-pe'e *nee* *umñ-eda-aye*
 esposa-SG-CONTR NEG fazer.rápido/rapidez/velocidade-***-NEG-REP:DIST
 e a esposa era devagar

(31) *umñña kuhunogã wamenota bodakea mñhãye*

umñ-na *kuhu-no-gã* *wamenota*
 fazer.rápido/rapidez/velocidade-EMPH cair-SG-DIM ***

boda-kea *mñhã-aye*
 cair-parar ***-REP:DIST
 querendo queira ir mais rápido ela caía

(32) *bo'dake'sa mñhu yenñntaye namonope, tikiro Duipe sohado me'na wa'a, te [tikido yaa bua'sa o] tikido yaa pehtapñ mabu'asa yeaye*

boda-ke'sa *mñhu* *yee-nñnt-a'ta-aye* *namo-no-pe'e*
 cair-estar.parado subir fazer-ir.atrás-vir-REP:DIST esposo-SG-CONTR

tikiro *Dui-pe'e* *soha-do* *~be'da* *wa'a* *tee*
 aquele/ele ***-CONTR ser.rápido-SG COM/INS Ir até

<i>tikido</i>	<i>yaa</i>	<i>bu'a-esa</i>	<i>O</i>
aquele/ele	POSS	descer.na.terra-chegar(lá)/permanecer	o (letra)

<i>tikido</i>	<i>yaa</i>	<i>peta-ptu</i>	
aquele/ele	POSS	porto-LOC	
<i>ma-bu'a-esa</i>			<i>yee-aye</i>
***-descer.na.terra-chegar(lá)/permanecer			fazer-REP:DIST
foi caindo depois dele, e o Luis foi bem apressado, e assim chegou no porto dele			

(33) *te tipehtapu bu'asa*

<i>tee</i>	<i>ti-peta-pu</i>	<i>bu'a-as</i>
até	ANPH-porto-	descer.na.terra-
LOC		fazer/ser.assim;CONTR;mais.ainda;por.isso;entao

até chegar no porto

(34) *tikiro Dui i'kākirota bu'asa*

<i>tikiro</i>	***	***	<i>bu'a-esa</i>
aquele/ele	***	***	descer.na.terra-chegar(lá)/permanecer
o Luis só chegou só			

(35) *tikiro yalia yuhkhusaph sahā wa'awa'ye*

<i>tikiro</i>	<i>Yalia</i>	<i>yukusá-pu</i>	<i>sahā</i>	<i>wa'a-wa'a-aye</i>
aquele/ele	***	canoa-LOC	entrar	ir-ir-REP:DIST
entrou na canoa dele e foi embora				

(36) *namonolẽ ne Dui ko'teraye taha, ne ko'teraye*

namo-no-le *ne* *** *ko'te-era-aye* -*ta*
 esposa -SG-OBJ NEG *** esperar-NEG-REP:DIST EMPH

ne *ko'te-era-aye*
 NEG esperar-NEG-REP:DIST

o Luis o não esperou pela mulher, não esperou

(37) *tikiro dehkopu tikiro maãdehkopu tikiro ihirohtoa tikiro namonope bu'asa yeaye*

tikiro *deko-pu* *tikiro* *maã-dehko--pu* *tikiro*
 aquele/ele no.meio-LOC aquele/ele ***-***-LOC aquele/ele

ihi-rohtoa *Tikiro* *namo-no-pe'e*
 COP-*** aquele/ele esposo-SG-CONTR

bu'a-esa *yee-aye*
 descer.na.terra-chegar(lá)/permanecer fazer-REP:DIST
 quando ele estava bem no meio rio a esposa chegou por lá

(38) *bua'sa uhtiduhku*

bu'a-esa *uhti-duhku*
 descer.na.terra-chegar(lá)/permanecer chorar-em.pé/ficar
 chegou e ficou chorando em pé

- (39) *uhtiduhku tu'asa, wahkū tuhtua u'puñohāwa'aye namono pe'ata*
 uhti-duhku tu'asa wahkū Tuhtua
 chorar-em.pé/ficar terminar.de lembrar/refletir criarm.coragem

u'pu-ñohā-wa'a-aye *~dabo-no* *pe'a-ta*
 pular-***-ir-REP:DIST esposo-SG atravessar-EMPH
 depois que chorou, criou coragem e se jogou no rio a esposa

(40) *u'puñohāwa'a te dia pu'yopʉ ohonʉnʉtakaye*
u'pu-ñohā-wa'a tee dia pu'yo-pʉ
 pular-***-ir até rio estar.dentro-LOC

oho-nʉnʉ-a'ta-ka-aye
 mergulhar-ir.atrás-vir-DUR-REP:DIST
 se jogou no rio e foi seguindo pelo nado submerso

(41) *ohotuhtualikodo ihiaye Dui namono*
oho-tuhtua-li-ko-do *ihi-aye* ***
 mergulhar-criar.coragem-NMLZ-FEM-SG COP-REP:DIST ***

~dabo-no
 esposo-SG
 a esposa do Luis era boa de mergulho

(42) *ohonʉnʉtaka'a, te tikiro ka'apʉ ehsakāye, ʉmʉkaye, ʉmʉkaā* ***
mʉhāsahā pʉado wa'aduhkuaye taba

<i>oho-nun<u>t</u>-a'ta-ka'a</i>	<i>tee</i>	<i>Tikiro</i>	<i>ka'a-p<u>t</u></i>
mergulhar-ir.atrás-vir-DUR	até	aquele/ele	estar.perto-LOC
<i>ehsa-kā-aye</i>		<i>u<u>m</u>u-ka-aye</i>	
chegar(lá)/permanecer-***-REP:DIST		fazer.rápido/rapidez/velocidade-DUR-REP:DIST	
*** <i>tikiro</i> <i>yalia</i> <i>yuhk<u>u</u>sa-p<u>t</u></i> <i>maha-sahā</i> <i>p<u>u</u>a-do</i>			
*** aquele/ele	***	canoa-LOC	subir-entrar
			dois/duas-SG
<i>wa'a-duhku-aye</i>			<i>-ta</i>
ir-em.pé/ficar-REP:DIST			EMPH
foi seguindo pelo nado submerso e chegou, chegou até ele, entrou na canoa, e os dois seguiram a viagem			

- (43) *topule tina wa'aduhku yee*
to-pu-le *ti-na* *wa'a-duhku* *Yee*
 3SG.POSS-LOC-OBJ ANPH-PL ir-em.pé/ficar Fazer
 quando eles estavam indo

- (44) *te tikina mahatopʉ ehsado wa'agʉ ka'akuhuno ehsagʉ taha*

tee ti-kina maha-to-pʉ ehsa-do
até ANPH-PL subir-CLS.GEN-LOC chegar(lá)/permanecer-SG

wa'a-~gʉ ka'a-kuhu-no ehsa-gʉ taha

ir-SWRF estar.perto-cair-SG chegar(lá)/permanecer-SWRF EMPH

quando eles foram chegando perto do lugar da subida

(45) *namonopetaha u'puñohāwa'ayetaha*

namo-no-pe'e-taha *u'pu-ñohā-wa'a-aye-taha*
 esposa-SG-CONTR-IRR pular-***-ir-REP:DIST-EMPH
 e a esposa se jogou na água novamente

(46) *u'puñohā, manuhūā, mahaduhkasaye*

u'pu-ñohā *manu-hūā* *maha-duku-esa-aye*
 pular-*** marido-*** subir-em.pé/ficar-chegar(lá)/permanecer-REP:DIST
 se jogou, foi pra beira e subiu na terra

(47) *ohotuhtualikodo, batuhtualikodo ihiaye Dui namono*

oho-tuhtua-li-ko-do
 mergulhar-criar.coragem-NMLZ-FEM-SG

ba-tuhtua-li-ko-do *ihi-aye* *** *~dabo-no*
 ***-criar.coragem-NMLZ-FEM-SG COP-REP:DIST *** esposa-SG
 a esposa do Luis era boa de mergulho e boa de natação

(48) *saye tu'asa tikina top̥le mahaduhkasa*

saye *tu'asa* *ti-kina* *to-pu-le*
 então terminar.de ANPH-PL 3SG.POSS-LOC-OBJ

maha-duku-ehsa
 subir-em.pé/ficar-chegar(lá)/permanecer

depois de ter feito isso subindo na terra

(49) *tikina naha wa'aye naha*

ti-kina -naha wa'a-ye -naha

ANPH-PL EMPH ir-REP:DIST EMPH

eles então foram seguindo

(50) *wihpī neñe wa'ye niaye naha, wihpī mahkāye wa'ye niaye yoadopū waye tikina, tima dū'tukapū wa'a mahā*

~wipi nee-yee wa'a-aye ~dii-aye -naha

açaí pegar-PL.INDF ir-REP:DIST dizer-REP:DIST EMPH

~wipi mahka-yee wa'a-aye ~dii-aye

açaí procurar-PL.INDF ir-REP:DIST dizer-REP:DIST

yoa-do-pū wa'a-aye ti-kina ti-maa

ser.comprido/ser.longe-SG-LOC ir-REP:DIST ANPH-PL ANPH-igarapé

dū'tuka-pū wa'a maha

na beira de alguma coisa (rio, mesa,etc)-LOC ir subir

eles estavam indo pegar açaí, foram procurar açaí bem longe , foram abeirando e subindo o rio

(51) *wa'awaye naha wihpī neye wa'ye niaye*

wa'a-wa'a-ye -naha ~wipi nee-yee wa'a-yee

ir-ir-POSS.PL EMPH açaí pegar-PL.INDF ir-PL.INDF

~dii-aye

PROG-REP:DIST

e foram embora ele foram estavam indo tirar açaí

(52) *te topu tima'a pule wa'a*

<i>tee</i>	<i>to-pu</i>	<i>ti-ma'a</i>	<i>pu-le</i>	<i>wa'a</i>
até	ANPH/DEF-LOC	ANPH-caminho	LOC-VIS.IPFV.2/3	ir
eles foram indo pela trilha				

(53) *tima'apule tina wa'dopule taha magã ihiaye, me'nimãgãtaha ihiaye taha me'nimagã*

<i>ti-ma'a-pu-le</i>	<i>ti-na</i>	<i>wa'a-do-pu-le</i>	<i>taha</i>
ANPH-caminho-LOC-OBJ	ANPH-PL	ir-SG-LOC-OBJ	EMPH
<i>maa-gã</i>	<i>ihi-aye</i>	<i>me'ni-maa-gã-taha</i>	<i>ihi-aye</i>
igarapé-DIM	COP-REP:DIST	***-igarapé-DIM-***	COP-REP:DIST
<i>taha</i>	<i>mee-di-maa-gã</i>		
***	ser.pequeno-NMLZ-igarapé-DIM		

quando estavam indo pela trilha tinha um pequeno igarapé, pequeno igarapé

(54) *timagãpule taha*

<i>ti-maa-gã-pu-le</i>	<i>taha</i>
ANPH-igarapé-DIM-LOC-OBJ	***
no igarapé pequeno	

(55) *do'se pe'ano bohkeda'a taha, kumupu, kumu wa'kesali kumupu buipu tikina p̪e'ã, yu'gup̪e'ãye*

<i>do'se</i>	<i>pe'a-no</i>	<i>bohkeda'a</i>	<i>taha</i>	<i>kumu-p<u>u</u></i>
como	atravessar-SG	***	***	banco/tronco-LOC
<i>kumu</i>	<i>wa'a-kesa-li</i>	<i>kumu-p<u>u</u></i>	<i>bui-p<u>u</u></i>	
banco/tronco	ir-estar.parado-NMLZ	banco/tronco-LOC	beirada(?)-LOC	

<i>ti-kina</i>	<i>p̪e'ã</i>	<i>yu'g<u>u</u>-p̪e'ã-aye</i>
ANPH-PL	atravessar	passar-atravessar-REP:DIST

não achando onde atravessar, foram atravessando em cima de tronco de árvore caído, assim
atravessaram

(56) *saye tikina ahpepãlẽpu p̪e'ãsa duhkasa yu'dukã wa'ye*

<i>saye</i>	<i>ti-kina</i>	<i>ahpe-pãlẽ-p<u>u</u></i>	<i>p̪e'ã-sa</i>
então	ANPH-PL	outro-***-LOC	atravessar-chegar(lá)/permanecer

<i>duku-esa</i>	<i>yu'g<u>u</u>-kã</i>	<i>wa'a-aye</i>
em.pé/ficar-chegar(lá)/permanecer	passar-***	ir-REP:DIST

por isso depois que chegaram no outro lado seguiram o caminho

(57) *topu tina bu'asa, i'kãma du'tuka'pu tina taha bu'asa*

<i>to-p<u>u</u></i>	<i>ti-na</i>	<i>bu'a-esa</i>
ANPH/DEF-LOC	ANPH-PL	descer.na.terra-chegar(lá)/permanecer

<i>i'kã-maa</i>	<i>du'tuka-p<u>u</u></i>
um-igarapé	na beira de alguma coisa (rio, mesa,etc)-LOC

ti-na taha bu'a-esa

ANPH-PL *** descer.na.terra-chegar(lá)/permanecer

foram descendo, chegaram perto de um igarapé

(58) *topule tikina iñaye*

to-pu-le ti-kina iñ-a-aye

3SG.POSS-LOC-OBJ ANPH-PL ver/olhar-REP:DIST

nesse igarapé eles avistaram

(59) *to tikina maa du'tuka'pule*

to ti-kina ~baa

ANPH/DEF ANPH-PL igarapé

du'tuka-pu-le

na beira de alguma coisa (rio, mesa,etc)-LOC-OBJ

na beirada daquele igarapé

(60) *paduropu ihiaye, ti paduropu tikina wa'a yedopule taha, topule tikina iñaye*

padu-ro-pu ih-i-aye ti padu-ro -pu

areia-SG-LOC COP-REP:DIST ANPH areia-SG-LOC

ti-kina wa'a yee-do-pu-le taha to-pu-le

ANPH-PL ir fazer-SG-LOC-OBJ EMPH 3SG.POSS-LOC-OBJ

ti-kina iñ-a-aye

ANPH-PL ver/olhar-REP:DIST

foi na areia/praias, e foram indo pela areia, e viraram por lá

(61) *yabekidoyaido tikido kʉ'takũkālide tikina iñaye*

yabe-kido-yaido *tikido*

QU:o.que-SG-onça aquele/ele

kʉ'takũ-kā-li-de *ti-kina* *iñā-aye*

pisar/deixar.pegadas(?)-***-NMLZ-OBJ ANPH-PL ver/olhar-REP:DIST

eles avistaram as pegadas de onça

(62) *iñā, kuado tʉ'otu, kuado dohkata tikina yʉ'dʉkāye*

iñā *kua-do* *tʉ'otu*

ver/olhar ser.sério/perigoso-SG sentir/pensar/raciocinar

kua-do *doka-ta* *ti-kina*

ser.sério/perigoso-SG estar.embaixo/durante-EMPH ANPH-PL

yʉ'dʉ-kā-aye

passar-***-REP:DIST

viraram, ficaram com medo, mesmo com medo eles passaram

(63) *tikina*

ti-kina

ANPH-PL

eles

(64) *kua-ro dohka, tikina yʉ'dʉkã'ã, te pʉ'a ma'a ihidopʉ tina (tikina) ehsaye*

<i>kua-ro</i>	<i>dohka</i>	<i>ti-kina</i>
ser.sério/perigoso-SG	estar.embaixo/durante	ANPH-PL

<i>yʉ'dʉ-ka'a</i>	<i>tee</i>	<i>pʉ'a</i>	<i>ma'a</i>	<i>ihi-do-pʉ</i>	<i>ti--na</i>
passar-DUR	até	***	caminho	COP-SG-LOC	ANPH-PL

<i>ti-kina</i>	<i>ehsa-aye</i>	
ANPH-PL	chegar(lá)/permanecer-REP:DIST	
mesmo com medo, foram passando, até chegar nas duas trilhas		

(65) *yaidope ahpema'ape kʉ'takũkãye*

<i>yaido-pe'e</i>	<i>ahpe-ma'a-pe'e</i>	<i>kʉ'takũ-kã-aye</i>
onça-CONTR	outro-caminho-CONTR	pisar/deixar.pegadas-***-REP:DIST
e a onça foi pisando pela outra trilha (caminho)		

(66) *tikiro yaido tido kʉ'takũlima'a pe'na tikina Duigñ ne wa'edaye ahpema'ape tikina wa'aye, wihpĩ mahkãye wa'aye*

<i>Tikiro</i>	<i>yai-do</i>	<i>ti-do</i>
aquele/ele	onça/pajé-SG	ANPH-SG

<i>kʉ'takũ-li-ma'a</i>	<i>pe'na</i>	<i>ti-kina</i>	<i>Dui-gñ</i>
pisar/deixar.pegadas(?) -NMLZ-caminho	lanterna	ANPH-PL	***-SWRF

<i>ne</i>	<i>wa'a-eda-aye</i>	<i>ahpe-ma'a-pe'e</i>	<i>ti-kina</i>
NEG	***-NEG-REP:DIST	outro-caminho-CONTR	ANPH-PL

<i>wa'a-aye</i>	<i>~wipi</i>	<i>mahka-yee</i>	<i>wa'a-ye</i>
ir-REP:DIST	açaí	procurar-PL.INDF	ir-REP:DIST
onde a onça foi pisando o Luis nem foi, eles seguiram pelo outra trilha, foram procurar açaí			

- (67) *topule tikina wa'a yekānopule*

to-pu-le *ti-kina* *wa'a* *yee-kaño-pu-le*
3SG.POSS-LOC-OBJ ANPH-PL ir fazer-***-LOC-OBJ
quando eles estava indo

- (68) *tikiro Dui iñabohkaye*

tikiro *** *iñá-boka-aye*
 aquele/ele *** ver/olhar-achar-REP:DIST
 o Luis avistou

- (69) *i'kakirodu yohsaduhkuaye* ստանօրիւ

i'kā-kido-du *yohsa-duhku-aye*
um-SG-muito/AUM estar.pendurado-em.pé/ficar-REP:DIST

umu-a-no-pu-le
fazer.rápido; rapidez; velocidade-***-SG-LOC-OBJ
tinha um animal pendurado no alto (nas árvores)

- (70) *nukkū dehkopule*

~d^uk_H *deko-p^u-le*
 ilha/mato no.meio-LOC-OBJ
 no meio da mata

- (71) *n^uhk^u dehkopi^u ihiya*
- ~d^uk_H* *deko-p^u* *ihi-aya*
 ilha/mato no.meio-LOC COP-PRES:SUPOSTO
 era no meio do mato

- (72) *top^ule tido Dui iñabohkaya i'kākido*
- to-p^u-le* *ti-do* *** *iñā-boka-aya*
 3SG.POSS-LOC-OBJ ANPH-SG *** ver/olhar-achar-PRES:SUPOSTO
- i'kā-ki-do*
 um-MASC-SG
 por lá o Luis avistou um

- (73) *w^un^udu^ule tido iñabohkaya, w^un^u*
- w^un^u-du-le* *ti-do*
 bicho.preguiça-muito/AUM-OBJ ANPH-SG
- iñā-boka-aya* *w^un^u*
 ver/olhar-achar-PRES:SUPOSTO bicho.preguiça
 avistou uma preguiça, preguiça (bicho preguiça

(74) *tikiro w̄n̄n̄t**tikiro* *w̄n̄n̄t*

aquele/ele bicho.preguiça

a preguiça

(75) *yuhku duhp̄p̄p̄t yohsa tiro ñewa'sa yetihiano yohsaduhkule*

<i>yuktu</i>	<i>d̄hp̄t-p̄t</i>	<i>yohsa</i>	<i>ti-do</i>	<i>ñee-wa'a-sa</i>	
árvore	galho-	estar.pendurado	ANPH-SG	***-ir	-fazer/ser.assim;
LOC					mais.ainda;por.isso;entao

CONTR;

yee-tihia-no *yohsa-duhku-de*

fazer-***-SG estar.pendurado-em.pé/ficar-VIS.IPFV.2/3

ele está agarrado num galho de árvore e assim está pendurado

(76) *tikiro bo'ro saa yohsaga**tikiro* *bo'do* *saa*

aquele/ele	coisa/modo	(desse modo)	fazer/ser.assim;CONTR;
			mais.ainda;por.isso;entao

yohsa-agá

estar.pendurado-PRES:INTER

o animal desse tipo fica pendurado

(77) *tikiro w̄n̄n̄t nee sihiorosa nee yearaga**tikiro* *w̄n̄n̄t* *nee* *sihioro-sa*

aquele/ele bicho.preguiça NEG ***-
fazer/ser.assim;CONTR;mais.ainda;por.isso;entao

nee yea-da-ga
NEG ser.agressivo-NEG-PRES:INTER
esse bicho preguiça não é agressivo

(78) *siorosa yedikiro bo'do ihiedaye ne uhsua*

sio-rosa *yee-di-ki-ro*
ser.diferente;ser.diffíl;ser.separado-*** fazer-NMLZ-MASC-SG

bo'do *ihi-eda-aye* *ne usua*
coisa/modo (desse.modo) COP-NEG-REP:DIST NEG estar.bravo
ele não faz nenhum tipo de coisa não fica agitado

(79) *yeerikiro bo'do ihiaye tikido wunut*

yee-ri-ki-ro *bo'do*
fazer-NMLZ(INFER)-MASC-SG coisa/modo (desse modo)

ihi-aye *tikido* *wunut*
COP-REP:DIST aquele/ele bicho.preguiça
é desse tipo o bicho preguiça

(80) *sayero tikiro wunut*

saye-ro *Tikiro* *wunut*
então-SG aquele/ele bicho.preguiça

por isso o bicho preguiça

(81) *wuñugñ pahido kihti kuoaga, ahpeta yautaha*

wuñu-gñ *pahi-do* *kiti*
 bicho preguiça-SWRF ser.grande-SG história/conto

kuo-aga *ahpe-ta* *yau-i-taha*
 ter -PRES:INTER outro-EMPH falar/contar-1/2SGM-IRR

o bicho preguiça também tem uma história comprida, outro dia eu conto (história)

(82) *tikiro wuñu, a'li dehko kuhuno*

tikiro *wuñu* *a'li* *deko* *kuhuno*
 aquele/ele bicho.preguiça DEM.PROX no.meio senhor-SG
 esse bicho preguiça, era senhor da vida

(83) *a'li dehko khuno ñekhuno ihiaye tikiro, ke'noañe ahsiyé o'olikiro, yu'shayegñlē o'likiro*
ihiaye nii yauduhkuli yu'ñ ñehkñ sumña

a'li *deko* *khuno* *~yekhuno* *ihi-aye*
 DEM.PROX no.meio senhor-SG ***-SG COP-REP:DIST

tikiro *ke'noa-ye* *asi-ye*
 aquele/ele ser.bom-NMLZ.INDF acender-NMLZ.INDF

o'o-li-ki-ro *yu'sha-ye-gñ-de*
 dar-NMLZ-MASC-SG ser.frio-NMLZ.INDF-ADD-OBJ

o'o-li-ki-ro *ihi-aye* *~dii*
 dar-NMLZ-MASC-SG COP-REP:DIST dizer

yau-duhku-li *yu'u* *~yeku'* *sumua*
 falar/contar-em.pé/ficar-VIS.PFV.2/3 1SG avô umbigo
 era avô do senhor da vida (senhor das estações), quem dava o calor, e também ele dava o frio
 assim meus avôs me disseram

(84) *sayedo tikido w̄n̄n̄ tikirole iñó buhkue yekoale topule*

saye-do *Tikido* *w̄n̄n̄* *ti-ki-ro-le*
 então-SG aquele/ele bicho.preguiça ANPH-MASC-SG-OBJ

iñá-do *buku-ye* *yee-ko-a-le*
 ver/olhar-SG ser.alegre-*** fazer-DUB(?)-VIS.IPFV.2/3

to-pu-le
 3SG.POSS-LOC-OBJ

por isso o bicho preguiça vendo ele parece que agrada (ele, a preguiça, ficou feliz pq foi visto)

(85) *saye tikiro w̄n̄n̄l̄e tikina iñá yu'dukāñe taha*

saye *Tikiro* *w̄n̄n̄-de* *ti-kina* *iñá*
 então aquele/ele bicho.preguiça-OBJ ANPH-PL ver/olhar

yu'du-kā-yee *taha*
 passar-***-PL.INDF EMPH

então eles viram o bicho preguiça e foram seguindo de novo (pela trilha)

(86) *wunulē tikido iñā yu'dukānopule taha, to ma'apule taha*

wunul-de *tikido* *iñā*
bicho.preguiça-OBJ aquele/ele ver/olhar

yu'du-kā-no-pu-le *taha* *to*
fazer/ser.antes-***-SG-LOC-OBJ EMPH ANPH/DEF

ma'a-pu-le *taha*
caminho-LOC-OBJ EMPH
depois que avistaram o bicho preguiça, na trilha

(87) *dia u'tidikidole tikina iñaya taha*

dia *u'tidikidole* *ti-kina* *iñ-a-aya* *taha*
rio *** ANPH-PL ver/olhar-PRES:SUPOSTO EMPH
eles avistara também a jibóia

(88) *dia u'tikirikido yu'ñ ninikido pinono ihaga*

dia *** *yu'ñ* *nini-ki-do* *pinono* *ih-i-aga*
rio *** 1SG ***-MASC-SG cobra COP-PRES:INTER
o que me refiro é uma cobra

(89) *pinonolē uhsā pihsuahataha tikido dia utirikido ihiya*

pinono-le ~*usa* *pisu-aha-taha* *tikido* *dia*
cobra-OBJ 1PL.EXC chamar-VIS.IPFV.1-IRR aquele/ele rio

*** *ihi-aya*

*** COP-PRES:SUPOSTO

nós chamamos ele de jibóia

(90) *mahsā i'yalikido ihiaga ihidopea*

mahsa *i'ya-li-ki-do* *ihi-aga*

gente/seres comer-NMLZ-MASC-SG COP-PRES:INTER

ihi-do-pe'e-a

COP-SG-CONTR-EMPH

ele costuma devorar pessoas

(91) *yahrido nee kaliboeraga*

yapi-do *nee* *kalibo-era-aga*

estar.alimentado-SG NEG ***-NEG-PRES:INTER

se estiver de barriga cheia ele não faz nada

(92) *yahpiero uhsua niaga tikiro bo'do*

yahpi-era-do *usua* *ni-aga*

estar.alimentado-NEG-SG estar.bravo COP(TUK?)-PRES:INTER

tikiro *bo'do*

aquele/ele coisa/modo (desse modo)

se estiver com fome ele é agressivo

(93) *tikidole iña, Dui namono me'na tikina iña tikina yu'dukā wa'ya taha*

ti-ki-do-le *iña* *** *~dabo-no* *~be'da*
 ANPH-MASC-SG-OBJ ver/olhar *** esposa-SG COM/INS

ti-kina *Iña* *ti-kina* *yu'gut-kā* *wa'a-aya*
 ANPH-PL ver/olhar ANPH-PL passar-DUR ir-PRES:SUPOSTO

Taha

EMPH

vendo ele, o Luis viu com a esposa e passaram de novo

(94) *wihpītapū tina ehsete niya naha*

wihpī-ta-pū *ti-na* *ehsa-eti -yee*
 açaí-***-LOC ANPH-PL chegar(lá)/permanecer-IPFV-PL.INDF

ni-aya *-naha*

PROG-PRES:SUPOSTO EMPH

estavam chegando no local de açaí

(95) *tikiro dia u'tirido tina iña yu'dukā'ā*

tikiro *dia* *** *ti-na* *iña* *yu'dukā'ā*
 aquele/ele rio *** ANPH-PL ver/olhar passar-COMPL
 depois que avistaram a jibóia e passar

(96) *yuhkuli buhyehku ihidopū tikina ehsaya*

yuhkut-li buhhuyehku ihi-do-pu ti-kina
 árvore-NMLZ *** COP-SG-LOC ANPH-PL

esa-aya
 chegar(lá)/permanecer-PRES:SUPÓSTO
 chegaram no lugar onde tem árvores enormes

- (97) *nuhkūpule yuhkuli buhhuyehku ihiaga*
nuhkū-pu-le yuhkut-li buhhuyehku ihi-aga
 ilha/mato-LOC-OBJ árvore-PL *** COP-PRES:INTER
 na mata tem árvores grandes

- (98) *nuhkū waropule*
~dulkut waro-pu-le
 ilha/mato virgem(mata)-LOC-OBJ
 na mata virgem

- (99) *wialiro ihieraga nuhkū*
wia-li-ro ihi-era-ga ~dulkut
 ***-NMLZ-SG COP-NEG-PRES:INTER ilha/mato
 a mata virgem não é capoeira

- (100) *nuhkūlē ihiaye yuhkuli dose ihiye, buhhuyehku ihiropu tikina ehsaya taha*

<i>nuhkū-de</i>	<i>ihi-aye</i>	<i>yukū-li</i>	***	<i>ihi-aye</i>
ilha/mato-OBJ	COP-REP:DIST	árvore-NMLZ	***	COP-REP:DIST
<i>buhuyehkū-li</i>	<i>ihi-ro-pu</i>	<i>ti-kina</i>		
***-PL	COP-SG-LOC	ANPH-PL		
<i>esa-aya</i>				<i>taha</i>
chegar(lá)/permanecer-PRES:SUPPOSTO				EMPH
na mata virgem tem árvores de todo tipo, eles chegaram no lugar onde tinha árvores grandes				

- (101) *i'kāno yuhku buipule*

i'kā-no *yukut* *bui-pu-le*
 um-SG Árvore beirada(?)-LOC-OBJ
 em cima de uma árvore

- (102) *pehsaya taha peyekina taha*

pesa-aya *taha* *peye-ki-na* *taha*
deitar-PRES:SUPPOSTO EMPH muito-MASC-EMPH EMPH
tinha um monte

- (103) *tikina*

ti-kina
ANPH-PL
eles

- (104) *yuhkʉ buipʉle pehsayekina*
yukʉ bui-pʉ-le pesa-ye-kina
 árvore beirada(?)-LOC-OBJ deitar-NMLZ.INDF-PL
 os que estavam em cima da árvore
- (105) *ō'koana ihiya*
ō'koana ihi-aya
 *** COP-PRES:SUPOSTO
 eram macacos da noite
- (106) *ō'koanapali ihide topʉle*
ō'koana-pali ihi-de to-pʉ-le
 ***-muitos/todos COP-VIS.IPFV.2/3 3SG.POSS-LOC-OBJ
 são macacos da noite por lá
- (107) *ō'koanapalide tikina Duigñ*
ō'koana-pali-de ti-kina Dui-gñ
 ***-muitos/todos-OBJ ANPH-PL ***-SWRF
 os macacos da noite o Luis
- (108) *ti yuhkʉ buipʉle tikina iñabohkaya*
ti yukʉ bui-pʉ-le ti-kina
 ANPH árvore beirada(?)-LOC-OBJ ANPH-PL

iñā-boka-aya

ver/olhar-achar-PRES:SUPOSTO

eles avistaram em cima das árvores

(109) *ō'koana pali ihiaya tikina, tikinag̃ ū yu'ū ninosa'ta ō'koana siorosa mahsālē nee yeeraga*

<i>ō'koana</i>	<i>pali</i>	<i>ihi-aya</i>	<i>ti-kina</i>
***	muitos/todos	COP-PRES:SUPOSTO	ANPH-PL

ti-ki-na-g̃ ū *yu'ū* *** *ō'koana*

ANPH-MASC-PL-SWRF 1SG *** ***

sio-rosa *mahsā-de* *nee*

ser.diferente/ser.difícil/ser.separado-*** ***-OBJ NEG

yee-era-agá

fazer-NEG-PRES:INTER

eram macacos da noite, como estava dizendo os macacos da noite não fazem mal algum para as pessoas

(110) *saa iñā du'timakā muhāga tikina bo'ro*

<i>Saa</i>	<i>iñā</i>	<i>du'ti-maka</i>	<i>muhāga</i>
fazer/ser.assim;CONTR;mais.ainda;por.isso;entao	ver/olhar	esconder-	***
		procurar	

ti-kina *bo'do*

ANPH-PL coisa/modo (desse modo)

eles só ficam vendo e vão fugindo

- (111) *siorosa yeraga tikina õ'koana*
sio-rosa *yee-era-aga* *ti-kina*
 ser.diferente/ser.diffícil/ser.separado-*** fazer-NEG-PRES:INTER ANPH-PL

o'kõa-na
 macaco.da.noite-EMPH
 não fazer qualquer outro tipo de coisa os macacos da noite

(112) *tikinalẽ tikina topule iñaya*
ti-ki-na-le *ti-kina* *to-pu-le*
 ANPH-MASC-PL-OBJ ANPH-PL 3SG.POSS-LOC-OBJ

iña-aya
 ver/olhar-PRES:SUPPOSTO
 por lá eles avistaram

(113) *õ'koanalẽ tikina iña bahtotiya naha (bahtotiye-visto ser ultimo)*
 *** *ti-kina* *iña* *bato-tiya* *-naha*
 *** ANPH-PL ver/olhar EMPH
 o que eles viram por último foram os macacos da noite

(114) *te tikina ti nñhkñ yñ'dukã, te tikinanaha wihpñtapñ ehsaya naha*
tee ti-kina ti ~dukñ yñ'gñ-kã ***

até ANPH-PL ANPH ilha/mato passar-DUR até ***

wihp̫i-ta-pu *esa-aya* *-naha*
 açaí-***-LOC chegar(lá)/permanecer-PRES:SUPOSTO EMPH
 eles foram passando dessa mata virgem, foram indo até chegar no local dos açaís

(115) *wihp̫itapu tikina ehsa*

wihp̫i-ta-pu *ti-kina* *esa*
 açaí-***-LOC ANPH-PL chegar(lá)/permanecer
 chegaram no local dos açaís

(116) *topule tikina naha wihp̫i neya*

to-pu-le *ti-kina* *-naha* *~wipi* ***
 3SG.POSS-LOC-OBJ ANPH-PL EMPH açaí ***
 por lá então eles tiraram o açaí

(117) *tikinape ñoli tikina muhñaya*

*** *** *ti-kina* ***
 *** *** ANPH-PL ***
 cada um deles foram subindo os seus pés de açaí

(118) *Dui-gñ ïkãño muhñaya*

Dui-gñ *** ***

***-SWRF *** ***

o Luis subiu num pé de açaí

(119) *tikiro namonog̩ i'kãñø m̩uhuãya*

tikiro *** *** ***

aquele/ele *** *** ***

e a esposa subiu em outro pé

(120) *saye tikina tire*

saye ti-kina ti-re

então ANPH-PL ANPH-OBJ

então eles

(121) *wihp̩ne nena wa'nataha tikina nidire*

*wihp̩-ne nee-na *** ti-kina ****

açaí-OBJ pegar-PL *** ANPH-PL ***

que eles disseram que foram pegar o açaí

(122) *tikina nee yeeya*

*ti-kina Nee ****

ANPH-PL NEG ***

eles pegaram

(123) *ke'noano buhkuedo me'na tikina tire wihpīne neya*

~ke'doa-no buku-edo ~be'da ti-kina ti-re
 ser.bom-SG ser.alegre-*** COM/INS ANPH-PL ANPH-OBJ

wihpī-ne ***

açaí-OBJ ***

com alegria eles foram pegando o açaí

(124) *saye tu'asa*

saye tu'asa
 então terminar.de
 depois disso (terminando)

(125) *saye tu'asa topule u'manopule ti wihpīñolī pule*

*saye tu'asa to-pu-le *** ti ****
 então terminar.de 3SG.POSS-LOC-OBJ *** ANPH ***

pu-le

LOC-VIS.IPFV.2/3

depois disso no alto dos pés de açaí

(126) *ti wihpīñolī û'mañañe ihmahato*

*ti *** *** ****

ANPH *** *** ***

esses pé de açaí são bem altos

(127) *ahpeye ñolî*

*** ***

*** ***

os outros pés (nem todos

(128) *sayero Dui u'mñalñolë mñhñaya*

saye-ro *** *** ***

então-SG *** *** ***

por isso o Luis subiu no pé de açaí bem alto

(129) *namonope taha u'mhe (da) khñlñolë mñhñaya taha*

namo-no-pe'e *taha* *** *** *** *** *taha*

esposa-SG-CONTR EMPH *** *** *** *** EMPH

e a esposa subiu no pé mais baixo

(130) *Duipe'e di'ta umñalñolë mñahñã iñoya, umñopyle*

*** *di'ta* *** *** *** ***

*** chão/terra *** *** *** ***

e só o Luis que subiu no pé açaizeiro alto e avistou

- (131) *o'õ tido iñoduhkumahape ne'e*

~ <i>o'o</i>	<i>ti-do</i>	***	<i>ne'e</i>
DEIC.PROX	ANPH-SG	***	buriti/miriti
aqui ele está vendo né			

(132) *iñó topule iñopehsale, iñopehsa topule maadu, do'se ihiye yuhkuli o'õme bahuole topule*

<i>iña-do</i>	<i>to-pu-le</i>	***	***
ver/olhar-SG	3SG.POSS-LOC-OBJ	***	3SG.POSS-LOC-OBJ
*** <i>do'se</i>	<i>ihi-aye</i>	<i>yuhkulli</i>	*** ***
*** como	COP-REP:DIST	árvore-PL	*** ***
<i>to-pu-le</i>			
3SG.POSS-LOC-OBJ			
ficou avistando no pé, ficou avistando por lá o rio, qualquer coisa, aparecem a nuvens			

(133) *saa wa'aya*

<i>Saa</i>	wa'a-ya
fazer/ser.assim;CONTR; mais.ainda;por.isso;entao	ir-IMP
assim aconteceu	

(134) *saye tu'asa tikina naha*

<i>saye</i>	<i>tu'asa</i>	<i>ti-kina</i>	<i>-naha</i>
-------------	---------------	----------------	--------------

então terminar.de ANPH-PL EMPH

feito isso eles

(135) *Dui namono me'na ti wihp̃i, ti wihp̃ito'õl̃i ne tikina yoo tohoa waya*

*** ~dabo-no ~be'da ti ~wipi-ti-*** ne
 *** esposa-SG COM/INS ANPH açaí-ANPH-*** NEG

ti-kina yoo *** ***
 ANPH-PL milho *** ***

o Luis com a esposa , foram levando os cachos de açaí de volta (voltaram segurando)

(136) *yoo tohoawa'ya naha tikina naha, tohoaye niya naha, o'õna naha, tohoaye nine (prog)*

yoo *toho-wa'a-aya* -naha *ti-kina* -naha
 milho chegar.em.casa-ir-PRES: SUPOSTO EMPH ANPH-PL EMPH

*** *ni-aya* -naha *** -naha ***
 *** PROG-PRES: SUPOSTO EMPH *** EMPH ***

ni-ne

dizer-VIS.IPFV.2/3

foram levando de volta, eles estavam voltando, aqui eles voltando

(137) *tohoa, te tikina mahalidopu tikina bua'saya*

*** tee *ti-kina* *** *ti-kina* ***
 *** até ANPH-PL *** ANPH-PL ***

voltaram, desce no porto onde eles subiram

- (138) *bu'asa, tikina naha i'kano me'na naha*

<i>bu'a-esa</i>	<i>ti-kina</i>	<i>-naha</i>
descer.na.terra-chegar(lá)/permanecer	ANPH-PL	EMPH

<i>~i'ka-no</i>	<i>~be'da</i>	<i>-naha</i>
um-SG	COM/INS	EMPH
desceram, eles foram juntos		

- (139) *ko'yea naha, i'kano me'na tikina yalia yuhkusapu tikina sahā*

*** -*naha* *** ~*be'da* *ti-kina* *yalia* *yukusa-pu*

*** EMPH *** COM/INS ANPH-PL *** canoa-LOC

<i>ti-kina</i>	<i>sahã</i>
ANPH-PL	entrar
voltaram, entraram na canoa juntos	

- (140) *wihpî tôgû, wihpî tôlígûlê tikina nesâ*

~wipi *** *~wipi* *** *ti-kina* ***
açaí *** *açaí* *** ANPH-PL ***

o cacho de açaí, levaram os cachos de açaí na canoa

(141) *ko'ebu'duaya, ïkano me'na ko'eya naha, Dui namonolẽ kõ'ëdaya naha*

***	***	<i>~be'da</i>	***	<i>-naha</i>	***
***	***	COM/INS	***	EMPH	***
<i>namo-no-le</i>			***	<i>-naha</i>	
esposa-SG-OBJ			***	EMPH	

desceram voltando, voltaram juntos, o Luis não abandonou mais a esposa dele

(142) *ï'kano me'na tikina ko'e yeya, tikina wihpõ nee ko'eye niya, neko'e, tikina tide iñabo*

<i>~i'ka-no</i>	<i>~be'da</i>	<i>ti-kina</i>	<i>ko'e</i>	***	<i>ti-kina</i>
um-SG	COM/INS	ANPH-PL		***	ANPH-PL
<i>~wipi nee</i>	*** <i>ni-aya</i>		***		
açaí	NEG	*** PROG-PRES:SUPOSTO	***		

<i>ti-kina</i>	<i>ti-de</i>	***
ANPH-PL	ANPH-OBJ	***

eles foram juntos, voltaram com açaí, retornaram, eles preperaram

(143) *ahsipo, piowe, si'nina'ño, tikina yeya*

***	***	***	<i>ti-kina</i>	***
***	***	***	ANPH-PL	***

esquentaram, coaram, tomaram, assim eles fizeram

(144) *a'li bo'do sa ihiaga a'li wihpõ neñe, saye tikina topule nuhkõpule tiniñe tope tikina iñaya*

a'li *bo'do* *sa*

DEM.PROX coisa/modo (desse fazer/ser.assim;CONTR;mais.ainda;por.isso;entao
modo)

ihi-agá *a'li* *~wipi* *nee-yee* *saye*

COP-PRES:INTER DEM.PROX açaí pegar-PL.INDF então

ti-kina *to-pħ-le* *nħħkħ-pħ-le* ***

ANPH-PL 3SG.POSS-LOC-OBJ ilha/mato-LOC-OBJ ***

tope *ti-kina* *iñ-a-aya*

estar.no.fundo ANPH-PL ver/olhar-PRES:SUPPOSTO

é assim quando tiramos o açaí, e assim avistaram quando estavam no mato

(145) *yaido da'pokālī*

yai-do ***

onça/pajé-SG ***

pegadas de onça

(146) *wħnħlē, o'ðkoanalē*

*** ***

*** ***

bicho preguiça, macacos da noite

(147) *dia u'tiridole tikina iñaya siodosa yeda'ya tikinalē*

dia *** *ti-kina* *iñá-aya*
rio *** ANPH-PL ver/olhar-PRES:SUPOSTO

(148) *a'li ihide*

a'li *ihi-de*
DEM.PROX *COP-VIS.IPFV.2/3*
é isso